

Diálogos Interculturais:  
Caminhos educativos para a transformação e para a  
complexidade social

[Dissertação de Mestrado]

Juliana Bezerra Youssef

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira

Lisboa, março, 2024

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



## AGRADECIMENTOS

Toda noite agradeço aos meus Orixás, guias espirituais. Sei que não ando só, por isso, honro e agradeço às suas bênçãos em minha vida. Uma das grandes bênçãos, que veio antes de mim, foi nascer filha de meus pais: Maria Aparecida e Jamil. Além de agradecer por uma vida inteira, agradeço ao amor e ao apoio de sempre. À minha irmã, inspiração em minha vida. Não menos importante são os(as) amigos(as) que são Sol, mesmo em dias nublados. Ao Nikita, pela presença diária, cuidado e pelas caminhadas em Lisboa que tornaram tudo mais leve. Por fim, à Vida, esse paradoxo maravilhoso.

## RESUMO

O atual contexto social, especialmente em países da Europa, com o crescente número de imigrantes e refugiados, coloca a todos em contato com diferentes racionalidades. Por um lado, no cenário internacional, há uma crescente onda conservadora diante das migrações, consequência de uma monoracionalidade que recusa a diversidade e se funda em apenas um modo de ser/viver como aceitável, tornando árido o pensamento e as relações. Por outro, e sem querer imprimir apenas dois caminhos para a questão, mas destacando o que importa para a pesquisa, há a potência de reflorescer o pensamento (Núñez, 2021), aproveitando a diversidade existente para potencializar o devir, desatado da repetição de apenas um projeto de mundo.

As sociedades multiculturais nos permitem uma outra leitura do mundo, uma vez que “a encruzilhada-mundo emerge como horizonte para credibilizarmos as ambivalências, as imprevisibilidades, as contaminações, as dobras, atravessamentos, os não ditos, as múltiplas presenças, sabedorias, e linguagens, ou seja, as possibilidades” (Rufino, 2019, p.18). Reivindicada assim, as sociedades multiculturais enquanto encruzilhadas, tem como potência o *cruzo*. Ou seja, a partir do contato com outras racionalidades e experiências de mundo, as verdades podem deixar de ser absolutas para ampliar as perspectivas e ser possível a construção do comum, que não se confunde com algo igual ou homogêneo.

Nesse sentido, a pesquisa visa investigar em que medida o contato com outras culturas é um meio de complexificação da realidade e um processo educativo de formação do ser humano.

A racionalidade dominante fala de um mundo binário posto, remontando o pensamento do passado colonial que dá as bases para esse *modus operandis*. Nessa perspectiva, o mundo já está “dado” e é valorado a partir de oposições como certo/errado, bem/mal, homem/natureza, etc. Desafiando essa lógica, a pesquisa parte do pressuposto de que o mundo está em constante construção e é construído, tanto pela ação das grandes instituições, corporações, empresas, governos, etc., quanto pelo nosso fazer e encontros cotidiano, no que se debruça essa pesquisa.

As pessoas sujeitas a travessias culturais intensas se tornam também elas mais complexas, desenvolvendo identidades compósitas e multifacetadas. É o universo desses sujeitos que pretendo compreender. O outro, então, aparece não mais como ameaça, mas como possibilidade de deslocar a experiência de mundo pessoal ao apresentar outra forma de fazer, sentir e agir e, com isso, reflorestar a nossa capacidade de pensar criar outras possibilidades mais inclusivas de mundo e de pensar o ser humano. O diálogo entre esses processos é entendido enquanto processo educativo de formação.

Para isso, fez-se um levantamento de dados através da pesquisa bibliográfica e, de acordo com o paradigma interpretativo, optou-se pela entrevista semiestruturada com pessoas diversas, mas com um aspecto essencial compartilhado, o contato direto e constante, seja pela profissão ou estilo de vida, com pessoas de outras culturas.

### **Palavras-chave**

mediação intercultural, educação, formação, micropolítica, ecologia das práticas.

## ABSTRACT

The current social scenario, especially in European countries, marked by the rising number of immigrants and refugees, is putting us all in touch with different ways of thinking. On one side, as seen globally, there's a growing conservative wave against migrations. This comes from a way of thinking that makes it hard for us to understand and get along with diversity. On the other hand, without intending to suggest only two approaches to the issue but emphasizing what is relevant to the research, there's the power of "reforestation of thought" (Núñez, 2021), using differences to boost development beyond just repeating one world project.

The exchange intensified by the globalization of international migratory flows, multicultural societies invite us to see the world in a new way: "The crossroads-world emerges as a horizon to validate ambivalences, unpredictability, contaminations, folds, crossings, the unspoken, the multiple presences, wisdom, and languages, in other words, the possibilities" (Rufino, 2019, p.18). That means, through contact with other ways of thinking and world experiences, truths stop being absolute, broadening our perspectives and making it possible to build common ground, that is neither identical nor homogeneous.

In this sense, the research aims to investigate to what extent contact with other cultures is a means of complexifying reality and an educational process for human development. The main idea that shapes how we think stands for a binary world as given. From this perspective, what exists already is, and we end up reproducing the same patterns of behaviors and truths, going back to the mindset of the colonial past that laid the foundations for this *modus operandis*.

Challenging this logic, the research assumes that the world is in constant construction and is constructed, both by the actions of large institutions, corporations, companies, governments, etc., and by our everyday actions. People subjected to intense cultural crossings also become more complex, developing composite and multifaceted identities. It is these subjects that I intend to understand. Thus, the other no longer emerges as a threat but as an opportunity to shift one's personal world experience by introducing another way of doing, feeling, and acting, thereby reforesting our capacity to think and create more inclusive possibilities for the world and the conception of humanity. The dialogue between these processes is understood as an educational formation process.

For this, data collection was conducted through bibliographic research and, according to the interpretive paradigm, semi-structured interviews were chosen with diverse people, but with one essential aspect in common, direct and constant contact, whether through profession or lifestyle, with other cultures.

### **Keywords**

intercultural mediation, education, formation, micropolitics, ecology of practices.

# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	1
Resumo .....	2
Abstract.....	4
Introdução.....	8
Capítulo 1 – Revisitando conceitos: espaços gravitacionais da pesquisa.....	17
1.1 Educação e formação.....	18
1.2 Mediação intercultural.....	26
1.3 Ecologia das práticas e micropolítica .....	31
Capítulo 2 – Metodologia da Investigação .....	41
2.1 Caminhos para construção do conhecimento .....	41
2.2 Entrevista.....	44
2.3 Universo de estudo .....	46
Capítulo 3 – Costurando sentidos: análise e comparação das entrevistas .....	50
3.1 Análise de conteúdo.....	50
3.1.1 Habilidades e competências.....	51
3.1.2 Alteridade .....	53
3.1.3 Auto percepção .....	55
3.1.4 Experiência de vida .....	57
3.1.5 Percepção da realidade .....	61
3.1.6 Articulação cultural .....	64
3.1.7 Reflexão cultural.....	66
3.2. Entrelaçando narrativas .....	67
3.3 Quadro de posicionamentos .....	72

Conclusões.....	79
Bibliografia.....	84
Apêndice A - Guião .....	90
Apêndice B - Entrevistas e categorias .....	93
B.1 entrevista com Maria Kruglyak.....	94
B.1.1 Quadro de categorias.....	104
B.2 entrevista com Igor Ivanowsky .....	113
B.2.1 Quadro de categorias.....	129
B.3 entrevista com Joana .....	137
B.3.1 Quadro de categorias.....	160
B.4 entrevista com Mariana Gomes.....	177
B.4.1 Quadro de categorias.....	194

## Introdução

A escrita de uma dissertação toma forma tal qual um ritual. A partir de conceitos balizadores, onde se convoca uma leitura-escrita-pensar coletiva, iniciado por quem escreveu, composto por todos os autores e sujeitos convocados e compartilhado com quem lê, funda-se um território/espaço presente, mas também suspenso no tempo, com a intenção – aqui projetada por quem escreve, mas que não se pode garantir o resultado – de sintonizar o nosso pensar-agir como potência para metamorfosear a realidade.

Igualmente foi a escrita desta, com vela e corpo presente, na medida em que “tudo que é textualidade nas mais amplas possibilidades de linguagem parte de uma experiência de saber que transita pelo corpo” (Rufino, 2019, p. 59). Por isso, a pesquisa parte do interesse diante da experiência pessoal da pesquisadora nas travessias da diversidade cultural, tanto como pessoa migrante, brasileira residente em Portugal, quanto viajante que percorreu, em um ano, por volta de 30 países do mundo entre Europa e Ásia. Recordo-me das viagens que fiz pelo mundo, encontrando pessoas que, à primeira vista, pareciam tão diferentes de mim, mas que eram muito semelhantes também, e essas diferenças eram encantadoras e transformadoras.

Quando me mudei para Portugal, e fui viver em um bairro onde a presença de imigrantes é marcante, essas experiências ganharam uma nova dimensão. Caminhar pelas ruas, cruzando com pessoas vestindo trajes tradicionais de seus países de origem, por exemplo, tão diversos do meu, é um lembrete constante da riqueza e da complexidade dos mundos. No ponto de vista pessoal, essas experiências tiveram/têm um caráter educativo, pois estimulam reflexões sobre a realidade e promovem aprendizagem sobre nós, os outros e o mundo.

Desse modo, como abertura do trabalho e preparação desse território, trago uma história que ilustra os aspectos dissertados. A história foi retirada do livro *A pedagogia da encruzilhada*, de Luiz Rufino (2019). Vale esclarecer, para melhor entendimento, que o Orixá Exu é aquele que concede movimento e caminhos, encarnando as múltiplas possibilidades de ser e saber.

Exu mais uma vez esculhamba os efeitos monológicos dos discursos presentes nos regimes de verdade ocidentais. Em uma de suas passagens, ele é o

camarada que caminha sorrateiro entre os limites das moradas de dois vizinhos, dois homens de sabedoria reconhecida, que até então são bons amigos, vivendo de maneira tranquila. Porém, certo dia, ambos saem para trabalhar esquecendo-se de reconhecer as proezas e poderes de Exu sobre o mundo e os homens. O menino querido de Olodumare passa serelepe entre os limites da visão dos dois moradores, tocando sua flauta, de bernal e gorro na cabeça. Para testar os homens, Exu passa da mesma maneira entre os dois, só que, na cabeça, carrega um gorro de um lado pintado de preto, e do outro, de vermelho. Ao verem Exu, um comenta com o outro sobre o que viram, descrevendo aquela presença, e um impasse é gerado acerca da descrição da cor do gorro. Um querendo ser mais sábio que o outro, justifica a sua visão como sendo a correta: um defendendo que o menino levava um gorro preto na cabeça, o outro, que era um gorro vermelho. Nessa peleja em busca da certeza, do esclarecimento, da verdade e do título de sabedoria, os dois entram em um combate interminável que se encerra com ambos se destruindo (p. 52/53).

Podemos dizer que essa história nos revela algo importante. Os vizinhos, conhecidos por sua sabedoria, quando saem para trabalhar, ou seja, quando se aventuram no mundo, negligenciam reconhecer algo crucial: as potencialidades da existência, o fluxo constante, a imprevisibilidade e a energia do universo em constante transformação e criação. Assim, quando se aventuram no mundo, esses sábios esquecem de considerar essa dimensão da realidade.

Ao negligenciar o movimento e as possibilidades, eles tentam justificar a sua visão como a única correta, cristalizando a realidade em uma única possibilidade de verdade, uma única perspectiva. E ao se fixarem nessa disputa pela supremacia da verdade, acabam por se autodestruir, eliminando a chance de combinar realidades, de construir uma sabedoria baseada na coexistência de distintas formas de perceber o mundo.

Partindo desse conto, contextualizo o presente trabalho, destacando a sua relevância para a área de estudo. Busco oferecer contribuições significativas tanto para o avanço científico, quanto para o entendimento das dinâmicas sociais, relativamente à potência das sociedades multiculturais em constituir espaços educativos. Por sociedades multiculturais entende-se a coexistência de formas culturais e/ou grupos caracterizados

por culturas variadas, “articulando essa diversidade com presumíveis diferenças étnicas, religiosas, histórico-sociais, de nacionalidade” (André, 2012, p. 30).

Essa realidade está intimamente ligada aos avanços tecnológicos que permitiram a intensificação da mobilidade humana. Além disso, as transformações geopolíticas, com uma crescente concorrência, especialmente entre as potências globais, e a intensificação negativado da atividade humana no meio ambiente, resultando no esgotamento de recursos, ao colapso da biodiversidade e às mudanças climáticas em curso, têm impacto significativo na mundialização dos fluxos migratórios internacionais.

Segundo o Relatório Mundial sobre Migração 2022, havia 281 milhões de migrantes internacionais em 2020, o equivalente a 3,6 % da população global. E, de acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM), não fora a pandemia, o mundo teria hoje mais 2 milhões de migrantes internacionais. No futuro, estima-se que os números de migrantes internacionais continuem a crescer.

Significa dizer que as sociedades estão se tornando cada vez mais plurais, situação em que o espaço territorial é compartilhado entre grupos e pessoas com diversas visões de mundo e oriundas de diferentes sistemas e concepções sociais. As migrações questionam “significativamente as sociedades contemporâneas, criando espaços sociais que extravasam os estados nacionais, moldando as estruturas econômicas, políticas, culturais e sociais das sociedades e possibilitando a construção de identidades e formas de convivências plurais” (Vieira et al., 2020, p.7).

O crescimento desse fenômeno é ainda mais evidente, impulsionado pela globalização (ou globalizações, dada a sua diversidade). A globalização é entendida como um “conjunto de interações sociais que se traduzem na intensificação das relações transnacionais, sejam elas práticas interestatais, práticas capitalistas globais, ou práticas sociais e culturais transnacionais” (Santos, citado por André, 2012, p. 21).

Inicialmente localizada no campo da economia, as globalizações foram invadindo progressivamente outras áreas da atividade humana. Reconhecendo todo o debate e múltiplas dimensões acerca do conceito e fenômeno da globalização, nesse momento, importa a identificação de dois movimentos de globalização distintos: um deles associado a uma matriz econômica neoliberal, designado por Boaventura de Sousa Santos como globalização hegemônica, de natureza predatória “aos recursos de povos,

países, e regiões da periferia e do hemisfério sul, que as forças econômicas nacionais ou transnacionais do sistema capitalista mundial colonizam e que tentam impor um domínio não só industrial e econômicos, mais também militar, político e cultural” (citado por André, 2012, p. 107). Esse cenário, por um lado, tende a reforçar a perspectiva colonial dominante, buscando a homogeneização.

Nesse passo, os países com poder historicamente estabelecido, detentores do monopólio da indústria cultural, difundem as suas produções pelos mundos acentuando a proliferação de um único saber como válido, dando a impressão de uma cultura mundial uniforme. Isto é, conta-se a história de experiências locais (da sociedade europeia e, posteriormente, estadunidense), que tomam dimensões globais enquanto modelo de vida, entendida como a cultura Ocidental, e por essa razão são encaradas como verdades a serem seguidas. É como comenta o intelectual indígena Ailton Krenak em Krenak & Dantes (2021), afirmando que:

Toda cultura é produção. A cultura ocidental foi produzida também [...] Talvez o que a gente devesse observar é que ela evitou outras narrativas. Por evitar outras narrativas, ela quase se constituiu como uma monocultura. Monocultura sempre resiste a possibilidade de atravessar e ser atravessada por outras experiências (...).

As narrativas, dotadas de poder simbólico, organizam, identificam e influenciam concepções sobre o eu, o Outro e do mundo. Nessa conjuntura, há uma grande dificuldade em lidar com a diversidade, pois “sendo o sujeito estruturado na cartografia cultural que lhe dá forma e nela se espelha como se fosse o único mundo possível, o desmoronamento de <um mundo> é interpretado como sinal do fim <do mundo>, bem como o do seu <suposto si mesmo>” (Rolnik, 2020, p.56).

Em outras palavras, há a constituição de identidades fixas e realidades estaques, fazendo das diferenças uma ameaça. Quanto mais estigmatizadas, menor a possibilidade do exercício da alteridade, e maiores as chances de fomentar etnocentrismos, conforme nos aponta André (2012, p. 49):

Habitúamo-nos demasiado a estabelecer a demarcação entre o idêntico e o diferente tanto no que se refere à sua relação com a unidade, como no que se refere à sua relação com o tempo. Resultou dessa tendência do pensamento

ocidental, por um lado, a equação entre identidade e unidade e, por outro lado, a identificação entre identidade e permanência ou estabilidade. Neste contexto, o conceito de identidade deixou-se também contaminar pelo conceito de substância, tal como aconteceu com o conceito de cultura.

Por outro lado, ainda como assevera Boaventura de Sousa Santos, há a globalização anti hegemónica, isto é, mundialização da solidariedade, consubstanciada, especialmente, na ação de Organizações Não Governamentais (ONGs) transnacionais, que têm como campo de atuação a sustentabilidade, salvaguarda das culturas e direitos humanos (citado por André, 2012).

No mesmo sentido, Milton Santos (2012) nos fala da possibilidade do que ele chama de uma outra globalização, na qual o uso das técnicas e da informação seja feito com objetivos sociais e políticos para o bem-estar da sociedade em geral, uma vez que filosofias comuns e divergentes coexistem no espaço geográfico, impulsionando o surgimento de uma cultura popular que crie possibilidades de pensar a existência e a sobrevivência ante os ditames atuais.

Nesse cenário, a coexistência e a proximidade espacial de formas e/ou grupos culturais distintos, implicando no contato e reconhecimento de identidades diferenciadas, não se limita ao ponto de vista simbólico, mas, inclusive, ao físico e material, “já que não são apenas gostos, ideias, produções espirituais aquilo que circula, mas sim corpos, aglomerados de pessoas, objetos, vestuário, línguas e rituais ou cerimoniais sociais” (André, 2012, p. 109). O contato com outras formas de existência pode reflorestar o pensamento, como invocado por Geni Núñez (2021), proporcionando uma maior capacidade de imaginar outras sensibilidades, formas de se relacionar e modos de vida.

As sociedades multiculturais nos permitem uma outra leitura do mundo e sendo reivindicadas enquanto encruzilhadas (Rufino, 2019), espaço (físico e simbólico) de onde emerge as possibilidades, tem como potência o *cruzo*, que “opera sem a pretensão de exterminar o outro com que se joga, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo como acúmulo de força vital” (Rufino, 2019, p. 18).

É por esse enfoque que investigo o impacto que o contato com outras culturas tem no sujeito, na relação consigo, com o outro e com a realidade, visto que o convívio no espaço social permite a criação de experiências educativas.

Muitas vezes, o que acontece quando o assunto é educação, é que a nossa mente tende automaticamente a pensar nos ambientes institucionais, onde a escola é o mais marcante. No entanto, neste trabalho exploro a ideia de educação para além das paredes da escola, universidades ou instituições, uma educação fora desse contexto convencional, baseado em livros, matérias e instrutores. Nesse ponto, educação aqui é considerada “menos como uma ferramenta e mais como um ambiente onde a vida social do mundo moderno se constitui. É no campo da educação que você começa a fabricar o sujeito, a construir a pessoa” (Krenak, 2021, p. 177).

A relevância dessa dinâmica educacional torna-se evidente à medida que é no contexto histórico e cultural que se forja o imaginário de uma sociedade. A educação representa o ambiente onde ocorre a elaboração e recriação das visões de mundo, dos sistemas de valores e das metodologias de construção do conhecimento. Essa capacidade de recriação nos possibilita desenvolver um projeto social adaptável às exigências, potenciais e interesses de nossas comunidades (Marín, 2009).

Posto assim a questão, a presente investigação pretende perceber e refletir em que medida o contato com outras culturas, isto é, outras racionalidades, traduz-se em um processo educativo de formação dos sujeitos e complexificação da realidade. Em outras palavras, almeja compreender se nas interações, para além das trocas culturais entre os sujeitos, há uma circulação de sentidos e significados que complexifica a realidade, de modo que se procede um entendimento do mundo enquanto uma realidade em movimento e constante transformação.

Nessa senda, insta conhecer os efeitos na formação dos sujeitos. Formação, nesse caso, é entendida enquanto modo de ser, “mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, de consolidação da condição de sujeito autônomo” (Severino, 2006, p. 621). É a construção do sujeito na sua jornada ontológica de “Ser mais” (Freire, 1996). Essa jornada é manifestada na interligação da auto percepção do sujeito, e a maneira como percebe, interage e constrói o mundo, resultando na capacidade de transformação contínua, bem como a emergência de identidades compósitas.

Nessa dinâmica, considerando o processo educativo de formação, o outro é um elemento primordial, pois “O homem que conhece o mundo é o homem com os

homens” (Buber, citado por Pena, 2017, p. 767). Porém, isso só acontece quando se descoloniza o olhar para outro, reconhecendo a sua experiência e saberes enquanto válidos e credíveis, pois “o reconhecimento compreende a percepção e aceitação do outro em sua inteireza – com seus sentimentos, sua presença, seu corpo, seu espírito -, libertando-se da indiferença em relação a ele. “Responsabilidade” é o responder verdadeiro ao outro, ao que nos acontece” (Pena et al., 2018, p. 4).

Nesse passo, o foco são, principalmente, as políticas de (re)produção da realidade dos sujeitos, isto é, concentrando-se mais na esfera micropolítica do que na macropolítica, que é a esfera tradicional de atuação das esquerdas e das instituições, pois se interessa em como o afeto gerado pelo outro é interpretado e transformado pelo sujeito na sua construção da realidade.

Ademais, os objetivos específicos da pesquisa são: entender como as trocas culturais alteram a percepção de mundo dos sujeitos; observar qual o impacto que o contato com outras culturas tem na formação do sujeito; evidenciar a influência das relações interculturais na percepção da alteridade.

Quanto à estrutura da dissertação, esta encontra-se dividida em três capítulos, de acordo com a orientação-padrão. O primeiro capítulo corresponde ao enquadramento teórico da investigação, reconhecido como revisão da literatura e fundamentação teórica. Contém informações basilares para uma melhor compreensão da problemática, e alude a temas simultaneamente interligados à temática em estudo, quais sejam: 1) educação e formação, pensada além da divisão entre educação formal, não formal e informal, mas em uma perspectiva que considera o contributo educativo de todos os contextos vitais dos indivíduos, ocupando-se da educação no sentido etimológico, deixando de lado as questões institucionais e organizacionais. No tocante à formação, é abordada enquanto conceito extensivo da educação, onde um contém de algum modo o outro, no sentido contrário das teorias que encaram educação e formação com certa autonomia; 2) mediação intercultural, assente na Pedagogia Social, que se situa não só no conflito em si, à procura de uma transformação social; e (3) ecologia das práticas e micropolítica, fazendo um deslocamento da proposição de ecologia das práticas para pensar as relações humanas na esfera micropolítica e seus possíveis impactos.

Já o segundo capítulo refere-se à metodologia utilizada no âmbito da investigação, pautada fundamentalmente nas metodologias qualitativas apropriadas para investigar processos socioculturais, onde as interações dos sujeitos são o foco predominante. Optou-se pelo paradigma interpretativo, que entende o significado atribuído pelos sujeitos aos eventos que dizem respeito às suas vidas. Como instrumento de coleta de dados, a entrevista semiestruturada é o meio privilegiado para apurar experiências subjetivas dos participantes. Neste capítulo também são apresentados os perfis dos sujeitos entrevistados, isto é, o universo de estudo.

Por último, o terceiro capítulo é destinado à análise de conteúdo das entrevistas, pautadas na obra de Isabel Guerra (2006). Adotou-se uma abordagem analítica que transcende a simples descrição, desdobrando os componentes e explorando as suas interações, a fim de reconstruir significados. A análise indutiva deu origem a seis categorias, que são elaboradas neste capítulo: habilidades e competências, alteridade, auto percepção, experiência de vida, percepção da realidade, articulação cultural e reflexão cultural. Além disso, faz-se um diálogo entre as entrevistas, aquém da categorização, elaborando ideias compartilhadas entre os entrevistados.

A relevância dessa investigação é evidente ao observarmos as sociedades multiculturais, onde várias culturas, visões de mundo e práticas se encontram, demandando que achemos meios de lidar com essa diversidade sem recorrer a posturas conservadoras ou anti-imigração, que apenas aumentam as divisões e transformam as diferenças em ameaças.

Podemos aproveitar a interconexão entre pessoas de diferentes culturas nas sociedades multiculturais, e examinar essa situação não sob a ótica utópica de sociedades livres de conflitos, mas sim compreendendo as dinâmicas e explorando o seu potencial. Conflitos não devem ser vistos como algo necessariamente destrutivo, mas como uma fonte de transformações. Assim, a compreensão da mediação intercultural é essencial, fornecendo-nos referências e conteúdo para enfrentar essas situações de forma educativa e formativa. É por isso também que este trabalho escolheu abordar conceitos como educação, formação, mediação intercultural, ecologia das práticas e micropolítica, pois acredito serem essenciais para nos preparar para viver esse contexto.

Retomando ao conto que serve de ponto de partida para esta dissertação, os desdobramentos desta pesquisa, passíveis de serem aprofundados posteriormente, são proveitosos para não agirmos como os vizinhos, com presunções de verdades limitadas da realidade e de nós, mas ao contrário, para que possamos aprender a conviver com as muitas maneiras de estar no mundo, e buscar caminhos criativos para o (des)envolvimento social.

## Capítulo 1 – Revisitando conceitos: espaços gravitacionais da pesquisa

De acordo com a organização definida para o trabalho, este começa pela contextualização do estudo, através do desenho de um enquadramento teórico dos conceitos-chave em torno dos quais ele se organiza, chamados de *espaços gravitacionais da pesquisa*. Nesse sentido, não se pode perder de vista que os conceitos são construções, e se inscrevem no tempo e no espaço (Barros, 2011), e por isso se faz necessária à sua contextualização.

Por meio da revisão literária, designada de *estado da arte*, são convocados(as) autores(as) que se debruçaram sobre o tema, e é do constante diálogo com o conhecimento já produzido que este trabalho se insere em um quadro conceitual válido. Desta feita, os conceitos servem à comunicação no sentido do estabelecimento de limites semânticos daquilo que se pretende comunicar.

Quando delimitado, todo conceito deve ser valorativo, pragmático e comunicativo. Valorativo, no sentido de que o pesquisador precisa explicar a que corrente teórica os conceitos que adotou estão filiados. Pragmáticos, no que se refere à sua capacidade de serem operativos para descrever e interpretar a realidade. Comunicativos, ou seja, claros, precisos, abrangentes e ao mesmo tempo, específicos para serem entendidos pelos interlocutores da pesquisa (Deslandes et al., 2007, p. 20).

Diante do exposto, considerando que o estudo busca compreender e refletir sobre como o contato com diferentes culturas contribui para o processo educativo de formação dos indivíduos e para a ampliação da compreensão da realidade, determinou-se como conceitos-chave: (1) educação e formação, pensadas além da divisão entre educação formal, não formal e informal, mas em uma perspectiva que considera o contributo educativo de todos os contextos vitais aos indivíduos, ocupando-se da educação no viés etimológico, deixando de lado as questões institucionais e organizacionais.

No tocante à formação, é abordada como conceito extensivo da educação, onde um contém, de algum modo, o outro, no sentido contrário das teorias que encaram a educação e a formação com certa autonomia; (2) mediação intercultural assente na Pedagogia Social, que se situa para aquém do conflito em si, buscando uma transformação social e contribuindo para a composição de terceiras pessoas e; (3) ecologia das práticas e micropolítica, fazendo um deslocamento da proposição de ecologia das práticas para pensar as relações humanas na esfera micropolítica e seus possíveis impactos.

Por óbvio, se reconhece a incompletude de abordar todas as dimensões dos conceitos aqui trabalhados. Procurou-se, desse modo, a coerência de teorias que dialogam entre si. Para mais do que conhecer, clarificar e delimitar os conceitos, esse primeiro capítulo serve como uma abordagem inicial e exploratória da temática, bem como ponto de partida para o desenvolvimento da investigação e elaborações que serão produzidas, traçando um panorama que estabeleça uma conexão entre os conceitos, servindo como um fio condutor ao longo deste trabalho.

## **1.1 Educação e formação**

*“Pra que amanhã não seja só um ontem  
Com um novo nome”.*  
(AmarElo, Emicida).

Educação, na esfera conceitual, tem sido objeto de reflexão e estudo ao longo do tempo, onde a sua definição não é unânime, e o seu entendimento e abrangência acompanham a evolução social e humana (Barros, 2011).

Em vista disso, diante da diversidade de propostas e práticas, importa contextualizar o entendimento de educação aqui utilizado. Por educação, pode-se entender a transmissão de conhecimento acumulado das gerações passadas às gerações futuras, permitindo o acesso à cultura que a humanidade já produziu, preservando a memória e garantindo o desenvolvimento humano, a construção do presente e do futuro (Nico, 2020).

Baseada apenas nesse entendimento, a educação muitas vezes é reduzida, pelo senso comum, inclusivamente por parte de professores e educadores, à escolarização ou instituições formais de ensino, reduzindo-se a uma ação que acontece essencialmente no

espaço institucional (Ireland, 2019). Não raras as vezes, vem acompanhada da ideia de que educar é um processo de preparação para um determinado fim, geralmente a vida adulta, especialmente a profissional, e consiste em preencher um vazio, transmitir o conhecimento que falta: um conhecimento que é fragmentado, em razão da sistematização da educação e do formato das instituições, que acabam por configurar, de igual maneira, o modo de ser e pensar dos sujeitos.

Constata-se facilmente que a importância social e cultural que passou a ser atribuída aos sistemas educativos formais, e à sua lógica de organização interna, atravessou as fronteiras da escola [...] e invadiu o próprio entendimento do homem acerca de si mesmo, de tal modo que o tempo de vida humana passa a estar profundamente associado ao tempo de escolaridade e do fim da escolaridade, duas fases da vida sequenciais e estanques, em que se espera que os indivíduos se preparem convenientemente na primeira fase de forma a garantir o sucesso ao longo de todo o tempo da segunda (Barros, 2011, p. 25).

A educação, entendida dentro desse aspeto, limita as temporalidades em que acontece, ou seja, a educação estaria restrita a certas idades e fases da vida, e a algumas modalidades: “à medida que isolam o tempo dito educativo de outros tempos de vida, postulam que os outros tempos não o são [...] e condiciona a aceitação dos outros tempos sociais como não-educativos, ou seja, alienantes” (Pineau, 2004, p. 54).

Sem discordar da concepção de educação enquanto transmissão de conhecimento, mas avançando “com” e “sobre” ela, é necessário falar de educação em seu significado *lato*, pois considerar a mera transmissão de conhecimento é permanecer na superfície. Há de se entender que essa noção restrita de educação não serve às necessidades e desafios da sociedade atual, cada vez mais complexa (Libênio, 2022). Como assevera Morin, citado por Almeida (2008, p. 45):

[...] la educación no puede reducirse a la enseñanza, pues su misión está vinculada directamente al proceso de vivir. Aprender a vivir es el objeto de la educación, y essa aprendizaje necesita transformar la información en conocimiento, las conocimientos en sapiencia (sabiduría y ciencia) e incorporar essa sapiencia a la vida.

Dewey (1979), em sua obra *Educação e Democracia*, usa o princípio da continuidade por obra da renovação para expor o que entende por educação. Para tanto, esclarece que a palavra *vida*, mais que significar aspectos biológicos e fisiológicos, no campo social, traduz um conjunto de costumes, instituições, crenças, vitórias e derrotas, divertimento e ocupações, assim como a palavra *experiência*, que acompanha a mesma riqueza de ações.

Voltando ao princípio da continuidade por obra da renovação, o referido filósofo e pedagogo acentua que “a mais notável distinção entre os seres vivos e inanimados é que os primeiros se conservam pela renovação” (Dewey, 1979, p. 1). Recordando-se, com tal afirmação, a noção de *autopoiese*, criada pelos cientistas chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela (2019), que já ultrapassou, em muito, os domínios da Biologia.

A noção de autopoiese está ligada ao fato de que os seres vivos, em processos biológicos e, conseqüentemente, nos sistemas sociais, se caracterizam por produzirem a si próprios, de modo contínuo, diante do acoplamento estrutural do organismo (ser vivo) com o meio. Para exercer de modo autônomo essa constante criação, precisam recorrer aos recursos do meio ambiente, tornando-se dependentes relacionais. Isso significa dizer que todos são autônomos e dependentes, em uma condição paradoxal.

os seres vivos são autônomos, isto é, autoprodutores – capazes de produzir seus próprios componentes ao interagir com o meio: vivem no conhecimento e conhecem no viver [...] Por serem autônomos, eles não podem se limitar a receber passivamente informações e comandos vindos de fora. Não “funcionam” unicamente segundo instruções externas. Conclui-se, então, que se os considerarmos isoladamente eles são autônomos. Mas se os virmos em seu relacionamento com o meio, torna-se claro que dependem de recursos externos para viver. Desse modo, autonomia e dependência deixam de ser opostos inconciliáveis: uma completa a outra. Uma constrói a outra e por ela é construída, numa dinâmica circular (Maturana & Varela, 2019, p. 14).

Está-se em constante autocriação, partindo das relações, seja com o meio ambiente, seja com a cultura, pessoas etc. Com essa autocriação, renovam-se as experiências, as crenças, as ideias, as esperanças e os hábitos: “Assim se explica, com efeito, a continuidade de toda a experiência, por efeito da renovação do agrupamento social. A

educação, em sentido seu sentido mais *lato*, é o instrumento dessa continuidade social da vida” (Dewey, 1979, p. 2).

Dialogando com tal entendimento, Freire (2001) leciona acerca do inacabamento de cada um, que não se confunde com déficits ou lacunas, mas refere a qualidade de que “nós somos seres programados, mas para aprender”. Ou seja, “aprender e ensinar, já que um implica o outro sem que jamais um prescindia normalmente do outro, vieram, na história, tornando-se conotações ontológicas” (Freire, 2001, p. 12).

Sob a ótica freireana, é da consciência desse inacabamento que se encontram as raízes da educação. Esta é a situação de conhecimento e intervenção do ser humano “no” e “com” o mundo, e uma forma de comunicação humana. A educação é tanto o acesso ao conhecimento, compreendido como produção social (Freire, 1996), quanto a sua produção: é ação, reflexão, intencionalidade e temporalidade, mediante a experiência.

Na ótica de Jara e Falkembach (2013), citados por Frantz et al. (2017, p. 15), “a experiência é sempre vivencial: implica uma vinculação física, emocional e também intelectual com o conjunto de elementos da trama imediata com a qual o sujeito se relaciona. Experiências são lugares vivos de criação e produção de saberes”. Logo, mais que uma transmissão de saber e pretensão intelectual, a educação é processada na experiência.

Boaventura de Sousa Santos (2022) afirma categoricamente que não é possível o conhecimento sem experiência. Isso porque conhecer é uma atividade corpórea, sendo o corpo e os sentidos o portal de acesso ao mundo e à racionalidade. Merleau-Ponty (1962), citado por Boaventura de Sousa Santos (2022, p. 135), aduz que, “na verdade, a percepção não é um produto da consciência, mas sim do corpo, não o corpo concebido como uma entidade externa que existe no mundo físico, mas antes o corpo vivo e vivido.”

O conhecimento, desse modo, “é produto da capacidade de pensar e viver o mundo, de atribuir significados à realidade; é gerado no esforço por entender e fazer a vida na relação com o outro” (Frantz et al., 2017, p. 15). Dessa maneira, nos diferentes espaços sociais, os seres humanos—em suas atividades e na convivência com outros seres humanos e não humanos—constroem interpretações, elaborações, explicações, visões

de mundo, teorias etc., em suma, elaboram conhecimentos, processam educação, aprendem, ensinam e desenvolvem as suas capacidades.

A educação é um processo de desenvolvimento que atua no transformar contínuo do ser humano. O desenvolvimento é um processo contínuo e, em última instância, exigência que a própria vida impõe, não apenas como escolha, mas por natureza, seja na infância, onde claramente há muitas capacidades e habilidades para se desenvolver, seja na vida adulta, onde o sujeito usa a sua experiência e aptidões para dialogar com o mundo e transformar o ambiente em que vive (Dewey, 1979).

Segundo Sachs (2005), citado por Vilutis (2019, p. 177), “o desenvolvimento não resulta da transposição mimética de experiências alheias e, sim, de um esforço endógeno baseado na autoconfiança (*self-reliance*)”. A autoconfiança, referida pelo autor, diz respeito à autonomia no processo decisório para a construção de um projeto de desenvolvimento baseado em suas próprias necessidades (Vilutis, 2019).

Libâneo (2022, p. 32) define a educação como “o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.”

Compreende-se, que a educação ultrapassa a noção de um processo de permanente enriquecimento de conhecimentos, é uma via privilegiada de construção da própria pessoa, das relações, grupos e nações, vivenciada por intermédio da comunicação e da convivência social. O indivíduo, ao experienciar a convivência social e em com-viver (conviver), que pressupõe uma experiência consciente, diferente de só viver junto, compartilha e transmite interesses, ideias, crenças, histórias etc.

A partir do momento em que consegue identificar outras existências além da sua, mas relacionadas à sua, na medida em que pode se perceber no outro, mas também perceber o outro em si, está preparado para conhecer a sua realidade, refletir sobre ela de forma crítica, contextualizada e postular hipóteses, pois há alguém que quer conhecer e algo/alguém a ser conhecido (Nicoletti & Nunes, 2020, p. 54).

A comunicação não apenas transmite uma mensagem, impactando quem a recebe, como afeta quem comunica, uma vez que é vital a elaboração e formulação da experiência para ser comunicada, modificando a disposição mental de todos os envolvidos, pois “a comunicação é o processo da participação da experiência para que se torne patrimônio comum” (Dewey, 1979, p. 10).

Nesta senda, a educação “não pode ser entendida apenas como o processo institucional e instrucional, que é seu lado visível, concreto, objetivado, mas fundamentalmente como um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva” (Severino, 2006, p. 621).

A educação não pode se limitar à uma preparação para a vida, mas sim percebida como a própria vida (Dewey, 1979), de modo que deve-se criar condições de vida em que a aprendizagem se elabore com o processo de viver, tornando a condição presente educativa. Da mesma forma que ninguém se prepara para viver, não há preparação para educar, mas se educa através das experiências vividas inteligentemente. Isto é, a educação é uma (re)construção e (re)organização da experiência.

Trata-se de desvincular a educação de um fim para que se torne um princípio, o ponto de partida gerador e potencializador de forças que surgem da valorização e desenvolvimento do ser humano no seu destino de “ser mais” (Freire, 1996), representando um processo de humanização dos seres humanos. “O processo educativo não tem outro fim além de si mesmo: ele é seu próprio fim; e que [...] o processo educativo é um contínuo reorganizar, reconstruir, transformar” (Dewey, 1979, p. 53).

Dessa maneira, a educação incorpora outras temporalidades, visto que não acontece somente em um espaço (físico, simbólico ou temporal), mas se estende ao longo de toda a formação do sujeito. A divisão tempo educativo *versus* tempo não educativo é rompida para entender a possibilidade de todo tempo como formador. Essas novas temporalidades podem incluir, inclusive, o tempo visto como de lazer, por exemplo, renegado como tempo apenas de entretenimento. A educação está presente, ademais, em tempos de lazer e programas culturais, se estes são estímulos para/de elaboração, construção de sentidos, formulações e conexões, resultando em um processo de formação (Pineau, 2004).

O conceito de formação aqui utilizado não está ligado à busca de uma qualificação ou especialização, restringido o termo ao setor profissional. É certo que há grande debate acerca do termo, e é reconhecido que o significado começou a ser utilizado, inicialmente, associado ao mundo do trabalho (Barros, 2011; Pineau, 2004). Essa concepção está relacionada com a aquisição de competências, aptidões e aprimoramentos, com objetivos precisos e limitados às situações profissionais, de cariz utilitário.

O significado aqui pretendido é deslocado para a ideia de formação como modo de ser, “mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, de consolidação da condição de sujeito autônomo” (Severino, 2006, p. 621). É a construção do sujeito na sua jornada ontológica de “ser mais”.

A ideia de formação, enquanto organização das estruturas externas e internas, que dá forma ao ser. Não uma forma rígida, mas que está sempre passível de reforma, permitindo a passagem de consciência ingênua à uma consciência crítica, posicionando o indivíduo no papel de sujeito da sua própria história, na medida em que a tríplice dimensão do eu (autoformação), do mundo (ecoformação) e do outro (heteroformação) estão sempre presentes no processo de formação (Pineau, 2004).

Caminha em posição similar a compreensão de formação formulada por Couceiro citado por Barros (2011, p. 28), que a entende como um “processo que ocorre em cada sujeito e que traduz a dinâmica que dá forma ao seu modo de ser, estar, pensar e agir”. Logo, a formação é um exercício que se impõe como função vital essencial a ser exercida permanentemente (Pineau, 2004).

A educação, por seu turno, atua como orientadora no processo de formação, sustentada pela práxis da reflexão-ação em que, por meio da experiência, possibilita que o sujeito permaneça em constante evolução:

não no sentido darwinista, que muita gente se aproveitou [...] para imprimir mais contradição, mais irritação e mais desigualdade entre nós, mas uma evolução que nos leva ao sentido da vida. A vida é metamorfose. A vida é evolução nesse sentido. Uma lagarta [...] não sabe que vai ser uma borboleta. [...] evoluir é isso. É nós acreditarmos que podemos ser de lagartas a borboletas (Krenak, 2021).

Os desafios dessa formação se mostram diferentes no decorrer da vida, considerando, principalmente, a desorganização caótica que é a vida. E é justamente por isso que o permanente na formação é a mudança.

Diante dessas considerações, é preciso pontuar que não existe uma educação neutra. A educação, como processo individual e coletivo, se insere no conjunto de relações sociais, econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade (Freire, 1996; Libanêo, 2022; Nico, 2020). Destarte, há de se reconhecer que as relações sociais atuais são marcadas por interesses antagonistas, marcadas pelas relações de poder.

Dessa forma, os conceitos aqui abordados pretendem caminhar em direção oposta aos interesses mercadológicos de uma lógica de treinamento, que propõe a adaptação dos indivíduos à configuração da sociedade atual, sustentando a competitividade e o individualismo (Corrêa e Casto & Amorin, 2015; Lima, 2020), projetando a *educação bancária*, utilizando a expressão cunhada por Freire. Trata-se de buscar uma prática educativa que reafirme valores:

com ênfase na solidariedade, na coletivização dos processos e na defesa dos direitos humanos, que defende programas de ação comunitária, republicana, gratuita, em uma perspectiva de respeito à diversidade sociocultural e, ao mesmo tempo, de estímulo à formação crítico-emancipatória dos cidadãos (Corrêa e Casto & Amorin, 2015, p. 40).

A educação enquanto prática libertadora, diferente daquela de lógica mercadológica, implica a negação do homem determinado e abstrato, e a negação do mundo como realidade distinta dos seres humanos. É o reconhecimento dos seres humanos como sujeitos, em que consciência e mundo acontecem simultaneamente. Deste modo, para uma educação emancipatória é preciso que os sujeitos:

[...] se envolvam permanentemente no domínio político, refazendo sempre as estruturas sociais, econômicas, em que se dão as relações de poder e se geram as ideologias. A vocação para o ser mais, enquanto expressão da natureza humana fazendo-se na História, precisa de condições concretas sem as quais a vocação se distorce (Freire, 2001, p. 8).

Portanto, uma educação que se pretende comprometida com a emancipação deve estar comprometida com o outro, pluralista e dialógica, partindo do reconhecimento da diversidade (Rufino, 2019). Uma sociedade multicultural torna-se um ambiente educativo potente, de modo que a mediação intercultural, que será abordada a seguir, ganha destaque como modo de gestão de vida.

## 1.2 Mediação Intercultural

*“(...) Traduzir-se uma parte na outra parte—que é uma questão de vida ou morte—será arte?”.*

*(Traduzir-se, Ferreira Gullar).*

Quando se fala em mediação, o conceito popularmente associado à prática é de um processo alternativo de resolução de conflitos, onde um terceiro neutro ou imparcial auxilia as pessoas ou grupos a chegarem a um acordo. Pode-se dizer que essa concepção de mediação está relacionada com a mediação tradicional da escola de negócios de Harvard, que trazia a ideia mais preventiva e resolutiva dos conflitos, sem pretender, efetivamente, uma transformação social.

Ocorre, que as demandas sociais, cada vez mais complexas, exigiram transformações no entendimento acerca da mediação e em suas práticas, transitando para uma perspectiva criativa, “associada ao crescimento pessoal, e à construção e restauração de laços sociais, imprimindo à mediação uma dinâmica transformadora na forma de pensar e de agir” (Almeida et al., 2013, p. 147).

É certo que falar em mediação exige não esquecer a sua origem fundamental: o conflito ou situação conflituosa, isto é, uma divergência percebida de interesses/expectativas ou uma crença de que as aspirações—pessoais ou coletivas—não podem ser alcançadas. No entanto, em uma visão criativa, o foco da mediação não está propriamente no conflito, que é a manifestação objetiva de um confronto de vontades, mas em “um potencial específico de transformação das pessoas [...] Essa possibilidade de transformação tem origem na capacidade da mediação para gerar dois efeitos importantes: a revalorização e o reconhecimento” (Bush & Folger, 1996, citado por Torremorell, 2008, p. 17), transformando as relações e a realidade percebidas e sentidas.

Consoante ao exposto, a mediação não possui a finalidade exclusiva de alcançar um acordo, mas “contribui no processo de redimensionamento do conflito pelas partes, considerando um conjunto de condições psicológicas, culturais e sociais que deflagram as relações conflituosas” (Morais & Veras, 2018, p. 17). Trata-se de (re)estabelecer relações positivas e construtivas, que passa por um processo de humanização, pois admite o indivíduo como um todo, valorizando não apenas a sua racionalidade, mas toda a carga das histórias e vivências dos envolvidos.

Nesse passo, a mediação intercultural tem lugar em situações sociais multiculturais, apoiada no paradigma intercultural, como o próprio nome sugere. Na mediação intercultural, as diferenças são percebidas como potências enriquecedoras, tanto a nível social quanto individual. Seria, pois, “uma estratégia de construção de pontes e trânsito entre pessoas, diferentes pontos de vista e fronteiras culturais” (Vieira & Vieira, 2016, p. 27).

O termo *interculturalidade* define o processo de intercâmbio e interação dialógica entre os membros de uma sociedade multicultural. O prefixo *inter* traduz o desejado no conceito, exprimindo o sentido de reciprocidade na relação cultural. Na interculturalidade, o que se pretende não é a assimilação das culturas ou apenas a proteção das especificidades socioculturais dos grupos étnicos, mas uma composição da diversidade presente nas sociedades, “afirmando não apenas o diferente, mas também o comum, promove uma práxis geradora de igualdade, liberdade e interação positiva na relação entre sujeitos individuais ou coletivos culturalmente distintos” (Romero, 2010, p. 36).

Insta ressaltar que não se trata, portanto, de conviver sob o manto da tolerância, ou seja, na aceitação da diferença sem necessária troca entre os sujeitos, isso porque a tolerância consiste em aceitar o “equivoco” do outro, supondo que aqueles vivem suas crenças, desqualificando-as sob uma análise universalista de que só é aceito aquilo que se parece com o que a “maioria” faz, bloqueando qualquer possibilidade de aprendizado. O que se pretende é a incorporação de outras epistemologias e hermenêuticas multitópicas (Vieira & Vieira, 2016) para a criação de uma sociedade plural, sustentável e potencializadora da vida.

Logo, parte-se do princípio da incompletude das culturas e dos seres humanos, e do entendimento de que é na relação que residem os processos de desenvolvimento enquanto seres humanos, posto que “na diversidade residem as possibilidades de progresso da humanidade – uma vez que progresso deriva da colaboração entre culturas diferentes” (Rowland citado por Cortesão et al., 2005, p. 20).

O que se pretende é o deslocamento da visão maniqueísta de bem ou mal, tão comum à racionalidade ocidental, que acaba por fomentar o sectarismo social, ou ainda o paradigma da igualdade, em que por seguir a lógica binária, vê o desigual e a se fundar na lógica da diversidade, onde se entende as diferenças naturais entre as pessoas como geradoras de conflitos criativos, e não apenas destrutivos (Torremorell, 2008).

Neste viés, o paradigma intercultural rompe com a ideia de que para que haja coesão social é necessária uma sociedade homogênea, o que na prática sequer seria possível, uma vez que se olhar para a natureza, da qual fazemos parte, é a diferenciação que promove e mantém a vida, como relembra Ailton Krenak (2021):

Nós somos radicalmente diferentes uns dos outros, apesar da gente fazer um movimento constante, do ponto de vista da educação, do ponto de vista da formação de identidade, de que nós queremos ser iguais. Existe uma convocatória, que talvez venha desde o tempo em que se instala o tempo da modernidade, é que nós vamos andar em direção a um comum, a um igual. E nada na natureza nos informa sobre essa movida em direção a um igual. Tudo na natureza explode em diversidade. Então nós, humanos [...], somos radicalmente diversos, porque nós somos natureza.

A interculturalidade situa-se na fronteira, não em sua noção comum de linha que define rigidamente uma binariedade entre um dentro e um fora, mas por meio da noção de fronteira como ponto de articulação da autonomia e dependência (Pineau, 2004), ilustrada como “um médium de comunicação, o espaço habitável em que o eu e o outro encontram uma possibilidade de partilha e, assim, a possibilidade de dar origem a novas configurações de identidade” (Ribeiro, citado por André, 2012, p. 47).

Aliás, a mediação intercultural não se direciona apenas para a convivência social nos espaços físicos marcadas pela diversidade interétnica ou religiosa, mas considera a diversidade sociocultural, geracional, política, entre tantas outras diferenças que estão

presentes na sociedade, no âmbito nacional e internacional (Silva & Costa, 2022), e pode atravessar todas as mediações sociais e socioculturais, como a familiar, comunitária, laboral, entre outras (Vieira & Vieira, 2016), pois o que se busca com a mediação intercultural é o desenvolvimento de espaços (físicos e simbólicos) de interações positivas que proporcionam a transformação dos sujeitos, não com a eliminação dos conflitos, mas com a noção deste como meio de reconstrução individual e social.

A imagética da criação de pontes remete justamente para esse espaço de fluxo, escuta e cooperação multilateral, concretizadas através do diálogo e reconhecimento do outro como sujeito ativo e transformador, produzindo uma circulação de sentidos e significados entre grupos sociais, capazes de complexificar as relações. Isso porque reconhecer é a aptidão que um indivíduo desenvolve para perceber, detectar, localizar numa outra pessoa uma característica que não havia sido percebida antes, e que, devido a isso, simplesmente não tinha existência no campo de sua percepção. Mas reconhecer é, ao mesmo tempo, dar valor a alguém, aceitá-lo em seu meio, integrá-lo como colega ou parceiro (Costa, 2005, p. 243).

Essa dinâmica do reconhecimento é, sem dúvida, uma das bases para a construção da confiança mútua, individual e coletiva. A confiança não se traduz em um conjunto de crenças, mas numa questão de relacionamentos recíprocos (Solomon & Flores, 2002, citados por Costa, 2005). Logo, falar de mediação intercultural é:

admitir que terá de haver transformações das partes envolvidas, em termos de atitudes, comportamentos, representações e ações, por forma a se encontrarem plataformas de entendimento que não são pontos aritméticos fixos, mas, antes, terceiros lugares móveis, consoante às temáticas e acordos em discussão (Vieira & Vieira, 2016, p. 38).

Ainda que a palavra *mediar* ou *mediando*, em primeiro momento, ressoe a palavra *meio*, importa ressaltar que no campo da mediação não há um meio. A mediação rompe com essa lógica linear e dualista para se fundar em um paradigma da complexidade, pois não se trata de encontrar um ponto equidistante, mas de caminhar entre os pontos de encontro e desencontro, a fim de compor um mosaico.

Conforme Corbo (citado por Torremorell, 2008, p. 21), a mediação “não é uma forma de resolver conflitos, como se repete frequentemente, é uma forma de gestão da vida e, portanto, é uma transformação cultural”. Desta maneira, a mediação constitui uma nova cultura como processo educativo para a convivência.

À medida que a mediação intercultural reconhece o outro, e não tenta expurgar o conflito, saindo da dicotomia própria da racionalidade colonial, bem e mal, certo ou errado, opera-se a possibilidade de descolonização do outro e do pensamento:

olhar o mundo com essa disposição para a diferença talvez seja um movimento no sentido de produzir afetos antes de querer produzir igualdade. Produzir afetos é reconhecer que o outro pode ser tão diferente de mim quanto uma lagarta é diferente de uma borboleta, mas que nenhum dos dois negam que têm uma compartilhada origem na vida, na terra (Krenak, 2021).

Essa prática estaria, desta feita, abrindo espaço para o reconhecimento da multiplicidade de “modos de vida, visões de mundo, princípios explicativos e saberes necessários para a formação de uma sociedade que se oriente pela diversidade como princípio ético” (Rufino, 2019, p. 51).

A experiência dos processos de mediação pode ser versada como processo educativo, na medida em que impacta as dimensões relacionais do ser humano. Para o presente trabalho, foi dada especial atenção à dimensão intrapessoal, como formação integral, favorecendo a consciência crítica e a abertura ao diálogo interpessoal, sendo um processo que conduz à convivência, construindo laços entre as pessoas (Almeida et al., 2013).

É deste lugar em diante que se pode falar sobre a construção de terceiras pessoas. É no processo de interação entre o “eu” e o “outro” que o sujeito toma consciência de si. É certo falar que os outros constituem referências para ser. É por esse jogo de oposições, isto é, a mediação entre o mundo interno e externo, que se vai atribuindo significado à própria existência, integrando as experiências passadas e presentes, de maneira a construir uma identidade: “a identidade é formada a partir da relação estabelecida entre o *eu* interior e a sociedade envolvente. O seu ‘eu real’ permanece, mas é formado e moldado por essa exposição, contacto e conseqüente interação com a cultura(s) exterior(es)” (Vieira, 2010, p. 47).

Tem-se que a interação entre diferentes, com ou sem a participação de um mediador profissional, gera transformações e aprendizados. Em contextos multiculturais, considerando que há mais conflitos possíveis entre mundo interno e externo, as complexas relações das dimensões relacionais e de aprendizagem podem “resultar a emergência de novas formas culturais, terceiras culturas (BROCKMAN, 1998) e, terceiras pessoas (VIEIRA, 1999b), (...) tornados terceiros instruídos” (Vieira & Vieira, 2021, p. 184). Trata-se, nesses casos, de uma reconstrução identitária, em que o sujeito se aproveita das diferenças socioculturais para transformar-se, integrando o novo.

É nesse sentido que Martine Abdallah-Pretceille, citado por André (2012, p. 53), admite a identidade enquanto dinâmica, pois é uma “construção permanente, que é fonte de ajustamentos, de contradições, o mesmo é dizer de conflitos, de manipulações, de disfuncionamentos”. A partir da consciência dessa identidade compósita, que resulta de múltiplas pertencas, é que conseguimos ter uma relação rica e plural conosco e com outros.

### **1.3 Ecologia das práticas e micropolítica**

*“Pensamento*

*Mesmo o fundamento singular do ser humano*

*De um momento para o outro  
Poderá não mais fundar nem gregos,  
nem baianos”.*

(Tempo Rei, Gilberto Gil).

O conceito de ecologia das práticas abordado é proposto pela filósofa Isabelle Stengers (2021), partindo do questionamento acerca dos paradigmas epistêmicos e ontológicos modernos marcados por um pensamento polarizado, estruturado pela separação de natureza e sociedade, ciência e política, entre outros.

Segundo a reflexão da autora, que a mesma afirma compartilhar com Bruno Latour, essa bifurcação apresenta uma série de dificuldades para pensar e lidar com as questões do mundo atual, considerando a crise ecológica que afeta a preservação e conservação das espécies e recursos naturais e, conseqüentemente, as relações entre humanos e não humanos.

Com a emergência no campo das práticas científicas, a ecologia das práticas se apresenta como uma ferramenta para pensar. Em relação à composição do nome de sua proposição, Stengers dá sentido a palavra *prática* enquanto ato de produção de mundo. Para a filósofa, as diferentes práticas não são derivadas de diferentes representações do mundo, o que desafiaria a ideia de que o dilema da convivência (no mundo) é um mero problema de crença e representação.

As práticas são efetivamente formas de construção da realidade baseadas em outras maneiras de descrever e organizar o mundo. Mobiliza a ideia de ecologia como ciência dos processos originados pelas relações (humanadas e/entre não humanas), sendo uma ciência “das multiplicidades, das causalidades desencontradas e das criações não-intencionais de significação” (Stengers citada por Silva, 2020, p. 167).

A filósofa se posiciona criticamente contra a forma de fazer ciência que se dirige a um mundo passivo, bem como a hierarquia da ciência como única fonte de produção de saber e a hierarquização desse saber como único válido, desqualificando outros saberes que não se enquadram em seus métodos.

Para Stengers, cada prática está ligada a um modo de existência relacional que é co-produzida eto-ecologicamente, e a ecologia das práticas seria uma maneira de compreender essa constituição processual, onde “compreender significa criar uma linguagem que abre a possibilidade de ‘encontrar’ as diferentes formas sensíveis, de reproduzi-las, sem, no entanto, submetê-las a uma lei geral que revelaria suas razões e permitiria manipulá-las” (Stenger citada por Silva, 2020, p. 168).

Assim, a ecologia das práticas é uma proposta interessada em auxiliar a construção de novas possibilidades para práticas diferentes se conectarem, sem a necessidade de partir de um pressuposto comum, considerando que as práticas estão inseridas em mundos ativos distintos.

Para isso, os praticantes precisam abrir mão de justificar as suas práticas em uma verdade ou razão, sob princípios gerais, pois isso, conforme a autora, permite que, diante do problema ou da situação que os mobiliza, o senso de responsabilidade se escape, uma vez que não há tempo de devir, e as respostas já estão “na mesa”.

Responsabilidade é uma questão de preocupação, que se traduz em cuidado e atenção, e, como tal, está “aberta ao aconselhamento técnico” (Stengers, 2021, p. 17). Diante do agir, “não confie em nenhum princípio geral que lhe daria o direito de agir. Mas reserve um tempo para abrir sua imaginação e considere esta ocasião em particular” (Stengers, 2021, p. 17).

É no espaço do encontro que o acontecimento surge. Nesse sentido, responsabilidade é “ficar com o problema”, se deixar inundar pela obrigação de sentir e pensar nas implicações da situação. Uma diferença de práticas, na ecologia das práticas, não pode ser vista como crença, como seria se a justificação estivesse sob o manto da verdade e razão, mas trata-se—sempre—de uma diferença eto-ecológica.

Diante do exposto, como ferramenta, propõe-se transpor o seu uso para pensar as práticas nas relações humanas. E como ferramenta, ela não é neutra, como assegura Stengers (2021, p. 13), pois “envolve a decisão de nunca aceitar a destruição capitalista como libertando o terreno para qualquer coisa que não seja o próprio Capitalismo”. Isso porque, atualmente, o Capitalismo não pode ser considerado apenas a partir de sua base econômica de exploração da força do trabalho.

Sueli Rolnik, em seu livro *Esferas da Insurreição* (2020), chama a atenção para uma nova versão do Capitalismo em que a própria força da vida é capturada e explorada, isto é, a potência de criação, formas de existência, códigos e representações individuais e coletivas. Em suma, “a força vital de criação e cooperação é assim canalizada pelo regime para que se construa um mundo segundo seus desígnios” (Rolnik, 2020, p. 33), produzindo formas de vida que permitam a “acumulação de capital econômico, político, cultural e narcísico” (Rolnik, 2020, p. 84).

Para cada sistema há um regime de inconsciente que o sustenta e garante a sua consistência. É nessa esfera que é produzida uma certa subjetividade, “uma posição a ser ocupada pelos corpos, que agirão de acordo com essa posição, a partir de seus códigos de conduta específicos” (Silva et al., 2022, p. 10). Assim, nessa atual fase do Capitalismo, a sua força não é mais apenas econômica, mas cultural e subjetiva. Essa captura da força criativa leva a crer e reproduzir um mundo que é concebido e reforçado pelos paradigmas epistemológicos odontológicos modernos, como preexistentes, um mundo que é dado *a priori*.

A organização desse mundo dado tem em conta a modernidade e a organização colonial do mundo (que teve como ponto de partida o processo histórico de colonização europeia), que para além da dominação política, econômica e geográfica, ainda se constituiu na colonização/dominação dos saberes, linguagens, da memória e do imaginário, se organizando como uma grande narrativa universal (Lander, 2005): a ideia de um mundo comum.

Acentuada pelos processos de desenvolvimento tecnológico e pelas globalizações, tida como um “conjunto de relações sociais que se traduzem na intensificação das interações transnacionais, sejam elas práticas interestatais, práticas capitalistas globais, ou práticas sociais e culturais transnacionais” (Santos, 2006, citado por André, 2012, p. 21), constituiu-se uma monocultura do pensamento, que impede de imaginar mundos que superem uma narrativa consolidada. Como afirma Lapoujade (2017, p. 47), “Não temos uma perspectiva sobre o mundo, pelo contrário, é o mundo que nos faz entrar em uma de suas perspectivas”.

A *monocultura* é um termo importado da agricultura para traduzir a mesma imagética no campo social. Na agricultura, traduz-se o cultivo exclusivo de só um produto agrícola enquanto no campo social não se trata de um produto, mas de uma maneira de pensar (e existir) em que somente um mundo em específico é tido como correto e verdadeiro, concebendo outros saberes e conhecimentos como inferiores, anticientíficos (“crenças”), ultrapassados, ou mesmo negando a sua existência.

A terra, na monocultura, é levada ao esgotamento pela falta de diversidade dos nutrientes necessários para a sua sobrevivência. É assim, igualmente, com a monocultura do pensamento, com o conseqüente desmantelamento da possibilidade do convívio harmônico entre as distintas matrizes culturais de outras sociedades do Globo.

No entanto, se por um lado a globalização é capaz de potencializar a homogeneização da perspectiva colonial dominante, por outro, desafia essa mesma lógica, uma vez que coloca todos diante de símbolos, significados, configurações e modos de existência múltiplas, que se traduzem em uma perda de fronteiras no fazer cotidiano, seja na dimensão econômica, informática, cultural, entre outros (Moreno & Rosa Borràs, 2004, citados por André, 2016, p. 22), facilitando o alargamento da experiência humana de mundo e o questionamento das verdades ditas universais.

É marcada, deste modo, uma crise da constituição forçosa de um “mundo comum”:

Como sustentam ainda Lolive e Soubeyran, este argumento está imbricado numa “perspectiva antropológica”: ele depende da consideração dos agentes não humanos revelados pela etnografia das práticas científicas (ou ecologia das práticas, na expressão de Stengers) e dos povos “excluídos” da modernidade, como os povos indígenas e os povos imigrantes ou refugiados, que incluem seus espíritos e deuses em suas práticas de conhecimento e em sua ação política (Sztutman, 2019, p. 87).

Diante desse contexto, e retomando a ecologia das práticas, essa ferramenta está comprometida com a criação, ao invés da reprodução, escapando dos clichês analíticos:

O que está em jogo aqui é “dar à situação o poder de nos fazer pensar” (...). As ferramentas relevantes, as ferramentas para pensar, são então aquelas que abordam e atualizam essa potência da situação, que a tornam um assunto de particular preocupação, ou seja, nos fazem pensar e não reconhecer (Stengers, 2021, p. 12).

Pensar, nesse caso, é garantir ao pensamento a possibilidade de criar, tendo em vista que “todo pensamento é um devir” (Deleuze & Guattari, citado por Carneiro, 2023, p. 16).

Devir e pensar se implicam na medida em que ambos supõem a necessidade da saída de nossas faculdades para fora da forma harmoniosa e costumeira do senso comum, de elevar cada uma delas ao mais alto grau de potência que possam alcançar e que seja efetivada a desterritorialização do próprio pensamento, pois o devir acontece por expansão, por contágio (Carneiro, 2023, p. 16).

É por esta razão que a ecologia das práticas se insere em uma esfera micropolítica (chave menor), sem com isso renunciar às questões macropolíticas (chave maior), considerando que são sempre inseparáveis em seu acontecer.

Enquanto na esfera macropolítica da vida humana se situa o Sujeito, ou a função deste—que consiste na identificação, por meio da cognição, da cartografia social que estrutura seus códigos e representações, de modo que defina a realidade para produzir sentido, possibilitando que todos se situem na vida social—na esfera micropolítica se situa a condição humana de ser vivente, que é constituída pelos efeitos das forças

extracognitivas, também designadas de afetos (no sentido de afetar, perturbar), que decorrem dos encontros, não apenas com outras pessoas, mas com toda a sorte de encontros, com paisagens, arte, ideias etc. (Rolnik, 2020). Macropolítica e micropolítica se distinguem, dessa forma, pela primeira se tratar de identidades estabilizadas (ser), e a última dos espaços de transformações (devir).

Importante pontuar que as tais segmentaridades—macropolítica e micropolítica—apesar de fundamentalmente diferentes, não se separam e, de igual forma, não é possível fazer um juízo de valores de que uma é boa e a outra é má, pois ambas se implicam e estão correlacionadas:

Toda sociedade, mas também todo indivíduo, são, pois, atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular. Se elas se distinguem, é porque não têm os mesmos termos, nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade. Mas, se são inseparáveis, é porque coexistem, passam uma para a outra [...] sempre uma pressupondo a outra. Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica (Deleuze & Guattari, 1996, p. 83).

É no campo social que a subjetividade é produzida, de acordo com os processos de produção social e material de cada sistema, mas é na esfera micropolítica que pode ser reapropriada:

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização (Guattari & Rolnik, 1996, p. 33).

Dessa forma, micropolítica entende-se pelo modo de produção da realidade, na expressão das ações cotidianas de cada pessoa em relação. Na micropolítica reativa, a pessoa reproduz o mundo segundo as suas referências e em uma micropolítica ativa, ligada aos processos de singularização: “A micropolítica faz seus elementos escaparem

da dimensão representativa dos modelos de existência, ao mesmo tempo em que devêm novos modelos” (Silva et al., 2022, p. 3).

A questão (e desafio) que se apresenta na esfera micropolítica é como cada um reproduz ou não os modos de subjetividade dominante. Para tanto, a ecologia das práticas, como ferramenta do pensar, auxilia o sujeito a não ser limitado pelas próprias referências, que são sempre sustentadas pelo que já está estabelecido.

Assim, ficar com o problema sugere não eliminar as referências, mas reconhecê-las tal como passagem, “aconselhamentos técnicos”, mas não verdades absolutas, o que possibilita um interstício que desacelera a construção (nesse caso, reprodução) desse suposto mundo comum. Diante da situação que a relação com o Outro apresenta, marcada por experiências de mundo distintas, a ecologia das práticas, no momento em que reconhece outras práticas, faz o sujeito repensar nas suas próprias, reflorestando o pensamento.

Reflorestar o pensamento, com a ecologia das práticas, é permitir que outras sementes de mundo sejam semeadas em cada um; é pensar com o outro, abrindo espaços para a criação de um mundo em comum.

No mundo *em comum*, o comum é o que põe os seres em relação, pois não é possível a existência de Um sem o Outro e, dessa forma, não possui qualquer identidade ou essência prévia, mas é a condição para a abertura contínua a toda a riqueza possível e desejada. Ou seja, o que aparece como “externo” ao Ser, é também parte concreta para a sua existência singular, em um processo de diferenciação e atravessamento constante para sua (auto)criação e, por isso, resiste a qualquer identidade, medida ou regra de comensurabilidade. O *comum*, então, não é algo igual ou equivalente, mas o campo de possibilidades infinitas dos seres à expressão da singularidade na experiência de existir na relação com o outro e o mundo.

Nesses termos, Nancy fala de uma “comunidade imensurável, inessencial, que deixa de ser produzida para ser compreendida no horizonte da ocorrência do ser-em-comum entre as singularidades [...] a comunidade é o que acontece na co-exposição dos seres uns aos outros” (Rena, 2015, p. 223). Dessa maneira, a comunidade seria da ordem da experiência e do acontecimento, pois é a construção do homem pelo homem. O *comum*,

nessa perspectiva, pode ser considerado tanto como a dimensão social presente como fundamento ontológico do ser.

No entanto, não se pode esquecer a historicidade e o contexto social. Apesar das importantes considerações e reflexões acerca do *comum* propostas por Nancy, essa exposição e criação constante do homem pelo homem (subjetividades) corre o risco de ser apropriada pelo capital, conforme as considerações sobre o neoliberalismo no governo da vida e da sociedade, feitas por Foucault (Mendes, 2013).

Nancy, de igual maneira, reconhece essa força do capital em capturar o ser-em-comum, deslocando-o para o “ser-avaliável-pelo-mercado” (Mendes, 2013), introduzindo uma dinâmica de troca permanente ao invés do compartilhamento. A troca, nesse caso, pressupõe uma equivalência, uma possibilidade de valoração quantitativa.

Nesta senda, reconhece-se a necessidade de avançar na compreensão do *comum* para pensar as dinâmicas das associações dessas singularidades no comum, aproximando *comum* e política. O compartilhamento do ser-em-comum, isto é, as interações e relações sociais, produzem bens materiais e imateriais que são percebidos como sendo a produção do comum (interação social, cooperação, linguagem, informações, saberes, arte, afetos).

Considerando o exposto acima, aqui, as palavras *produzir* e *bem* não são utilizadas no conceito capitalista de produção e mercadoria, mas como expressões das vivências resultantes da interação entre os indivíduos e o mundo (trabalho vivo). Posto isso, comum é uma produção dinâmica, fruto das relações sociais e interação entre os indivíduos, e deve ser pensado como um processo antagonista para resistir a apropriação das produções de subjetividade pelo capital.

A partir da ideia de exposição do ser-em-comum enquanto constituição de si com os outros, permite-se que coloque a questão de um “comum” que surja “na” e “pela” prática de produção de subjetividade cruzando a relação entre subjetividade e comunidade. Mendes (2012, p. 163) assegura que o comum “é considerado uma característica do trabalho multitudinário, que, para produzir e criar, precisa estabelecer redes difusas de cooperação social”, que resulta na riqueza social. A sua produção constante é realizada pela “Multidão”, termo utilizado para reconhecer “um conjunto de singularidades, de fato, lá onde por conjunto se considera uma comunidade de

diferenças e lá onde as singularidades são concebidas como produção de diferença” (Negri, 2003, citado por Mendes, 2012, p. 162).

Essa produção do comum potencializa a capacidade de articular biopolítica e resistência, em termos politicamente criativos, permitindo pensar em processos de produção de subjetividades e comunidades mediante as relações de diferenciação, criação e inovação. Em última instância, não há comum senão em um horizonte de multiplicidade e criação não identitária, pois o comum não é igual ou equivalente.

O encontro das subjetividades e a conseqüente diferenciação, que é constantemente gerada, produz infinitas possibilidades de ser, se relacionar, criar, inovar (produção do comum), e essas infinitas possibilidades geram uma crise no “governo da vida e da sociedade”, pois é uma constante (re)inovação, permitindo fissurar a gestão da vida neoliberal que impõe uma forma de ser e pensar:

temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto a séculos [...] Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste duplo constrangimento político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno (Foucault, 1995, citado por Mendes, 2012, p. 66).

Partindo das abordagens de Hardt e Negri, em *Commonwealth* (2009), Rena (2015, p. 227) pontua que o comum indica:

uma concepção que não compreende a humanidade como um agente explorador ou proprietário, mas que se detém em práticas de interação, cuidado e coabitação em um mundo compartilhado, resistindo à privatização das riquezas resultantes e produtoras de imaginação, comunicação, afetos. Contrária à noção de que nos encontramos diante de uma escolha entre o privado e o público — que de todo modo tornam-se progressivamente mais indiscerníveis — a riqueza comum pressupõe que, embora grande parte do mundo já tenha sido quase completamente apropriada (a superfície da terra, seus recursos naturais, o saber aplicado, etc.), uma porção fundamental ainda se encontra aberta para ser experimentada e habitada por uma forma de vida que prioriza a colaboração e o compartilhamento da produção e dos sentidos.

Isto é, o comum não se limita ao reconhecimento da existência de bens comuns, mas ultrapassa, para ser visto como o resultado da produção social, que igualmente é a riqueza comum posta para circular.

O mundo em comum comporta mais de uma experiência de mundo como válida, em uma cosmopolítica, segundo a proposição de Stengers, que é importante pontuar que se difere radicalmente do conceito de cosmopolítica kantiana, como a própria autora afirma. Aqui, o cosmos não implica um processo de unificação, pois:

O cosmos, aqui, deve portanto ser distinguido de todo cosmos particular, ou de todo mundo particular, tal como pode pensar uma tradição particular. E ele não designa um projeto que visaria a englobá-los todos [...] O cosmos, tal qual ele figura nesse termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes (Stengers, 2018, p. 447).

O cosmos, portanto, é um operador de igualdade, e não de equivalências. Igualdade não entre os mundos ou práticas, mas igualdade de emergências e de possibilidade, relativo às múltiplas experiências de mundo, articulando-as.

## Capítulo 2 - Metodologia da Investigação

### 2.1 Caminhos para construção do conhecimento

A pesquisa científica é “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade” (Deslandes et al., 2007, p. 16). Resumidamente, é uma forma de buscar respostas para indagações propostas. Localiza-se no campo da Ciência, que tem métodos, mas não é neutra.

Na medida em que se procura respostas para perguntas, direciona-se o olhar para o que se procura, priorizando elementos da realidade em detrimento de outros. Sendo produzida pelos humanos, que não são neutros, mas ao contrário, são repouso e fluxo de memórias, cultura, hábitos etc., imprimem as suas sugestões e interpretação de mundo.

Princípios, meios e práticas científicas são, pois, condicionados por contextos históricos, o que contraria a ideia de que a Ciência paira acima das contradições e das incertezas humanas. Pelo contrário, ela é o produto da razão humana, limitada, condicionada por muitos factores e sujeita, portanto, a erro (Boavida & Amado, 2006, p. 130).

No entanto, como antes mencionado, há método, isto é, “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 83). Ou seja, oferece às Ciências Humanas e Sociais confiabilidade, considerando o entendimento de Ciência enquanto um caminho para descoberta, onde não se constrói certezas, mas é uma abertura para tocar realidades, no sentido da transformação trazido por Popper, em que a Ciência deixa de “significar certeza absoluta para se tornar sinónimo de incerteza, uma vez que se transfigurou num saber conjectural e hipotético, que deve estar constantemente aberto à análise crítica e à permanente revisibilidade” (Boavida & Amado, 2006, p. 130).

O objeto das Ciências Humanas e Sociais, em especial, é histórico, uma vez que as sociedades existem e se constroem em um determinado espaço físico e temporal, se organizando de formas particulares e diferentes uma das outras (Deslandes et al., 2007).

É por essa razão que o seu objeto é essencialmente qualitativo (o que não quer dizer que não há elementos quantitativos), pois:

os fenómenos humanos, visíveis ou latentes, não são, por essência, quantificáveis. Crenças, representações sociais, formas de relacionamento com o outro, estratégias usados em face de situações problemáticas, [...] são factos humanos e, para serem entendidos, implicam a presença humana e capacidade de empatia (Vieira, 1999, p. 39).

Em outras palavras, os fenómenos humanos repousam sobre a multicausalidade, traduzida em uma articulação de fatores que se combinam e integram, de natureza e peso variável (Laville & Dionne, 1999).

Nesse sentido, as Ciências Humanas ou Sociais não podem ser conhecidas e avaliadas sob as referências da investigação científica clássica e positivista. Para tanto, há metodologias apropriadas para a reconstrução teórica dos processos, relações, símbolos e significados que a realidade social apresenta.

Por metodologia, entende-se a orientação do pensamento e as práticas para a abordagem da realidade, isto é, “a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)” (Deslandes et al., 2007, p. 14).

A investigação qualitativa é um modo construtivista de fazer ciência sem, no entanto, desvalorizar a dimensão quantitativa dos factos sociais, representando uma opção legítima quando se pretende a compreensão interpretativa da realidade. Este tipo de investigação permite a análise dos fenómenos sociais e a formulação de teorias formais que confirmem padrões de funcionamento dos sistemas sociais e das ações humanas.

Diante das metodologias qualitativas, apropriadas para a abordagem de processos socioculturais—onde as interações dos sujeitos constituem o objeto predominante da investigação—, privilegiou-se o paradigma interpretativo, uma vez que “tem como objetivo a compreensão do significado atribuído pelos sujeitos aos acontecimentos que lhes dizem respeito” (Silva, 2013, p. 6).

Desse modo, o presente estudo não tem como foco a realidade objetiva do mundo social, pois parte-se do pressuposto de que a realidade é uma construção da pessoa que está vivendo ou observando certo fenômeno, e, buscou-se compreender o significado subjetivo de determinados acontecimentos e experiências sociais que possam apontar relações sociais relevantes para a mudança social.

Nesse contexto, o objeto de pesquisa parte do interesse e experiência pessoal da pesquisadora nas travessias da diversidade cultural, tanto como pessoa migrante, quanto “mochileira”, que percorreu, em um ano, por volta de 30 países do mundo. Do início até a conclusão, houve muitas alterações do projeto de pesquisa, em razão de fatores externos. Porém, a temática central sempre se manteve a mesma: o impacto da diversidade cultural na formação do ser humano em sua vocação de ser mais, como diria Freire (1996). A vocação do ser humano em ser mais seria a articulação entre a relação de como o sujeito entende a si e a possibilidade de constante transformação, que poderia ser compreendida no conceito de identidades compósitas, com a forma com que entende, interage e constrói o mundo.

Importa ressaltar que o fato de o objeto de estudo estar ligado ao interesse e experiência pessoal da investigadora não macula o processo científico, uma vez que, ao contrário do que preconiza a antropologia e etnologia clássicas acerca do distanciamento do sujeito e objeto, o que se procura é um distanciamento intelectual e reflexivo, conforme expõe Telmo Caria, citado por Vieira e Vieira (2021, p. 177):

O “dentro e fora” é fonte de conhecimento acrescido porque provoca uma tensão e uma ambiguidade na relação social de investigação que convoca o investigador a reflectir sobre o inesperado. O investigador é um actor social que é reconhecido como competente nos “saberes-pensar de fora”, mas, ao mesmo tempo, mostra ser incompetente nos “saberes-fazer de dentro”. É nesta fronteira que designaria de intercultural (entre a ciência e o saber comum), que se pode construir a reflexividade da cidadania e a reflexividade que desenvolve uma ciência da ciência.

Posta assim a questão, a problemática condutora da pesquisa é: em que medida o contato com outras culturas traduz-se em um processo educativo de formação dos sujeitos e complexificação do entendimento e experiência da realidade? A partir disso,

os objetivos da pesquisa são: (i) entender como as trocas culturais alteram a percepção de mundo do sujeito; (ii) compreender qual o impacto que o contato com outras culturas tem na formação do sujeito; (iii) evidenciar qual a influência das relações interculturais na percepção da alteridade.

Uma vez definido o objeto de estudo, foi feito o levantamento de dados por meio da pesquisa bibliográfica, estabelecendo e elaborando os conceitos norteadores da pesquisa, com o uso de um diálogo entre autores relevantes que se debruçaram sobre o tema. No segundo momento, o objetivo foi realizar o contato com pessoas que poderiam fornecer os dados e informações úteis que não foram possíveis através da pesquisa bibliográfica.

Com o presente trabalho, não há pretensão de encontrar respostas, mas de ampliar percepções acerca do questionado. Em verdade, “a escrita do pesquisador consolida a criação de conceitos cuja pretensão é criar zonas provisoriamente estáveis de pensamento sobre uma dada realidade” (Jobim et al., 2012, p. 116). Posto isso, ao final, com a análise do conteúdo, ancorou-se no material coletado, articulando-o aos propósitos da pesquisa e a fundamentação teórica para a criação de uma zona provisoriamente estável, na medida em que está sempre disponível para novos questionamentos.

## **2.2 Entrevista**

Conforme o exposto, e de acordo com o paradigma interpretativo, os sujeitos observados não são meros objetos passivos da investigação. Pelo contrário, a investigação é construída com eles, pois são percebidos como sujeitos ativos e protagonistas na construção do conhecimento.

Por isso, a entrevista é o instrumento indicado para a coleta de aspetos e significados ligados aos processos internos, e que não são capturáveis pela observação direta; isto é, a entrevista é um instrumento de investigação privilegiado para a apuração de experiências subjetivas (textos) que não seriam acessíveis por outros meios.

Importa mencionar que a entrevista não é apenas uma ferramenta de acesso a tais textos, mas também um “dispositivo enunciativo de produção de saberes” (Rocha et al., 2004, p. 14), na medida em que “não é mera ferramenta de apropriação de saberes,

representando, antes, um dispositivo de produção/captação de textos, isto é, um dispositivo que permite retomar/condensar várias situações de enunciação ocorridas em momentos anteriores” (p. 14). Através da entrevista que acontece em um espaço e tempo determinado, os sujeitos, provocados pelo entrevistador, produzem novos textos, atualizando as situações e interações anteriores.

É por essa perspectiva que na entrevista os sujeitos (entrevistado e entrevistador) constroem de forma ativa o conhecimento. Nessa medida, não é a entrevista que traz as “respostas” da pesquisa, mas é um passo para a produção de um *corpus* de análise do investigador, considerando o conceito bakhtiniano de exotopia (Amorim, 2007). Entender de outra maneira implicaria em deslocar o papel do investigador ao entrevistado, em que este passa a fornecer as respostas para a pesquisa, e não o investigador.

Portanto, através da entrevista, busca-se compreender o ponto de vista do entrevistado, como ele se vê, para dessa forma voltar à posição de pesquisador, e lhe devolver uma outra concepção sobre o referido olhar:

meu olhar sobre o outro não coincide nunca com o olhar que ele tem de si mesmo. Enquanto pesquisador, minha tarefa é tentar captar algo do modo como ele se vê, para depois assumir plenamente meu lugar exterior e dali configurar o que vejo do que ele vê (...) por isso, na origem do conceito de exotopia está a ideia de dom, de doação: é dando ao sujeito um outro sentido, uma outra configuração, que o pesquisador, assim como o artista, dá de seu lugar... (Freitas et al., 2007, p. 14).

É por buscar essa compreensão que a entrevista é dialógica, pois exige do pesquisador uma atitude responsiva ativa, “pois toda compreensão é prenhe de resposta, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor” (Bakhtin, citado por Freitas et al., 2007, p. 35), visto que o ouvinte (pesquisador) utiliza-se de recursos como “expressões de interesse, à reformulação, aos contraexemplos e até a incompreensão voluntária ou pedidos adicionais de informação” (Vieira et al., 2016, p. 146).

Frente às considerações acima, optou-se pela entrevista semiestruturada, sendo realizado um roteiro de perguntas prévias, permitindo uma flexibilidade no decorrer da

entrevista. A opção também foi relevante diante da inexperiência da pesquisadora, de forma que a presença de um guião e de um roteiro pudessem ser seguidos.

a entrevista semiestruturada, obedece a um guião aberto e flexível, que contempla um conjunto de perguntas e questões básicas a explorar, em jeito de recordatória, mas deixa que a formulação ou a ordem das perguntas flua no decurso da entrevista, permitindo a livre expressão do entrevistado e a preservação do seu quadro de referência (Vieira et al., 2016, p. 145).

As perguntas foram formuladas para compreender em que medida os processos de conexão e interação com outras culturas atuam como um processo de educacional e de formação dos indivíduos. Mais especificamente, procurei perceber a relação entre o contato cultural e o processo educacional, consubstanciado na forma como os indivíduos se relacionam a realidade, isto é, se as trocas culturais atuam como potências de deslocamento da racionalidade binária e linear para uma complexificação da realidade, que também denomino de “reflorestar o pensamento” (Núñez, 2021), bem como a formação do sujeito, relacionado a subjetivação, a percepção de si e do outro.

Os entrevistados tiveram acesso às perguntas-padrão com antecedência, com o intuito de criar uma atmosfera de confiança entre as partes, e informados que outras perguntas poderiam surgir ao longo da conversa. As entrevistas aconteceram em um encontro virtual, na plataforma Google Meet e, mediante autorização dos entrevistados, gravadas e transcritas com o uso do *software* TurboScribe, buscando manter a fidelidade da entrevista, considerando, todavia, a legibilidade, isto é, o alívio de redundâncias ou tiques de linguagem.

Para a investigação, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, que será abordada no capítulo 3.

### **2.3 Universo de Estudo**

A presente investigação tem um universo de estudo heterogéneo, com pessoas diversas, mas com um aspeto essencial em comum, o contato intenso e constante, seja pela profissão, seja pelo estilo de vida, com outras culturas. Significa dizer que procurou-se escolher entrevistados com familiaridade com o tema pesquisado. A escolha de pessoas distintas foi proposital, pois a própria ideia de diversidade cultural pressupõe o encontro

e partilha de pessoas com diferentes bagagens e projetos de vida, de modo que justificava pesquisar, no universo de estudo, essas diferenças.

As metodologias compreensivas, ao desenvolverem raciocínios indutivos sobre realidades complexas, num contexto que se quer de descoberta, perseguem alguma representatividade, mas uma representatividade que é social e não estatística (Guerra, 2006, pp-11-25). Quer isto dizer que a seleção de entrevistados deve assegurar a diversidade de papéis, perfis e pontos de vista que configuram a realidade social que o investigador se propõe a interpretar (Vieira et al., 2016, p. 147).

Em pesquisas de cunho qualitativo, o objeto de estudo não é propriamente o sujeito, mas as suas representações, conhecimentos, comportamentos etc., de forma que seria difícil demarcar, *a priori*, o número de sujeitos do universo de estudo, sendo feita, nesses casos, por inclusão progressiva.

Os sujeitos entrevistados encontram-se na faixa etária entre 27 e 34 anos, com nacionalidades e profissões diferentes. Para situar o leitor de que lugar cada entrevistado fala, qual o seu espaço social, condição social e condicionamentos, faz-se uma breve introdução acerca dos entrevistados.

Maria Kruglyak, 27 anos, russa-suíça, atua como artista e escritora. Maria liderava um projeto chamado *Stories of Our Food*, com duração de dois meses, às terças e quartas-feiras, que buscava contar histórias com o uso de alimentos que são queridos aos indivíduos do grupo, seja pela relação afetiva com a infância, por viagens ou vistos pela televisão, os cozinhando juntos.

Particpei de um dos dias do projeto, momento em que conheci a Maria, e havia pessoas de diferentes nacionalidades nas atividades do grupo. A entrevistada também migrou recentemente para Portugal. Durante a entrevista, revelou-se uma pessoa com histórico de migração e de *background* cultural diverso.

Esta foi a primeira entrevista realizada para a presente pesquisa e que acabou por ser uma espécie de entrevista exploratória que demonstrou outras necessidades, designadamente o desmembrar de algumas perguntas. Em particular, dediquei esforços para detalhar as perguntas e tentar reformulá-las para tornar o questionamento mais

claro. Acreditei que perguntas específicas, embora ainda abertas, poderiam servir como catalisadores para diferentes reflexões. Por exemplo, a primeira pergunta” *In what ways do you believe that engaging with different cultures and interacting with people from diverse cultural backgrounds influences your personal development? How does it shape your way of reading and understanding the world?*” foi desmembrada em três perguntas: “*Você se sente confortável diante da diversidade cultural? e de que forma ela contribui para a sua formação?*”, “*O contato com outras racionalidades afeta a forma como você se percebe como indivíduo (como você se vê)?*” e “*Você percebe mudanças em sua própria forma de pensar e entender o mundo devido às interações com pessoas de culturas diversas? Pode dar um exemplo?*”, de modo que o entrevistado poderia abordar especificamente cada questão.

Não foi viável conduzir uma segunda entrevista com a Maria devido a conflitos de agendas e ao tempo restrito para a conclusão da investigação. Contudo, não considero que essa situação resultou em prejuízo para a pesquisa, visto que a entrevista inicial com a Maria abordou os pontos pertinentes.

Importa, ainda, ressaltar que a entrevista com a Maria foi dividida em duas partes, a primeira parte relativa ao projeto que ela liderou, que não está incluída nesse trabalho, e a segunda parte, onde foi conduzida as perguntas-padrão.

Joana (teve o nome alterado para preservar a sua identidade), 32 anos, portuguesa, residente em Portugal, atua como mediadora intercultural em uma associação que presta apoio social a pessoas migrantes, no bairro da Mouraria, local conhecidamente marcado por sua multiculturalidade, razão pela qual estabelece constante troca cultural.

Igor Ivanowsky, brasileiro, 34 anos, é nômade digital, e não possui morada fixa. Está em constante movimento entre os diversos países de mundo com a sua esposa, há oito anos. Em suas viagens, principalmente nos primeiros cinco anos, fez imersões culturais profundas nos países que visitava.

Mariana Gomes, brasileira, 31 anos, atualmente morando em Portugal e trabalhando como rececionista em um aeroporto, por dois anos, entre 2018 e 2020, viajou por 30 países entre América do Norte, Europa e Ásia, pegando carona, fazendo trabalho voluntário e utilizando Couchsurfing, plataforma colaborativa de hospedagem gratuita, em que um local ou morador hospeda os viajantes, tal qual o entrevistado Igor.

É relevante salientar que, para os entrevistados Igor e Mariana, a interligação entre viagem e contato cultural é intrínseca, principalmente pelos meios utilizados para os seus deslocamentos constantes, como pegar carona, fazer voluntariado e o uso da aplicação Couchsurfing, as quais pressupõem uma troca cultural mais aprofundada, diferente de “turistar”, no sentido de visitar pontos turísticos e se hospedar em hotéis, o que muitas vezes impõe um distanciamento com a cultura local. Isso tornou a codificação uma tarefa delicada, na qual foi feito um esforço máximo para realçar os trechos mais diretamente relacionados aos contextos de contato cultural, em detrimento das experiências e consequências da vida de viajante.

Diante do breve perfil apresentado, nota-se que os sujeitos escolhidos vivem ou viveram se expondo às trocas culturais. Destaca-se que se reconhece que, para resultados mais consistentes, seria indicado um universo de estudo com mais sujeitos, considerando o critério da saturação, o que foi impossibilitado pelo espaço de tempo.

# Capítulo 3 – Costurando sentidos: análise e comparação das entrevistas

## 3.1 Análise de conteúdo

Nesse capítulo, são apresentados e discutidos os materiais oriundos das entrevistas. Para isso, emprega-se a técnica de Análise de Conteúdo que segue o procedimento padrão da investigação, envolvendo o confronto entre o referencial teórico do pesquisador e os dados empíricos coletados.

A partir da obra de Isabel Guerra (2006), que acabou por guiar a minha análise, utilizei a Análise de Conteúdo que remete aos sentidos das palavras dos entrevistados, e que implica numa análise fundamentalmente qualitativa da entrevista.

Há, na Análise de Conteúdo, uma dimensão descritiva, que visa dar conta do que foi narrado pelos entrevistados, e uma dimensão interpretativa, que decorre dos questionamentos do investigador face ao objeto de estudo (Guerra, 2006). Para tanto, adotou-se uma postura analítica, na medida em que vai além do descrito, decompondo as partes e buscando suas relações, para reconstruir os sentidos, a fim de aceder no interior dos textos as formas sociais específicas que poderiam estar presentes em diversos contextos semelhantes.

A forma de análise foi indutiva, considerando que não foi estabelecido previamente as categorias. Assim, com análise do material, foi realizada a codificação aberta e manual e posteriormente o agrupamento e categorização das unidades, definindo as categorias de análise de acordo com os conceitos trabalhados e objetivos da pesquisa, quais sejam:

- (i) Habilidades e competências, que está relacionada à aprendizagem de habilidades e atitudes processadas no estímulo das trocas culturais para pensar e viver o mundo, isto é, a articulação entre o eu, o mundo e o outro;
- (ii) Alteridade, que se refere à percepção e compreensão do outro;
- (iii) Auto percepção, que aborda a forma como os indivíduos se compreendem e se enxergam, considerando as influências e reflexos das interações culturais em sua construção identitária;

- (iv) Experiência de vida, podendo ser definida como o conjunto abrangente de vivências, influências e aprendizados que moldam as práticas e perspectivas individuais dos participantes;
- (v) Percepção da realidade, em que nesta categoria são levados em conta como o sujeito vê e entende o mundo exterior, na dimensão das formas, que consiste na experiência direta entre o sujeito e um mundo, na qual apreendemos a sua concretude e contorno;
- (vi) Articulação cultural, isto é, os processos de conexão, integração e interação entre diferentes elementos culturais; e
- (vii) Reflexão cultural, que abrange a habilidade de analisar criticamente a própria cultura, por meio da observação e interação com outras culturas.

Finalmente, além da análise categorial, promoveu-se um diálogo intertextual entre as entrevistas para explorar as ideias comuns entre os participantes. Adicionalmente, um quadro sintetizando os posicionamentos individuais nas categorias encontra-se ao final do capítulo.

### *3.1.1 Habilidades e competências*

Infere-se pelas falas que as habilidades e competências desenvolvidas são pertinente às relações sociais, fundamentais para a interação e convivência em sociedades marcadamente multiculturais. O trecho “[...] *learn how to be social* [...]”, mencionado pela entrevistada Maria, está ligado às habilidades de convívio, “*porque nós não temos que ser iguais para nos apoiarmos [...] para nos entendermos, [...] para nos respeitarmos [...]*”, como afirmado pela entrevistada Joana.

As passagens destacam qualidades que tornam os cidadãos mais conscientes e compassivos, como “*how to speak with people, how to find new ways to be respectful [...] understanding, patience [...] how to allow everyone to be seen [...]*” (Maria). São habilidades interpessoais que contém a sensibilidade para garantir que cada indivíduo seja notado, considerado e respeitado. Tal atitude se repete na fala da entrevistada Mariana, ao dizer que “*você fica mais empático, [...] mais respeitoso, [...] entende melhor o próximo [...]*”. Exercita-se a empatia, o respeito e a busca pela compreensão do outro. O entrevistado Igor reforça esse entendimento: “[...] *eu me tornei uma pessoa*

*muito mais empática... flexível... apesar de compreensiva estar dentro de empática, vou até adicionar um compreensiva [...]”.*

Além disso, a habilidade quanto à capacidade de interagir, se comunicar e se relacionar com outras pessoas em diferentes contextos sociais, através de relações de equidade, foi aludida pelo entrevistado Igor: “[...] *Eu consigo, graças a tudo de ter visto tantas diferenças, eu consigo... Eu sei chegar no sapatinho em todos os ambientes, com todo tipo de gente, trocar uma ideia de igual pra igual, com respeito. [...]”.*

Pode-se mencionar uma mentalidade educacional que valoriza a adaptabilidade e a compreensão de diversas perspectivas, uma vez em que se tem a disposição para mudar quando confrontado com ideias ou opiniões diferentes, “[...] *you* fica mais múltiplo [...]”, segundo a entrevistada Mariana. É igual para Maria: “[...] *I think that sometimes it really feels we don't have options, but if we speak with more people and interact with more people, we learn that actually, people have hundreds of different ways of seeing this. Just because we see it like, “oh, I can't possibly do that”, it doesn't mean that's true [...]”.* Todos nós enfrentamos problemas e desafios. O impacto da diversidade está exatamente na descoberta de novas formas de olhar para os nossos desafios e novas formas de resolvê-los, “[...] *de pensar do porquê que é assim [...]”* (Mariana) e não de outro jeito. O ponto central é que a nossa percepção contém limitações e muitas vezes não reflete a realidade completa das possibilidades disponíveis. Ao interagirmos com uma gama mais ampla de experiências e perspectivas, podemos expandir a nossa compreensão e descobrir novas maneiras de abordar problemas ou desafios que inicialmente consideramos impossíveis, traduzindo em soluções mais criativas.

A capacidade de adaptação envolve a aceitação das transformações, tanto pessoais quanto as observadas dos outros, como expõe Maria, “[...] *Because if we cannot accept ourselves and others in various ways... We also change, and things are not always great, and, we need to know how to be able to do that [...]”.* Destaca-se, nesse aspeto, a importância da do manejo eficaz das mudanças da vida.

Em suma, a análise das entrevistas destacou um notável desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas com a sociabilidade, não se limitando à mera interação social, mas destacando a capacidade de reconhecer e respeitar a diversidade como um

elemento essencial para uma convivência saudável, conforme os conteúdos da pedagogia da convivência, de Xesús R. Jares (2007).

A sociabilidade manifesta-se não apenas como uma habilidade superficial, mas como uma competência profunda que envolve compreensão e aceitação das diferenças. Os entrevistados expressam a relevância de cultivar uma postura empática e respeitosa diante da diversidade. A visão mais enriquecedora do mundo, resultado desse aprimoramento, evidencia a capacidade de lidar com as complexidades das relações interpessoais e a habilidade de abraçar a diversidade como uma fonte de crescimento.

### *3.1.2 Alteridade*

Os aprendizados decorrentes das diferenças estão profundamente relacionados com a forma que os sujeitos enxergam o Outro, de modo que faz sentido introduzir a análise da categoria de alteridade nessa altura.

Ao admitir a experiência do outro enquanto válida, reconhecendo suas práticas, isto é, as formas de construção da realidade baseadas em outras maneiras de descrever e organizar o mundo, cria-se a possibilidade de aprendizagem, pois abre-se o caminho para o compartilhamento do saber.

Essa legitimação fica evidente na passagem em que a entrevistada Joana afirma “[...] *as pessoas são protagonistas da sua história, [...] tem identidade própria [...]*”. Através da análise, compreende-se o reconhecimento do outro como uma descolonização do pensamento, considerando que a colonização age em caminho inverso, isto é, invisibilizando e desumanizando os sujeitos, dado que suas histórias e conhecimentos são entendidos como inválidos e não credíveis. A entrevistada Mariana compartilha essa atitude ao afirmar “[...] *tem o aspecto que nós somos humanos [...] todo mundo tem uma base, todo mundo tem uma história passada [...] seja lá você muçulmano, cristão, indiano, paquistanês, brasileiro, todo mundo tem a sua história, que é vista e vivida de uma maneira diferente por conta da cultura, mas ainda assim é uma história [...]*”. Desta feita, compartilhando a compreensão com Joana: “[...] *Nós somos plenos, nós temos que ser plenos, temos que ser todos plenos... Não há uns que são menos plenos do que os outros [...]*”. Ou seja, trata-se de um processo de humanização que se refere à prática de reconhecer e respeitar a humanidade, dignidade e individualidade de outra pessoa.

Percebe-se uma consciência crítica em relação aos estereótipos culturais, como no exemplo dos indianos em Portugal ou sobre a experiência com muçulmanos, narrados por Igor e Mariana. O intercâmbio cultural com os referidos grupos transformou o olhar projetado, o que aponta que as características que são atribuídas aos outros, pelo nosso desconhecimento, são oriundas da perspectiva cultural do observador e que muitas vezes não reflete, efetivamente, a realidade. Por isso, o contato cultural permite que o outro seja visto “[...] *De forma que a mídia não coloca para você, de forma que a sua família, seus amigos não colocam para você [...]*”, como expõe Mariana. Essa consciência é fundamental para a alteridade, pois reconhece a necessidade de superar generalizações simplistas sobre grupos de pessoas.

Nesse mesmo contexto de descolonização, temos a fala da Maria: “*I think it's not so much about seeing yourself in comparison to others or defining yourself in relation to others. I think it's much more about finding pathways and seeing possibilities.*”. A abordagem comparativa está intrinsecamente ligada ao paradigma da racionalidade colonial, emergindo de um universo dicotômico. Dentro dessa lógica, o ato de comparar implica escolher um ponto referencial (seja objeto, conceito, hábito, etc.) para realizar um juízo de valor sobre outro elemento, que é qualificado a partir de fatores externos. Portanto, os trechos expressam o olhar para o outro enquanto singularidade, “[...] *nesse sentido mesmo de conseguir enxergar o outro da maneira que ele é [...]*” (Mariana). Nesses termos, não há comparação, mas a percepção da singularidade. Notavelmente, observa-se uma postura menos preocupada em identificar especificidades culturais e mais voltada para a composição do que o outro oferece.

Essa postura vai de encontro à passagem “[...] *qual a percepção do mundo, tendo em conta as suas próprias referências [...]? E como é que ela encara a minha percepção de mundo? [...]*”. Não parece haver uma comparação, mas a percepção de uma visão singular, onde a sua própria perspectiva está em pauta. Ela está aberta ao questionamento e ao diálogo com o outro. A abertura para entender a perspectiva do outro vai além de uma mera aceitação superficial, pois trata-se de um reconhecimento e legitimação da história de vida do outro.

As abordagens sugerem o reconhecimento, isto é, a percepção e aceitação do outro em sua inteireza, libertando-se da indiferença em relação ao outro. Dessa forma, as passagens desafiam a noção de uma separação rígida entre o "eu" e o "outro", e um

comportamento menos narcísico, pois constrói-se um Eu relacional, na medida em que se entende que o outro contribui ativamente, como agente transformador, na sua experiência de vida e construção da realidade.

Evidencia-se uma abordagem rica e multifacetada da alteridade, incorporando elementos como a singularidade do outro, o papel das narrativas, a rejeição de estereótipos, a compreensão da diversidade cultural, a igualdade fundamental, a influência da experiência pessoal e a importância das trocas e diálogos na construção de uma visão mais aberta e empática do outro.

### *3.1.3 Auto percepção*

A auto percepção dos entrevistados destaca o caráter dialógico da identidade, caracterizando-se pelo constante diálogo, interno e externo, que molda quem somos.

Este caráter pode ser observado na abordagem dos preconceitos, feito pelos três entrevistados - Joana, Mariana e Igor – com a admissão da existência de preconceitos pessoais, acompanhada pela disposição genuína para aprender e desconstruí-los. Esse reconhecimento da imperfeição e a abertura para o aprendizado representam uma postura de crescimento pessoal e uma busca constante por evolução.

A auto percepção dos sujeitos demonstra que não há a adoção de uma visão inflexível de si, ao contrário, como declara Igor “[...] *Eu tenho muito mais flexibilidade [...] Eu acho que eu tenho menos limites do que as pessoas normais [...] Eu tô muito aberto a provar tudo o que tem no mundo [...]*”. Os entrevistados se entendem como adaptáveis, exibindo uma atitude aberta às mudanças e influências externas, como por exemplo, a Mariana ao afirmar “[...] *E eu sempre tive essa percepção do tipo, ah, eu posso andar em tudo, eu posso andar em qualquer tipo de país, que eu vou conseguir me adaptar ali de alguma forma [...]*”. Nota-se em ambos uma postura menos rígida, capazes de se ajustar a ambientes diversos, sem impor a sua visão, com uma mentalidade aberta e disponível para se ajustar e assimilar experiências em diferentes ambientes e culturas.

No mesmo contexto, para o entrevistado Igor, as experiências de choque cultural emergiram como influências significativas na sua construção, tanto no tocante à flexibilidade, quanto no fortalecimento de sua confiança em si, uma vez que “[...] *Só me deixaram mais forte para entender que eu posso me enfiar em qualquer lugar [...]*”.

Por sua vez, diante da mencionada flexibilidade, a entrevistada Mariana ressalta a complexidade na construção da identidade em interação com os outros. O Outro não apenas influencia, mas é incorporado ao processo de construção da auto percepção, ao se questionar *[...] como aquela outra pessoa me enxerga, né? Como, porque não é... a gente não tem o mesmo olhar, né? [...]*”.

A Joana narrou o aprimoramento do pensamento crítico no que diz respeito à sua posição social e aos privilégios vinculados a essa condição, revelando uma consciência das dinâmicas sociais de poder e dos privilégios sociais envolvidos: *“[...] há aqui algo que me define também, que é eu sou uma mulher portuguesa, branca, com um certo nível de privilégio, que sou europeia. Há aqui uma série de fatores que me põem aqui, digamos, num pedestal de privilégio que eu não os posso negar [...]*”.

Além disso, demonstra a sensibilidade em relação ao impacto da diversidade na construção de sua identidade e no processo de construção do conhecimento: *“E eu não me imaginaria Joana\*, hoje em dia, se esta diversidade não vivesse em meu redor. Eu tenho certeza que seria uma pessoa muito, muito, muito diferente. Não digo melhor, não digo pior, mas acho que certamente me faltaria muita sabedoria [...]*” e menos repertório interno, pois segunda ela, *“[...] o meu imaginário... também se torna muito, muito, muito mais amplo e mais... não sei, mais interessante [...]*”. O entrevistado Igor igualmente percebe uma mudança positiva em si mesmo, diante do enriquecimento do saber pelas experiências de convívio cultural, caracterizando essa transformação como *“[...] Eu acho que eu me tornei uma pessoa mais interessante [...]*”.

Explorando mais fundo, a entrevistada Joana entende que *“[...] de facto acho que tem um impacto muito grande na forma como eu me percepciono a mim pessoalmente, de perceber a minha posição de privilégio, mas ao mesmo tempo também de humildade, de perceber que somos muito pequenos [...]*”. Essa postura mostra um deslocamento da super importância do eu, indicando uma humildade e compreensão da própria pequenez diante da complexidade da vida.

No que lhe diz respeito, a entrevistada Maria faz uma interessante reflexão sobre a absorção de conhecimentos de outras culturas, evidenciando que a sua flexibilidade tem nuances: *“[...] It's not so much that it's hard to find a common ground. At that time, it's more that I find myself being expected to have the same opinion, a cultural perspective*

*as the person. Which I tend to not, even though I can learn it. I mean, I still have the cultural perspective that is mine [...]*". Apesar dos novos aprendizados e construções, reconhece que sua perspectiva cultural, ou seja, sua forma singular de ler o mundo, não é totalmente abandonada. Essa constatação destaca a consciência sobre a continuidade da sua bagagem cultural, mesmo diante da incorporação de elementos de outras culturas.

Os entrevistados demonstram a consciência de mudanças positivas, indicando a construção de identidades compósitas, em que "A construção/ reconstrução da identidade corresponde sempre à integração do novo no já possuído (tal como em determinada aprendizagem), donde resulta não uma adição, mas antes uma integração" (Vieira & Vieira, 2021, p. 184/185).

Em suma, a auto percepção analisada revela uma confiança na capacidade de se adaptar, uma mentalidade flexível, uma postura positiva e aberta diante de diversas realidades culturais, o que indica uma auto percepção dinâmica, enriquecida pela consciência das diferenças e pela aceitação do potencial de transformação pessoal.

### *3.1.4 Experiência de vida*

Na categoria de análise "Experiências de Vida", foram identificadas diversas similaridades entre os relatos dos participantes.

A temática comum foi o impacto nas experiências do dia a dia. Os encontros culturais foram identificados como elementos transformadores das práticas diárias dos entrevistados, tendo repercussões não apenas nas atividades mais rotineiras, como cozinhar e higiene pessoal, mas também influenciando aspetos mais amplos, como religião e formas de imaginar a vida.

A princípio, elementos como comida, cinema, música, e até mesmo escolhas estéticas, como o estilo de cabelo, podem parecer insignificantes. No entanto, esses estímulos fazem parte do processo de subjetivação dos entrevistados, e têm a potência de criar realidades, ao conceber lugares imaginários e incitar reflexões profundas sobre o cotidiano, como conclui a entrevistada Joana: *[...] ok, eu gostava muito de viver ou de ver o que esta pessoa está a descrever [...] Portanto, estes conhecimentos trazem, por sua vez estímulos que depois do ponto de vista da imaginação são muito frutuozos se eu os canalizo depois para uma coisa concreta [...]*"

A exposição a diferentes estímulos não apenas diversifica as formas de abordar a vida diária, como tem o potencial de gerar transformações nas ideias, comportamentos e em outros aspectos da existência, como expõe a Mariana: “[...] muda a maneira como você vê pequenas coisas [...] desde [...] agradecer por você ter papel higiênico em casa, até coisas grandes, do tipo a morte [...]”.

Isso se deve à interconexão inseparável entre a forma como vivemos e o conhecimento que construímos, pois, os estímulos cotidianos são fontes de nutrição, tanto no aspecto físico, relacionado com os alimentos, quanto no âmbito mental e espiritual, como informa Maria: “[...] It impacts more the small choices I make which build up to big choices [...] it affects how I can imagine my life to be, my everyday life [...]”.

O contato com o outro apresenta novas possibilidades que são reapropriadas pelos entrevistados para a construção de novas experiências e reflexões. Isso é abordado pela Maria quando ela destaca que há várias maneiras de mudar o mundo, o que não exigem necessariamente a via profissional, o que segundo a sua cultura integra parte essencial na vida, reconhecendo a importância das pequenas ações na transformação do mundo ao seu redor, “[...] there’s so many ways in which you can change the world [...] because in these small things, she was changing everything [...]”.

Maria afirma que, em razão da sua interação com uma pessoa de outra cultura, que adotava abordagens distintas na gestão da vida e do tempo, fez com que ela reinterpretasse a sua própria noção sobre tempo e hábitos de forma que influenciou seu bem-estar, externalizando um outro ritmo de vida que, para ela, lhe traz mais benefícios e impacta positivamente no que ela “produz” ao seu redor: “[...] I think meeting her... If I hadn't, I probably wouldn't... Now I'm working on my own project, but I'm spending a lot of time with the dog that I've adopted, walking in the forest, cooking a lot of food, speaking to people in the village and doing completely different things. I'm still writing, I'm still doing research, but in a completely different... What's it called? Habit? Or, like, pace? At a completely different pace [...]”.

Foi abordado, ainda, por três entrevistados (Igor, Joana e Mariana) que as experiências culturais afetam a leveza da vida, de forma direta ou indireta, através da formulação de pensamento crítico, confiança na vida e da própria localização cultural em meio à vastidão da diversidade cultural.

Os trechos “[...] *E eu acho que este contacto permite exatamente isso, que é percebermos o nosso nível de privilégio, mas ao mesmo tempo percebermos o quão ínfimos e o quão pequenos somos nesta imensidão que é a diversidade e que é a cultura [...]*”, de Joana, e “[...] *eu acho que muda até a tua... a leveza do seu ser, sabe “[...] A gente fica um pouco mais... mais leve mesmo, acho que a gente fica um pouco mais aberta, sabe, pra leva a vida um pouco mais de leveza [...]*”, retirada da entrevista com a Mariana, as entrevistadas compartilham que a humildade torna a vida mais leve, reduzindo a tendência de personalizar as situações, os estereótipos e as verdades absolutas, como a aceitação das diferenças de comunicação, exemplificada pela Mariana com o caso dos portugueses (*[...] do tipo, não, não é grosseria, é a forma que eles têm [...]*). Essa postura alivia a sobrecarga dos mal-entendidos ou interpretações negativas durante as interações. A leveza da vida não decorre da ausência de conflitos ou de uma existência utópica, mas sim da dissolução de verdades absolutas. Isso possibilita viver em um estado dialógico, em vez de estar constantemente em um estado beligerante em relação ao mundo, contribuindo para uma experiência de vida mais positiva e fluida.

Essa leveza na vida pode ser entendida a partir do que o entrevistado Igor aborda da sua relação com as incertezas do amanhã: “[...] *eu vi ao redor do mundo tanta coisa, tanta coisa boa, tanta coisa ruim, tantos problemas, mas tanta variedade que eu consigo, tipo assim... Por exemplo, as pessoas têm muito medo do amanhã, das incertezas do mundo [...]* E eu vi tanta gente sendo feliz, com tantas diferenças, pessoas que não têm nada sendo muito mais felizes do que quem tem tudo, que eu deixei de me preocupar com algumas coisas que são básicas para o ser humano como um todo [...] *Eu sei que vai dar certo [...]*”. A experiência de contato com diferentes formas de vida aumenta o repertório e as referências de possibilidades que se traduzem em uma autoconfiança voltada à autonomia no processo decisório.

Da mesma forma, a entrevistada Joana reconhece que as trocas culturais influenciam a confiança na vida, apesar de revelar que ainda não alcançou esse estágio, mas aspira alcançá-lo, pois reconhece que a probabilidade é que nada vai acontecer do jeito que a gente quer e, por isso, aprender a confiar na vida é essencial para viver plenamente: “[...] *só gostava de às vezes ter essa capacidade de sair um bocadinho daqui da posição de privilégio e de ser mais simples nas minhas... nas minhas... nas minhas emoções... poder voltar à base e não... e não... complexificar demasiado as*

*coisas...[...] uma forma de... de facto de perceber a forma como queremos viver... de uma forma mais simples... sem grandes estereótipos, sem grandes... arquétipos daquilo que nós esperamos que deve ser ou que nos disseram, ou que idealizamos... às vezes deixaram um bocado as coisas acontecerem [...] aceitar isso é muito difícil, mas quando aceitamos isso e aprendemos a viver com isso, encontramos aqui um estado de paz [...]*”.

Para Mariana, a interação com outras culturas foi identificada como um fator direto que molda a sua jornada pessoal: *“[...] Então, assim, eu posso dizer que mudou tudo na minha vida, tudo, assim, tudo [...]E isso foi uma coisa que eu pensei muito, do tipo, de morar num lugar que tem essa diversidade, porque eu gosto de viver nessa diversidade, eu gosto dessa... eu gosto disso, ali na esquina tem uma pessoa do Paquistão, aí eu vou ali no mercado e eu vejo uma pessoa com hijab, vejo um outro com turbante, eu gosto disso, eu me sinto bem e me sinto pertencente a esse tipo de sociedade, até já, até... por exemplo, tiver filhos... Eu também queria que ele ficasse num lugar multicultural, porque eu quero que ele tenha essa vivência [...]*”.

A apreciação da diversidade permeia a vida cotidiana da entrevistada, que destaca o prazer de residir em um ambiente multicultural, se reconhecendo parte desse tipo de sociedade. Essa preferência é tão relevante para ela que expressa o desejo de proporcionar essa mesma experiência enriquecedora aos seus filhos no futuro. Esse sentimento está ligado à mudança em sua tolerância em relação às pessoas preconceituosas em sua vida, como indica que *“[...] não toleraria mais [...] pessoas que são preconceituosas, pessoas que mesmo com a informação, elas não param pra refletir [...]*”.

Atitude semelhante foi de Joana, ao afirmar que um fator de aproximação ou afastamento em seus relacionamentos está voltado ao fato de como a pessoa enxerga a alteridade. Adicionalmente, reflete que se sente *“[...] mais confortável muitas vezes com pessoas com quem eu não partilho exatamente a mesma cultura ou a mesma formação, o mesmo percurso de vida, digamos assim, ou pessoas portuguesas, se calhar traduzindo mais, eu, muitas vezes, sinto-me mais confortável com pessoas que não são portuguesas do que com pessoas portuguesas [...]*”. A possibilidade de encontrar mais coisas em comum com pessoas de outras nacionalidades sugere que suas experiências compartilhadas transcenderam fronteiras culturais, indicando uma resposta

direta à influência positiva que essas experiências tiveram em sua formação pessoal, promovendo uma abertura e apreciação pelas trocas culturais.

O entrevistado Igor expressa a mesma apreciação da diversidade, quando ressalta que “[...] *“O meu tédio é no normal, é no todo mundo igual [...]”*”. Ele expressa seu desinteresse em situações homogêneas, onde todos são considerados "normais", em razão de suas similaridades, sugerindo uma preferência por ambientes que abracem a diversidade, que é entendida atrativa e enriquecedora.

Em resumo, a categoria "experiência de vida" evidencia a importância atribuída à diversidade cultural pelos entrevistados, revelando como as suas interações e exposições diversas influenciaram o seu repertório, as suas escolhas e práticas cotidianas. Esses fatores atuam como agentes de deslocamento do etnocentrismo, abrindo espaço para uma compreensão mais ampla e inclusiva das diversas formas de viver.

### *3.1.5 Percepção da realidade*

Relativamente à percepção da realidade, todos os entrevistados compartilham a experiência de uma transformação na compreensão do mundo, percebendo que este não é estático, pois “[...] *o mundo não é estanque, nenhuma nação é estanque [...]”*, de acordo com a entrevistada Joana. A percepção da realidade se torna mais complexa quando reconhecem a existência de múltiplos mundos, distintas formas de se relacionar e diversas maneiras de viver, como afirma o entrevistado Igor: “[...] *a beleza do mundo com certeza está nas diferenças [...]”*”.

O contato com outras culturas emerge como um catalisador que expande os horizontes de possibilidades existenciais, desafiando a visão binária na qual um mundo é certo e o outro errado, como aduz Mariana e Joana, respectivamente: “[...]  *você começa a olhar para aquilo de uma determinada forma, que nunca foi apresentada a outra forma. Então, quando você sai disso, você acaba abrindo a sua mente um pouco para outra forma de olhar o mundo [...]”* e “[...] *Nós percebemos que não há uma forma de viver. Há milhões de formas de viver. Há 7 mil milhões de formas de viver. Ninguém vive de maneira igual [...] E não há uma forma certa de viver [...] Então não há só uma forma de viver. Há milhões e nenhuma é certa. A certa é aquela em que tu... é que faz sentido para ti [...]”*”.

Essa mudança de perspectiva representa uma rutura com a mentalidade colonial que tradicionalmente se baseia em dualidades e oposições. Evidencia-se a complexificação da realidade quando se aceitam múltiplas abordagens para um mesmo assunto, como exposto pelo entrevistado Igor: “[...] *principalmente quando você cria referências. Os dois lados do mesmo assunto [...]*”. Essa abertura para diferentes perspectivas não apenas enriquece a compreensão individual, como contribui para uma apreciação mais profunda e complexa da realidade em sua totalidade, superando a visão limitada e dicotômica anterior. A percepção da realidade, antes limitada à própria perspectiva, é agora enriquecida pela consciência de que vivemos em um mundo muito maior do que “[...] *a extensão daquilo que é o nosso umbigo. E é um diâmetro muito, muito pequenino e muito limitado [...]*” (Joana). O contato com outras culturas mostra a diversidade e possibilidades de práticas, pois, para a entrevistada Mariana, “[...] *a gente acha que só tem a nossa forma de fazer e de enxergar as coisas e, na verdade, não [...]*”.

Joana se aproxima do pensamento paradoxal ao considerar “[...] *essa capacidade de ver o quão diverso é o mundo e que de facto nós somos tão tão pequenos, nós somos tão importantes e tão irrelevantes ao mesmo tempo, essa dualidade... e essa dualidade é tremenda [...]*” Esses pensamentos expressam a complexidade da vida, onde somos seres significativos em nossas experiências individuais, ao mesmo tempo em que constituímos apenas uma pequena parte do cenário global e da vastidão da existência.

Essa fissura na visão dualista leva a uma percepção da realidade mais complexa, com mais “camadas”, dando espaço ao questionamento e à reflexão crítica sobre as construções sociais. A compreensão de que há diversas formas de viver instiga a análise das construções sociais, como ilustrado por uma entrevistada Joana ao abordar a construção histórica dos territórios nacionais: “[...] *a ver essa humildade e esse respeito, porque este território, isto não nos pertence, isto é tudo uma construção social, isto é uma construção histórica [...]*. A crítica à ideia de pureza e uniformidade associada à noção de nação destaca a inevitável interconexão entre as nações em um mundo globalizado.

Adicionalmente, Mariana reflete sobre a limitação da visão, ressaltando como egoísmo acreditar que a própria experiência é a única realidade: “[...] *porque você achar que só existe aquilo ali que você está vivendo, é muito egoísmo [...]* segundo, que é uma visão

*muito fechada do quão grande é o mundo [...]”*. Destaca-se a necessidade de uma mentalidade mais aberta para apreciar a vastidão das experiências humanas, enfatizando que cada perspectiva individual é apenas uma pequena parte de uma realidade muito mais ampla.

Tal afirmação vai de encontro ao abordado por Maria, no trecho “[...] *And often If we're very stuck in our own culture, or if our culture is very narrow, we often... maybe we feel... we don't even think of the possibility of doing things in a different way. But there's, you know... We don't have to follow the specific path that our culture is saying [...]*”. A cultura exerce influência sobre a maneira como percebemos e lidamos com o mundo ao nosso redor. Quando se está excessivamente imerso em uma única forma de entender a realidade, isso pode acarretar dificuldades em descobrir novas abordagens para solucionar questões na vida, de modo que o contato com outras racionalidades amplia os horizontes de possibilidades: “[...] *the different cultures definitely help that. I guess it's like running horizona [...]*”.

Além disso, o conhecimento do mundo através das trocas culturais é reconhecido como uma ampliação do horizonte de compreensão e uma visão mais abrangente da realidade global. A interconexão e a proximidade transcendem as aparentes distâncias, desafiando concepções tradicionais sobre separação e isolamento: “[...] *começas a perceber que, ok, sim, o mundo é muito gigante, muito complexo e tem muitas... é muito, muito, muito diverso, mas nada está assim tão longe de ti [...]*” (Joana).

Cada entrevistado reconhece a inexistência de uma única maneira correta de viver, enfatizando a diversidade infinita de experiências de vida e rompendo com o pensamento colonial dualista.

### *3.1.6 Articulação cultural*

Na articulação cultural, os entrevistados identificam que o estranhamento diante do diferente é algo natural, não sendo isso efetivamente um problema. Inclusive, Joana afirma que o choque cultural é algo natural e saudável, “[...] *Porque é exatamente o entendimento de que há outra forma de estar, de viver e de ver o mundo que não é a tua. Ou de experienciar um mundo que não é a tua [...]*”.

Para o Igor, “[...] *todo mundo nasce dentro de uma bolha, e essa bolha, ela tem limites, que o que está fora desse limite, não é porque a pessoa é maldosa, ela vai ter, sim, preconceitos. Vai ter, inevitavelmente. Por melhor que a pessoa seja bondosa, não tem nada a ver. Tem preconceito. O que está fora dessa bolha assusta. Então, a partir do momento que você consegue furar essa bolha, você está muito mais aberto, você tem muito menos preconceitos [...]*”. Igor compreende que na interação cultural é normal o estranhamento ao diferente e quanto maior o contato com as múltiplas formas de existências, maior o entendimento que o estranhamento não é uma ameaça.

O desafio reside em como se relacionar com essa diferença, sendo que, frequentemente, o estranhamento é seguido de preconceito e afastamento, como apontado por uma das entrevistadas (Joana): “[...] *Nós temos um estranhamento àquilo que nos é diferente. É absolutamente normal [...]* Se nós não o vimos antes, nós não o conhecemos, é normal que nos calque estranheza. Mas essa estranheza, digo eu, a forma natural... O que vem a seguir essa estranheza, o natural e o saudável, seria a curiosidade. E muitas vezes o que vem a seguir é o preconceito [...]”.

A percepção comum entre os entrevistados é que quanto mais são expostos a diferentes culturas, menor é o estranhamento e choque cultural, conforme dizem Maria e Mariana, respetivamente: “[...] *I also think the habit of culture shock helps [...]* e “[...] *a gente não fica mais, uau, caramba, que choque de realidade [...]* acho que perde um pouco essa coisa do choque [...] *não é uma coisa que a gente fique... Não é um nossa do tipo, ah, poxa, diferente, mas não é uma coisa que choque num sentido de... pejorativo [...]*”. A diversidade torna-se mais evidente e o desconforto causado pelo choque cultural é amenizado. Identifica-se a relação entre o contato com a diversidade e a ampliação do espectro de experiências de estranhamento, seguido pelo despertar da curiosidade ou simplesmente o reconhecimento do diferente, de modo que o afeto do outro não gera reatividade, levando a uma evolução na perspetiva individual e, idealmente, à superação de preconceitos iniciais, como expõe Joana: “[...] *sem dúvida, eu acho que quanto mais tu estás em contacto com diversidade maior é o teu... maior é o teu espectro de estranhamento seguido de curiosidade [...]*”.

Logo, depreende-se que a superação do desafio ao estranhamento seguido de uma reatividade ou preconceito envolve o contato e a abertura à diversidade cultural, e os entrevistados compartilham ferramentas úteis.

Para Joana, é necessário habilidades interpessoais ou habilidades comportamentais (*[...] eu acho que é muito à base de soft skills [...]*), sendo a curiosidade uma característica essencial, isto é, o interesse ativo em explorar, aprender e absorver conhecimento sobre o mundo que vai além das fronteiras da sua própria bolha existência, bem como *“[...] ter uma escuta muito ativa [...]*”.

Mariana considera que a melhor ferramenta *“[...] é você estar de mente aberta... mente aberta e coração aberto, sem... despida de pré-julgamentos [...] a melhor ferramenta é você se abrir pra isso, se abrir pro novo, se abrir pra entender [...]*”. O uso de expressões como "mente aberta" e "coração aberto" indica uma postura de receptividade e disposição para compreender o que é diferente. A ideia de estar "despido de pré-julgamentos" enfatiza a necessidade de superar preconceitos e estereótipos, permitindo uma verdadeira interação e entendimento intercultural.

Há relação entre as falas das entrevistadas, pois a curiosidade, a escuta ativa e a abertura para o novo estão interligadas, representando uma postura de troca que vai além do simples reconhecimento, sendo uma ação efetiva de envolvimento e compreensão do outro.

Maria destaca a prática de contar histórias (*storytelling*), pois *[...] I think, humans are made to tell stories. And we're made to listen to them [...] So, I really think that storytelling evokes empathy. And as soon as you have empathy, you can reach knowledge [...]*”. Tal prática facilita a interação e a conexão entre diferentes culturas, visto que aborda aquilo que todos compartilhamos: histórias de vida. Além disso, aponta à participação em atividades diárias compartilhadas: *I really think that practical stuff. So, like, cooking [...] think sports works like that too [...] Building things, farming [...] Very, like, everyday stuff [...]*. Essas atividades proporcionam a interação constante entre indivíduos, permitindo o compartilhamento de experiências, ideias e vivências contribuindo para o desenvolvimento das relações.

Igor e Joana ressaltam a importância da comunicação além das barreiras linguísticas, evidenciando a necessidade de formas diversas de comunicação para facilitar a interação em contextos culturais diversos. Joana afirma que *“[...] a comunicação vai muito além daquilo que é a língua... há coisas que nós não precisamos verbalizar em palavras [...]*”, destacando que a comunicação vai além das palavras e envolve meios

não verbais. Já o Igor menciona adaptação ao usar um inglês simplificado e, se necessário, recorrer à mímica para garantir entendimento em situações interculturais: *[...] a base, eu acho que o item mais importante desse mundo eu vejo como a comunicação. E o que eu faço é o inglês hiper simplificado. Com o inglês hiper simplificado, todo mundo vai te entender [...] Ou você vai fazer uma mímica [...]*”.

Dessa forma, a articulação cultural emerge não apenas como um processo de comunicação, mas como uma abordagem multifacetada que envolve atitudes, práticas cotidianas e a disposição contínua para o compartilhamento e o entendimento mútuo.

### *3.1.7 Reflexão cultural*

Essa categoria foi formulada para englobar elementos que emergiram nas entrevistas conduzidas com Joana e Mariana. Na análise aprofundada dos excertos sobre a categoria, emerge a capacidade das entrevistadas de questionar e refletir sobre a sua própria cultura, a partir de outra cultura.

Joana, ao mencionar a presença de indianos em Portugal, que é vista como um problema por uma parcela da população ao afirmar *“[...] eles estão em todo o lado [...] de forma pejorativa, reflete que os portugueses também tiveram uma presença marcante em diversas partes do mundo e ainda tem considerado a emigração dos jovens portugueses para outros países europeus, destacando a globalização das interações culturais.*

Diante desta globalização, a Joana faz uma reflexão crítica sobre as dinâmicas culturais europeias, relativamente a mentalidade que busca preservar a própria identidade de maneira potencialmente perigosa, com atitudes fechadas, que podem levar à exclusão de outros grupos ou culturas: *“[...] o pensamento europeu cada vez mais é isto de manter a nossa tribo e de forma cada vez mais perigosa [...]*”

Mariana expõe o seu olhar crítico utilizando a interação com muçulmanos para questionar o sentimento de estranheza direcionado à outra cultura. O conceito de "diferente" é relativo e depende da perspectiva do observador, que, por sua vez, reconhece que, do outro lado, também está sendo observado como o "outro": *[...] eu comecei a pensar assim, nossa, eles devem achar a gente muito estranho, né? Que a gente não usa o hijab, que a gente não... que a gente usa short curto, que a gente usa decote [...] pra elas, nós somos estranhos, então, assim, já parou pra pensar nisso?*

[...]”. Há consciência do fato de que, assim como as pessoas de sua cultura podem achar os muçulmanos estranhos, igualmente podem ser percebidos da mesma forma por eles. Isso indica uma capacidade de adotar uma perspectiva externa da própria cultura, questionar preconceitos e reconhecer a relatividade das diferenças culturais.

No mesmo sentido, é a sua reflexão sobre o jeito brasileiro comparando com o comportamento dos portugueses: [...] *já pensou que nós brasileiros também, a gente tá sempre se justificando, sempre querendo dar um jeitinho, se a gente não vai, se a gente não vai, a gente fala, ah, vamos ver [...]*. A sua análise não se limita apenas a identificar padrões comportamentais típicos, mas inclui o questionamento intrínseco sobre a validade desses padrões: “[...] *por que que o modo deles tá ruim, sabe? [...]*” A entrevistada indaga por que uma abordagem seria mais correta do que outra, inferindo-se que há aprendizados valiosos a serem obtidos com outras culturas.

Dessa forma, as entrevistadas demonstram não apenas a habilidade de observar e compreender outras culturas, mas também de se autoquestionar e examinar sua própria identidade cultural.

### **3.2 Entrelaçando narrativas**

Este subtópico surgiu ao notar um diálogo dinâmico entre as entrevistas, para além das que constituíram as categorias e que são pertinentes ao presente trabalho. Ao encontrar pontos de convergência entre os entrevistados, fui motivada a explorar aspectos não abordados anteriormente, enriquecendo assim a análise.

Mariana, Maria e Joana compartilham que mesmo antes da intensificação do contato com outras racionalidades, já se sentiam abertas para o intercâmbio de experiências culturais. Joana e Maria assumem o contexto familiar como local de florescimento para facilidade em se articular culturalmente, respectivamente: “[...] *Eu acho que já vinha de um contexto familiar cuja diversidade estava muito presente.*” e “[...] *I think for me it's easy. But I think it's just because I've always had to. I don't even know anyone who's from the same background as me. You know? And even with my family, who would ethnically kind of be from the same background, they all grew up Soviet, in the USSR. I lived in Russia for three years, and then we moved to the West. There's huge culture clashes between us because I grew up in a completely different society*”. Mariana, apesar de não identificar um fator específico, afirma que sempre se sentiu confortável

em interagir com pessoas de culturas diferentes: *“muito confortável, e engraçado é que, assim, eu sempre me senti confortável [...] sempre foi muito fácil para mim [...]”*.

Um ponto interessante que surge nas entrevistas é a observação de que não basta viver junto. Em uma sociedade multicultural, não é necessariamente a simples convivência que potencializa reflexões mais profundas sobre o eu e o Outro. Como abordado no subcapítulo sobre Mediação Intercultural, não basta conviver sob o manto da tolerância, isto é, viver com as diferenças “aceitando” o “equivoco” do outro, em vez de aceitar e compreendê-lo. Com consideram Vieira e Vieira (2016):

Tolerar o outro, ainda que seja melhor do que excluí-lo diretamente, é, apenas, aceitar que ele exista sem mudança processual nossa ou dos outros em resultado da comunicação e interação (...) Portanto, ser tolerante, ou tolerar a tolerância, é aceitar um mundo estático pouco aberto à convivência, o que implicaria, claro, viver com os outros e não à margem dos outros (p. 96).

Mariana faz uma reflexão a partir da diferença de experiências entre ela e seu marido. O contato diário nos mesmo espaços, sem dúvida, diminui o estranhamento superficial, em razão do costume visual. Acostuma-se à um ambiente e a pessoas com expressões culturais diversas. No entanto, isso não significa uma alteração na percepção da alteridade, na auto percepção e na complexificação da realidade, visto que não há efetivo diálogo, como exemplificado pela passagem: *[...] Eu acho que hoje, por exemplo, o D\* já não fica mais, se vir uma pessoa com hijab, por exemplo, o D\* já não fica mais “Olha, olha” [...] Já não impacta mais. Mas talvez ele não tenha essa questão do tipo, cara, pra eles a gente é que é diferente [...]*.

Essa realidade é reconhecida da mesma maneira pela Joana, quando aborda o contexto do bairro da Mouraria, em Portugal. De acordo com a entrevistada, as pessoas vivem juntas, são vizinhas, mas não há relação e diálogo entre elas e como consequência, há uma tensão na região entre portugueses e imigrantes: *“[...] já vemos que também em alguns contextos isso não resulta, não é? Aqui no bairro da Mouraria, infelizmente, tem um bocadinho essa problemática, não é? há aqui uma separação... embora as pessoas estejam em contato, as pessoas vivam, sejam vizinhas e haja ali dinâmicas de interdependência económica ou o que for... não há relação entre as pessoas, as pessoas não querem saber umas das outras, as pessoas não estão interessadas [...] porque há*

*este estranhamento, porque há este sentido de “ ah invadiram o nosso espaço, invadiram o nosso lugar” e agora este lugar, que tinha esta imagem, já tem outra[...]”.*

Nesse cenário, Mariana assume que a diferença entre ela e o seu marido está ligada ao fato de que ela compartilhou experiências e vivências com o Outro, como frequentar a casa, cozinhar, conversar, entre outras atividades: “[...] *Mas a diferença é que eu acho que eu tenho um pouco mais de profundidade com essa diferença cultural [...] A experiência da troca, de você ficar na casa de uma pessoa, entendeu? De você estar ali vendo a casa da pessoa, os amigos da pessoa, o que que ela fala, o que que ela faz [...] o D\* nunca teve uma vivência na casa daquela pessoa, nunca foi naquele país e viu aquilo ali... Não cozinhou com aquela pessoa [...] é diferente, são experiências diferentes [...]*”.

Em outras palavras, o diálogo surge durante a (com)vivência em atividades do dia a dia, o que está alinhado com a abordagem de Maria sobre a articulação cultural, que envolve compartilhar experiências cotidianas. Para ilustrar isso, Maria usa o exemplo do ato de cozinhar junto.: “[...] *cooking because it's a communal activity. And it's... even when you cook on your own, even though you can cook on your own, as soon as you're with a group of people cooking together... one person has to hold something for the other person, etc... You activate that communal need [...]*. O mesmo raciocínio pode ser estendido para outras atividades semelhantes: essas experiências envolvem a cooperação e a interdependência entre os participantes, oferecendo oportunidades concretas para o compartilhamento de conhecimentos, tradições e valores culturais. Em consonância com Martin Buber e Paulo Freire, é no diálogo e na relação entre os seres humanos o princípio que permite uma compressão crítica da realidade e da história (Pena et al., 2018).

Outra convergência de ideias se destaca nas entrevistas de Joana, Maria e Mariana, que reside no poder das histórias em fomentar empatia e estabelecer conexões entre as pessoas. Conforme discutido no subtópico sobre articulação cultural, Maria enfatiza o Storytelling como uma ferramenta nesse processo. Mariana reforça essa perspectiva ao enfatizar as histórias como pontos de encontro entre os indivíduos, pois “[...] *todo mundo tem uma história [...]*”. Nesse mesmo sentido, Joana, enfatiza a possibilidade de através das histórias, identificar heranças e referências presentes nas narrativas: “[...] *quando a pessoa partilha connosco parte da sua história, nós também temos a*

*oportunidade, se estivermos a ouvir com muita, muita atenção, de perceber quais são estes códigos, de perceber quais são estas heranças, perceber quais é que são estas referências [...]”.*

Maria reforça que a habilidade humana de contar e ouvir histórias. Corroborando seu pensamento, Boaventura de Sousa Santos afirma que, “o contador de histórias gera uma sensação de copresença imediata e concreta através da qual as experiências sociais que existem em tempos, espaços e culturas diferentes se tornam mais facilmente acessíveis e inteligíveis, a um tipo de copresença que não se consegue obter através da linguagem conceitual” (2022, p. 94). Assim, as entrevistadas evidenciam uma visão compartilhada sobre a importância das histórias na formação de conexões interpessoais, na construção do conhecimento e na promoção da compreensão mútua.

Prestes a encerrar, um ponto em comum abordado entre Joana e Igor foi o impacto da desigualdade social como experiências que despertaram reflexões sobre a vida. Ao adentrar espaços marcados pela escassez e adversidade, os entrevistados são confrontados com uma realidade que os obriga a repensar seus próprios valores e perspectivas. Analisando seus relatos, eles testemunham uma resiliência e generosidade surpreendente entre aqueles que têm pouco, materialmente, mas ainda são capazes de compartilhar o que têm, fato que muitas vezes não é observado entre aqueles que desfrutam de privilégios materiais, conforme expõe Igor: *[...] Essa foi uma experiência que, para mim, me trouxe uma nova perspectiva de quem não tem nada e te dá tudo [...] Gostaria de ser um ser humano tão evoluído quanto ela. Mas... estou no caminho, que ainda falta muito para chegar aos pés dessa mulher [...]*

Essas experiências refletem não apenas as disparidades sociais gritantes, como, ainda, as profundas lições de humildade e aprendizado. Sem romantizar a pobreza, a Joana reconhece, a partir dessas experiências, a brevidade da vida e a fragilidade de seus próprios privilégios: *[...] Mas em particular nestes lugares marcados pela pobreza, marcados pela miséria, o que eu vejo é um sentido profundo de comunidade e um sentido profundo de valor à vida. De dar valor à vida. De dar valor ao estar aqui. Eu estou aqui e estou a respirar. Tu dás valor a isso, Juliana? Eu não. Eu muitas vezes não dou valor ao facto de estar aqui e estar a respirar. E tem sido um grande banho de humildade e de aprendizagem. Porque nós, de facto, estamos aqui. A viagem é muito*

*curta. A viagem é curtíssima. E eu fico com a sensação, muitas vezes, que nós, neste lugar de privilégio, estamos a viver uma peça de teatro [...].*

Para além das trocas culturais, essas experiências são identificadas enquanto acionadoras de reflexão e transformação na perspetiva de vida.

### 3.3 Quadro de posicionamentos

CATEGORIAS DE ANÁLISE	Maria	Igor	Mariana	Joana*
<p><b>Habilidades e Competências</b></p>	<p>As habilidades desenvolvidas incluem a capacidade de comunicar-se, de demonstrar sensibilidade para as necessidades e diferenças individuais, e de respeitar as pessoas. Além disso, ressalta-se a importância de se estar aberto às mudanças e às transformações pessoais como um meio de facilitar a aceitação das diferenças nos outros e com isso, melhorar habilidades para conviver e interagir socialmente. A entrevistada sublinha também a ideia de que as limitações em nossa percepção podem ser expandidas através da exposição a uma variedade mais ampla de experiências e</p>	<p>Destaca-se o desenvolvimento de empatia, flexibilidade e compreensão. Além disso, ressalta as habilidades de adaptação e sociabilidade, que estão intimamente ligadas à capacidade de interagir, comunicar-se e se relacionar com pessoas em diversos contextos sociais. Isso inclui a habilidade de navegar por diferentes ambientes sociais, entender e respeitar as normas e expectativas culturais, sem se impor.</p>	<p>Aprimoramento das habilidades interpessoais como compreensão, empatia e aceitação das diferenças. Adota atitude reflexiva para questionar e explorar as razões por trás das diversas manifestações culturais.</p>	<p>O respeito pela diversidade é apresentado como essencial. Enfatiza que a igualdade não é pré-requisito para o apoio mútuo, compreensão ou respeito.</p>

	perspetivas.			
<b>Experiência de vida</b>	<p>Enfatiza o impacto significativo das interações culturais na formação e evolução das perspetivas e práticas individuais. As experiências de contato com o outro não somente introduzem novas possibilidades e maneiras de pensar, mas também permitem atualização dos caminhos para alcançar objetivos existentes.</p>	<p>Valorização da diversidade e das diferenças culturais como elementos enriquecedores das experiências de vida, expressando desinteresse em ambientes homogêneos. A exposição a diferentes formas de vida não apenas expande o repertório e as referências de possibilidades, mas também fortalece a autoconfiança e a autonomia no processo decisório. Impacto na escolha de não ter religião e práticas cotidianas, como por exemplo, higiene pessoal.</p>	<p>Apreciação significativa pela diversidade presente em seu dia a dia, evidenciando a importância de um ambiente que valorize a multiplicidade cultural. Observa uma evolução em sua postura relativamente às interações sociais, que a conduz a uma abordagem mais compreensiva e menos restrita a sua percepção pessoal. Isso contribui para uma vida percebida com mais leveza. O contato com variadas formas de pensar e entender o mundo incita reflexões que abrangem desde práticas cotidianas até questões existenciais</p>	<p>Desenvolvimento do pensamento crítico e da conscientização sobre a diversidade cultural, reconhecendo que a própria maneira de viver é apenas uma dentre muitas possibilidades existentes. As trocas culturais influenciam diretamente as práticas cotidianas. Além disso, compartilha sua facilidade em encontrar pontos em comum com pessoas de outras nacionalidades. Por fim, inspirada pelas trocas interculturais, é motivado a refletir sobre sua própria existência e maneira de levar a vida.</p>

			mais profundas. Mudança em sua tolerância em relação a pessoas preconceituosas em sua vida.	
<b>Auto percepção</b>	Demonstra uma consciência sobre sua identidade e percepções culturais, mesmo quando imersa no aprendizado e na absorção de conhecimentos provenientes de outras culturas. Diálogo com as influências externas, integrando-as de maneira seletiva e reflexiva à sua construção identitária.	Percebe uma mudança positiva em si mesma, como ser mais aberto para ter experiências diferentes e se tornar uma pessoa mais interessante. Os encontros com outras culturas contribuíram para a sua adaptabilidade e flexibilidade, refletindo em uma postura confiante de si e ao lidar com a diversidade.	Reflete que a maneira como se vê pode divergir da percepção dos outros. Entende que se tornou mais empática e observadora e isso impulsiona a capacidade de reconhecer e alterar seus julgamentos e preconceitos. Se sente confiante para estar em diferentes contextos culturais, evidenciando uma natureza não rígida e	Se reconhece como uma pessoa intrinsecamente ligada à pluralidade cultural, indicando que a ausência dessa diversidade resultaria em uma versão muito diferente de si mesma, potencialmente menos sábia. Evidencia uma consciente reflexão sobre os privilégios sociais derivados de ser uma mulher branca e europeia, bem como sobre sua posição enquanto ser

			uma mentalidade aberta.	humano diante da imensidão da vida. Admite a existência de seus preconceitos e manifesta disposição para aprender e desconstruí-los.
<b>Percepção da realidade</b>	Aponta que a cultura exerce influência sobre a maneira como percebemos e lidamos com o mundo ao nosso redor e o contato com outras culturas amplia as perspectivas de possibilidades de lidar com a vida.	Enfatiza a diversidade como algo positivo e belo. O contato com outras culturas permite criar referências que aumentam o repertório para compreensão da realidade e também a complexifica, na medida que aceita múltiplas abordagens do mesmo assunto.	Ao expor-se a múltiplas formas de entender e interagir com o mundo, o sujeito destaca como sua percepção de mundo se expande, abrindo-se para acolher a diversidade e entender como a realidade humana é complexa, superando a tendência a um comportamento egoísta e etnocêntrico.	Identifica que a diversidade impacta a forma como entende o mundo. Rompimento do pensamento dualista, considerando que não existe uma única maneira correta de viver, e aproximação de um pensamento complexo e paradoxal. Reconhece que sua percepção da realidade é limitada por sua experiência. Consciência crítica sobre conceitos como nação e território.

<b>Reflexão cultural</b>	x	x	Capacidade de analisar criticamente a própria cultura ao reconhecer e questionar comportamentos típicos, entendidos como normal, bem como questionando como sua própria cultura é vista por aqueles com práticas diferentes.	Abordagem reflexiva que não apenas questiona as práticas e mentalidades dentro da própria cultura, mas também reconhece a conexão e a influência recíproca entre culturas.

<b>Alteridade</b>	<p>Ao invés de focar na identificação das especificidades ou diferenças culturais de forma isolada, demonstra um interesse maior no que o outro tem a oferecer em termos de práticas, ideias e experiências. Abordagem aberta e reflexiva nas interações culturais.</p>	<p>Destaca uma postura de igualdade, sugerindo uma disposição para reconhecer e respeitar todos os tipos de pessoas. Evidencia a relevância das experiências pessoais com pessoas de outras culturas para desconstrução de preconceitos e na apreciação do outro.</p>	<p>Se empenha em uma tentativa de entender genuinamente as práticas e perspectivas distintas, o que facilita a desconstrução de visões unilaterais. Compreendendo que as características atribuídas ao outro emergem de contextos culturais específicos. Aduz a condição humana compartilhada entre todas as pessoas, sublinhando a importância de cada trajetória de vida.</p>	<p>Valorização das vidas diferentes da sua, com o reconhecimento e legitimação da história de vida do outro. Aduz o compartilhamento de emoções e desejos humanos entre todos nós. Abertura e curiosidade em compreender como indivíduos que vivem em universos diferentes percebem e interpretam as mesmas coisas.</p>

<p><b>Articulação cultural</b></p>	<p><i>Storytelling</i> e prática de atividades cotidianas, além a familiaridade com o processo de enfrentar e adaptar-se a culturas diferentes (choque cultural), são meios de articulação cultural eficientes. Destaca reconhece que, apesar da relativa facilidade em identificar pontos comuns, o grande desafio reside em promover a aceitação e compreensão dessas diferenças.</p>	<p>A ferramenta para articulação cultural é a uma comunicação acessível. <i>Compreende</i> que na interação cultural é normal o estranhamento, pois vivemos em “bolhas” e temos uma percepção limitada, mas pode ser ultrapassado de forma positiva.</p>	<p>Na categoria de articulação cultural, enfatiza a importância de manter uma mente e um coração abertos como ferramentas essenciais para a conexão, integração e interação entre diferentes culturas. Entende as diferenças quanto algo normal. A experiência direta com a diversidade cultural facilita a aceitação de forma mais natural e integrada das várias formas de existência humana.</p>	<p>Na articulação cultural, a entrevistada sublinha a importância de habilidades interpessoais, como a curiosidade e a escuta ativa. Vê o choque cultural e o estranhamento inicial diante do desconhecido não como barreiras, mas como oportunidades para o desenvolvimento da curiosidade e para o aprendizado.</p>
------------------------------------	---	--	---	---

## CONCLUSÕES

*“Estou não sou da sua rua  
Eu não falo a sua língua  
Minha vida é diferente da sua  
Estou aqui de passagem  
Esse mundo não é meu  
Esse mundo não é seu”*

(Eu não sou da sua rua, Marisa Monte)

Este estudo teve como objetivo entender como o encontro entre indivíduos de diferentes contextos culturais contribui para a formação dos sujeitos e transformação da percepção da realidade, através da sua complexificação.

Através de uma análise cuidadosa das entrevistas realizadas, emergiu uma compreensão rica da complexidade e do valor educativo dessas trocas. A educação aqui abordada vai além do enriquecimento contínuo de conhecimento; é uma via privilegiada para a construção da própria pessoa, isto é, tem como princípio a formação, ocorrendo nos ambientes cotidianos e prático, e é comprometida com a responsabilidade com o Outro. Responsabilidade, conforme nos informa Stegner (2018), é uma questão de preocupação (cuidado e atenção), de responder verdadeiramente ao outro. Essa relação dialógica, marcada pela colaboração, só é possível através do (re)conhecimento do outro.

Assim, este estudo teve como objetivos específicos compreender a influência das trocas culturais na percepção de mundo dos indivíduos, avaliar o impacto do contato com outras culturas na formação do sujeito e evidenciar qual a influência das relações interculturais na percepção da alteridade. Dado que os objetivos desta pesquisa estão intrinsecamente conectados, pois “conhecimento do outro, diálogo e visão de mundo, [...] são temas básicos para dimensionar o potencial crítico e criativo de uma formação que se coloca contra a desumanização” (Pena et. al, 2018, p. 7), pode-se afirmar que a forma para sua compressão é circular, de modo que abordar como cada objetivo foi alcançado requer uma discussão integrada.

A análise integrada das categorias revela que, independentemente das diferenças individuais entre os entrevistados, há uma convergência significativa na maneira como as trocas culturais moldam suas percepções, habilidades e identidades.

Foi possível identificar que as interações culturais desempenham um papel educativo significativo, contribuindo para a formação, desenvolvimento dos sujeitos e transformação da visão de mundo. As interações culturais enriquecem a compreensão dos sujeitos sobre si mesmos e sobre o outro, promovendo o desenvolvimento de habilidades e competências sociais essenciais para a convivência em sociedades multiculturais, bem como o enriquecimento da percepção da realidade.

As semelhanças encontradas entre os sujeitos, como a valorização da diversidade, o desenvolvimento de habilidades interpessoais como empatia e compreensão, e uma maior abertura e flexibilidade diante de diferentes culturas, destacam que as trocas culturais constituem uma forma rica e multidimensional de aprendizagem que prepara os indivíduos para atuarem como cidadãos globais responsáveis e sensíveis à diversidade do mundo em que vivem. O desenvolvimento de habilidades interpessoais permite o diálogo e uma dinâmica relacional mais pacífica. Se é no campo da relação que o processo educacional contínuo acontece, essas capacidades são essenciais.

Os sujeitos entrevistados não apenas reconhecem existência de outras formas de viver para além das suas, mas também relacionam essas existências com a sua própria. Essa capacidade permite e auxilia na compreensão de uma realidade dinâmica. A realidade transcende a lógica da racionalidade colonial e binária, evoluindo para uma percepção complexa e crítica que foi intensificada, ou mesmo motivada, pelo encontro com formas de vida diferentes. As trocas culturais desafiam e expandem as percepções de mundo dos entrevistados, incentivando-os a questionar premissas e explorar novas perspectivas. Esse processo de questionamento e descoberta é central para o desenvolvimento do pensamento crítico, uma competência educacional primordial.

Ao se depararem com modos de vida e sistemas de crenças diferentes dos seus, os indivíduos aprendem a relativizar suas próprias visões, reconhecendo a pluralidade de realidades e a complexidade das experiências humanas, o que não significa a completa transformação ou ainda a incorporação de outro ponto de vista, mas uma visão crítica de suas ações, vida e cultura.

Nessa dinâmica, a alteridade se apresenta como um dos pilares de transformação e os entrevistados parecem reconhecer isso. Kramer, citado por Pena (2017), quando discorre sobre a alteridade:

A alteridade não se limita à consciência da existência do outro, mas comporta também o estranhamento e o pertencimento; a incompletude e a provisoriedade. Ao lidar com o diferente, com aquilo que se altera em mim e no outro em um contexto dialógico, surge a possibilidade de um novo significado, que caminha no sentido contrário ao de uma construção que busca uma verdade absoluta (p. 768).

Assim, pode-se dizer que o processo de formação emergiu, principalmente, da convivência, permitindo a construção de conhecimento dos sujeitos sobre si mesmo - como por exemplo a identificação de preconceitos e estereótipos, reconhecimento de privilégios na posição social, entendimento da limitação de suas percepções ou a identificação de flexibilidade e adaptabilidade - e sobre a realidade da vida, diante do reconhecimento das múltiplas formas de viver.

A reflexão de si, do outro e da realidade, marcado por um processo dialógico entre as interações externas e internas, evita a reprodução de uma monocultura de ideias e valores, considerando que “A reflexão é um processo de conhecer como conhecemos, um ato de voltar a nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respetivamente, tão aflitivos e tão tênues quanto os nossos” (Maturana & Varela, 2019, p. 29-30).

Observamos uma dinâmica de reapropriação da realidade. Não se trata apenas de aceitar passivamente as influências externas de como o mundo ou as pessoas são, mas de reconfigurar ativamente a compreensão da realidade. Isso implica em uma abordagem crítica e reflexiva, onde os afetos dos outros desempenham um papel importante na transformação e reconstrução da visão de mundo, fugindo de uma reprodução automática de concepções predefinidas. Como afirma Suely Rolnik, “a descolonização do inconsciente implica necessariamente o terreno das nossas relações, das mais íntimas às mais distantes, os efeitos de qualquer gesto nesse sentido são coletivos” (2020, p.96).

São coletivos pela construção do comum, pois a produção da realidade se faz na relação e no entendimento do outro.

Por outro lado, as diferenças nos relatos, embora menos proeminentes, também são reveladoras. Variam desde o grau de impacto que as trocas culturais têm na vida pessoal até a maneira específica como cada indivíduo integra essas experiências em sua construção identitária e percepção de realidade. Essas variações refletem os distintos contextos de vida, as histórias pessoais e as predisposições individuais, apontando para o fato de que, embora as trocas culturais tendam a gerar tendências gerais de impacto, como uma maior abertura, sensibilidade para com a diversidade e habilidades de sociabilidade, os efeitos específicos dessas interações são profundamente pessoais e moldados por um conjunto único de fatores.

Para ilustrar, podemos utilizar as diferenças entre Mariana e Igor, cujos relatos oferecem insights que refletem a gama de experiências descrita. Pelos relatos de Mariana, percebe-se que a interação cultural tem como resultado uma postura e abordagem mais reflexiva e questionadora, indicando que Mariana absorveu profundamente os impactos das trocas culturais, não apenas aprendendo sobre outras culturas, mas integrando essas experiências em sua visão de mundo e na sua percepção da alteridade. Para Igor, por outro lado, o foco parece recair sobre habilidades pragmáticas, embora não haja uma abordagem superficial por parte de Igor. Seu relato enfatiza a valorização da diversidade e das diferenças culturais como elementos enriquecedores das experiências de vida, mas também aponta para um impacto na escolha de práticas cotidianas, como a não adoção de uma religião, sugerindo que as mudanças em sua percepção podem ser mais voltadas para adaptações práticas em sua vida.

Importante notar que esses exemplos estão relacionados especificamente aos sujeitos em questão e seus contextos, mas que os indivíduos podem vivenciar ambos os aspectos dessas trocas, tanto a transformação profunda quanto o desenvolvimento de habilidades pragmáticas, em diferentes momentos de suas trajetórias interculturais.

É crucial enfatizar, conforme observado, a importância da convivência que transcende a mera ocupação do mesmo espaço físico, implicando uma interação dialógica. Os entrevistados destacam o uso de ferramentas de articulação cultural que, sob exame mais detalhado, podem ser fundamentais para desenvolver dinâmicas e atividades

sociais que promovam a articulação cultural, sugerindo uma abordagem mais rica e engajada na construção de relações interculturais.

Dessa forma, considero que os objetivos foram alcançados ao evidenciar que as trocas culturais vão além de simples interações entre sentidos; elas são processos educativos que promovem a empatia, o respeito mútuo, e uma compreensão mais profunda das múltiplas realidades que constituem o tecido social. As experiências dos participantes ilustram como o contato com culturas diversas expande horizontes, desafia preconceitos, e fomenta uma visão de mundo mais inclusiva e multifacetada.

Apesar disso, reconheço limitações significativas, incluindo o escopo restrito do universo de estudo e o período conciso para a elaboração da tese. Além disso, a inexperiência inicial da pesquisadora também foi um ponto de limitação, embora acredite que tenha sido superada ao longo do processo de pesquisa, contribuindo para a compreensão e aplicação do método científico. Inclusive, essa experiência ressalta a relevância da vivência/experiência no processo educativo, evidenciando como a prática contribui significativamente para o desenvolvimento e aprimoramento das habilidades, nesse caso, de pesquisa.

Por fim, acredito que este trabalho contribui para o campo de estudos interculturais, especialmente para a mediação intercultural, oferecendo uma perspectiva fresca sobre a importância das trocas culturais na construção de identidades mais abertas e na promoção de sociedades mais coesas. As conclusões reforçam a necessidade de incentivar o diálogo e a interação entre culturas como meio de combater a intolerância e construir um mundo mais compreensivo.

A riqueza das trocas culturais, como evidenciado neste estudo, reitera a sua centralidade na educação e na formação do sujeito moderno. Ao promover a compreensão e a valorização da alteridade, essas trocas se mostram fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência global, não no sentido universalista, mas na consciência da diversidade natural do Globo, essencial para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais interconectado. Espero encorajar, com esse estudo, um engajamento contínuo com a diversidade cultural, não apenas como um recurso educativo, mas como um caminho vital para a construção de um futuro mais sustentável e criativo.

## BIBLIOGRAFIA

Almeida, H. N., Albuquerque, C. P. & Santos, C. C. (2013). Cultura de Paz e Mediação Social. Fundamentos para a construção de uma sociedade mais justa e participativa. *Mediaciones Sociales*, 12, p. 132-157. [https://doi.org/10.5209/rev\\_MESO.2013.n12.45266](https://doi.org/10.5209/rev_MESO.2013.n12.45266)

Almeida, M. C. X. (2008). Educação como aprendizagem da vida. *Educar*, (32), 43-55. Editora UFPR.

Amorim, M. (2007) A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In Freitas, M. T, Souza, S. J. e Kramer, S. (orgs.), *Ciências humanas e pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin* (11-25). Cortez.

André, J. M. (2012). “Multiculturalidade, Identidades e Mestiçagem: o diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião”. Palimage.

Barros, R. (2011). *Genealogia dos conceitos em educação para adultos: da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida*. Chiado Editora.

Boavida, J., & Amado, J. (2006). *Ciências da Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Carneiro, A. S. (2013). Deleuze & Guattari: uma ética dos devires [dissertação de mestrado]. Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Unioeste.

Corrêa e Castro, M. M., & Amorim, R. M. de A. (2015). A formação inicial e a continuada: Diferenças conceituais que legitimam um espaço de formação permanente de vida. *Cadernos CEDES*, 35(95), 37-55. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000300013>

Cortesão, L., Stoer, S., Casa-Nova, J. M. & Trindade, R. (2005). *Pontes para outras viagens escola e comunidade cigana: representações recíprocas* (1ª ed). Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Costa, R. (2005). Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, 9(17), p. 235-248.

- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. (A. Guerra Neto et al., Trans.). Ed. 34.
- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Minayo, M. C. S. (Eds.). (2007). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (26ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Dewey, J. (1979). *Democracia e educação: Introdução à filosofia da educação* (4ª ed.). Ed. Nacional.
- Frantz, W., Schönardie, P. A. & Schneider, J. O. (2017). As práticas do movimento cooperativo como lugares de educação. *Revista de Didáticas Específicas*. (16), p. 14-26.
- Freire, P. (1996) *Pedagogia da autonomia* (20ª). Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). *Política e educação: Ensaio* (5ª ed.). Cortez.
- Freitas, M. T., Jobim e Souza, S., & Kramer, S. (Eds.) (2007). *Ciências humanas e pesquisa: Leitura de Mikhail Bakhtin* (2ª ed.). Cortez Editora.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica – Cartografias do desejo* (4ª). Vozes.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso* (1ª). Lucerna.
- Ireland, T. D. (2019). Educação ao longo da vida: Aprendendo a viver melhor. *Sisyphus — Journal of Education*, 7(2), 48-64. <https://doi.org/10.25749/sis.17604>
- Jares, X. R. (2007). *Pedagogia da convivência* (1ª). Profedições.
- Jobim e Souza, S., & Deccache Porto e Albuquerque, E. (2012). A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. *Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso*, 7(2), 109–122. <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/8124>
- Krenak, A. (2021, março 04). *Comendo, bebendo, dançando, cantando e levantando o céu*. Universidade de Loughborough Meios de comunicação. [https://repository.lboro.ac.uk/articles/media/Eating\\_drinking\\_dancing\\_singing\\_and\\_liftng\\_the\\_sky/14515704](https://repository.lboro.ac.uk/articles/media/Eating_drinking_dancing_singing_and_liftng_the_sky/14515704)

Krenak, A., & Dantas, A. (2021, maio 14) Conversa Selvagem - Primeira Flecha: A serpente e a canoa. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=AMmrj8e9OUo>

Krenak, A. (2020). A potência do sujeito coletivo. In J. de Souza e Silva et al. (Eds.), *Mestre das periferias: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco (in memoriam)* (1ª ed., pp. 83-119). EDUNIperiferias.

Lander, E. (2005) Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In Colección Sur Sur, CLACSO. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas* (pp. 08 – 23). <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.htm>

Lapoujade, D. (2017). *As existências mínimas* (1ª). n-1 edições.

Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Editora Artmed.

Libâneo, J. C. (2022). *Pedagogia e pedagogos, para quê?* [livro eletrônico] (1. ed.) Cortez.

Lima, L. (2020). Democracia e educação de adultos: “Aprender com a própria vida”, viver e aprender democracia. In A. M. Canelas (Org.), *Educação de Adultos: Ninguém pode ficar para trás* (pp 198-209). Conselho Nacional de Educação. (Seminários e Colóquios). ISBN 978-989-8841-29-2.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica* (5ª ed.). Ed. Atlas.

Marín, J., (2009) Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização, Espaço Pedagógico, 12(2), p. 127-154. <http://seer.upf.br/index.php/severp/rep/article/view/7447#:~:text=MARIN%2C%20J.-,Interculturalidade%20e%20descoloniza%C3%A7%C3%A3o%20do%20saber%3A%20rela%C3%A7%C3%B5es%20entre%20saber%20local%20e,1%2C%2017%20out>.

Maturana, H. R., & Varela, F. J. (2019). *A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana* (11ª). Palas Athena.

McAuliffe, M., & Triandafyllidou, A. (Eds.). (2021). *World Migration Report 2022*. International Organization for Migration.

Mendes, A. (2012). *Para além da “tragédia do comum”*: conflito e produção de subjetividade no capitalismo contemporâneo. [tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Biblioteca digital de teses e dissertações: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/9249>

Mendes, A. (2013). Da ontologia do comum ao fazer-multidão: possibilidades e limites do pensamento de Jean-Luc Nancy. *Revista Eco-Pós*, 15(2), p. 28–50. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v15i2.898>

Morais, J. L. B. & Veras, M. R. (2018) Medicação e transformação social. *Revista Direitos Culturais*, 13(30), p. 15-28. DOI: <http://dx.doi.org/10.20912/rdc.v13i30.2647>

Nico, B. (2020). *Educação comunitária – A teoria de uma prática*. Universidade Popular Túlio Espanca da Universidade de Évora. SBN 978-989-9013-03-2.

Nicoletti, L. P., & Nunes, C. A. (2020). As concepções de Mundo e de Pessoa de Paulo Freire: Pequenos fragmentos. *Educação, Sociedade & Culturas*, (56), 45–62. <https://doi.org/10.34626/esc.vi56.25>

Núñez, G. (2021). Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. *Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios*, 8(21).

Pena, A. C. (2017). Diálogo, alteridade e agir ético na educação: um encontro entre Martin Buber, Mikhail Bakhtin e Paulo Freire. *Educação e Filosofia*, 31(62), 751-781. <http://dx.doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v31n62a2017-p751a781>

Pena, A. C., Nunes, M. F. R., & Kramer, S. (2018). Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: A atualidade de Paulo Freire e Martin Buber. *Educação em Revista*, 34, e172870. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698172870>

Pineau, G. (2004). *Temporalidade na formação: rumo a novos sincronizadores*. TRIOM.

Rena, A. (2015) O comum, a comunidade e a comunicação; entre Jean-Luc Nancy, Michael Hardt e Antonio Negri. *Revista lugar-comum* (45), p. 221-231.

- Rocha, D., Daher, M. D. C., & Sant'Anna, V. L. de A. (2004). A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: Reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia*, 8(08). <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1132>
- Rolnik, S. (2020). *Esferas da insurreição. Notas para uma vida não chulada*. Ed. Sistema Solar com Teatro Praga.
- Romero, C. G., (2010) *Interculturalidade e Mediação*. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Rufino, L. (2019) *Pedagogia das encruzilhadas*. Mórula Editorial.
- Santos, B. de S. (2022). *O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul* (1ª ed). Autêntica.
- Santos, M. (2012). *Por uma outra globalização* (22ª). Record.
- Severino, A. J. (2006). A busca do sentido da formação humana: Tarefa da filosofia da educação. *Educação e Pesquisa*, 32(3), 619-634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000300013>
- Silva, A. R. da, Arruda, M. A. P. de, Araujo, A. C. da S. de, Silva, C. R. da, Lucas, C. de B., Pereira, D. R., Menegat, F., Colling, G., Luz, G. da, Bosco, J. K. Dal, Cunha, J. F. Flores da, Macedo, L. P., Abreu, L. F. S. de, Müller, L., Telles, M., Severo, T., & Werlang, A. P. (2022). Micropolíticas: devir, cooperação dissonante e experiência pura. *Intexto*, (54), Edição especial em homenagem a Alexandre Rocha da Silva, e-120333. <https://doi.org/10.19132/1807-8583202254.120333>
- Silva, A. M. C. & Costa, E. P., (2022) *Medicação Intercultural: formação, ação e reflexão*. (1ª Ed) UMinho. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.63>
- Silva, E. A. (2013). As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. *Revista Angolana de Sociologia*, 12. <http://journals.openedition.org/ras/740> DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.740>.
- Silva, F. S. e. (2020). A cosmopolítica de Isabelle Stengers: Da metafísica à política. In R. F. de Sousa & N. Madarasz (Orgs.), *Filosofia por Elaes* (pp. 161-171). Editora Fundação Fênix.

Stengers, I. (2018). A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (69), 442-464. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>

Stengers, I. (2021). Notas introdutórias sobre uma ecologia de práticas. In W. Mattos (Coord.), *Artecompostagem'21* (pp. 9-28). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes.

Sztutman, R. (2019). Um acontecimento cosmopolítico: O manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers. *Mundo Amazónico*, 10(1), e74098. <https://doi.org/10.15446/ma.v10n1.74098>.

Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto.

Vieira, A. & Vieira, R. (2016). *Pedagogia social, mediação intercultural e (trans)formações* (1ª ed.) Profedições.

Vieira, R. (2010). *Identidades pessoais – interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais* (2ª). Edições Colibri.

Vieira, R. (1999). *Histórias de vida e identidades. Professores e interculturalidade. Afrontamentos*.

Vieira, R., & Vieira, A. (2021). Da complexidade dos processos educativos: A mediação intercultural e a construção de terceiras pessoas. In L. Rangel & L. M. Q. Sitja (Eds.), *Mundo da vida e redes educativas* (pp. 169–196). EDUFBA.

Vieira, R., Marques, J. C., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C., (2020). *Migrações, minorias étnicas, políticas sociais e (trans)formações. Mediação intercultural e intervenção social*. Edições Afrontamento.

Vieira, R., Marques, J. C., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C., (2016). *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social*. Edições Afrontamento.

Vilutis, L. (2019) Gestão cultural comunitária em três dimensões simbólica, cidadã e econômica. In A. A. C. Rubim. (Ed.) *Gestão Cultural*. (pp. 169 – 192). EDUFBA.

## APÊNDICE A – GUIÃO

Entrevista semiestruturada sob o paradigma biográfico.

(a) Aplicável a todos os entrevistados:

Dados do/a entrevistado/a:

1. Nome;
2. Idade;
3. Nacionalidade;
4. País de morada;
5. Profissão.

Contextualização da pesquisa e pedido de autorização de gravação.

(b) Guião utilizado com entrevistada Maria:

1. In what ways do you believe that engaging with different cultures and interacting with people from diverse cultural backgrounds influences your personal development? How does it shape your way of reading and understanding the world?
2. Is there any specific tool that helps facilitate the articulation of cultural differences?
3. Faced with cultural differences, are you able to find common ground between yourself and others?
4. Have you ever experienced culture shock? How did you handle the situation??
5. Regarding your imagination and creativity, do you think that exposure to other cultures has an impact on these attributes?

6. Could you please share a story of interacting with people from another culture that you feel has had a significant impact on your worldview?

(c) Guião utilizado com os demais entrevistados:

1. Em que medida o seu cotidiano envolve um contato com outras culturas?
2. Você se sente confortável diante da diversidade cultural? e de que forma ela contribui para a sua formação?
3. O contato com outras racionalidades afeta a forma como você se percebe como indivíduo (como você se vê)?
4. Você percebe mudanças em sua própria forma de pensar e entender o mundo devido às interações com pessoas de culturas diversas? Pode dar um exemplo?
5. Existe alguma ferramenta específica que você considere útil para facilitar a articulação das diferenças culturais?
6. No que diz respeito à sua imaginação e criatividade, você acredita que a exposição a outras culturas tem impacto nesses atributos?
7. De que maneira o convívio com pessoas de diferentes culturas influenciou seus relacionamentos pessoais, se é que influenciou.
8. Frente às disparidades culturais, consegue identificar aspectos comuns entre você e os outros?
9. Já enfrentou alguma situação de choque cultural? Como foi lidar com essa experiência?
10. A partir da sua experiência, você acha que o convívio com pessoas de culturas diferentes pode influenciar a maneira como aprendemos e crescemos como seres humanos? Como?

11. Poderia compartilhar uma história de interação com pessoas de outra cultura que você sinta que teve um impacto significativo em sua visão e experiência de mundo?

## APÊNDICE B – ENTREVISTAS E CATEGORIAS

## APÊNDICE B.1

- Maria Kruglyak, sueca-russa, 27 anos, escritora e artista, residente em Portugal.
- Data da realização: 3 de dezembro de 2023.
- Duração da entrevista: 60 min.

**Investigador (Inv.):** *So, you already know the project. We had a conversation before for me to explain to you. So, please feel free to express your thoughts openly. And if you're not comfortable with any question or subject, we can move on to another one. Please make yourself comfortable.*

**Entrevistado (M.K.):** No worries.

**Inv.:** *I split this interview into two parts. The first part is about your project, Stories of Our Food.*

[...]

**Inv:** *So, now we move on to the second part, but You can bring your experience with the project also to answer this question. In what ways do you believe, even with your project for you, engaging with other cultures and interacting with people from diverse cultural backgrounds influence your personal development? How does it shape or influence your way to understand the world and experience the world?*

**M.K:** I mean, massively, but if I'm thinking of different ways, I mean, in terms of the project, I learned a lot in terms of how to speak to people, how to find new ways of being respectful, but also how to kind of... and this is something that I've been learning in general, how to allow everyone to be seen. I mean, everything I've learned in life in general has been in interaction with people from different backgrounds and... but that for me has been my life always, so I just... like, what would I have learned if it wasn't? I think then it would have been a different path. Mainly I think that what we learn is understanding. Patience. And how to be social, how to speak with people. And I really think those are kind of the fundamentals of society, in general, because if we cannot accept ourselves and others in various ways... we also change, and things are not always great, and we need to know how to be able to do that. I mean, how it shapes my

understanding of the world... It's really hard to answer the question how, because I feel like my whole understanding of the world is based on that... but I definitely think that... whenever I'm met with other ideas or opinions, I change. It doesn't mean that I adopt them fully, but it means that I understand more what are the different ways that we can solve problems that we face, and sometimes life really feels like a game where you just need to, like... problem-solve. So, the different cultures definitely help that. I guess it's like running horizons.

*Inv.: And also help you, like, to solve and to find the ways to solve your personal questions or problems or... questions about yourself... I mean, and experience the world.*

**M.K:** Yeah, I think that... Exactly. I think it's not so much about seeing yourself in comparison to others or defining yourself in relation to others. I think it's much more about finding pathways and seeing possibilities. I think that sometimes it really feels we don't have options, but if we speak with more people and interact with more people, we learn that actually, people have hundreds of different ways of seeing this. Just because we see it like, "oh, I can't possibly do that", it doesn't mean that's true, and often If we're very stuck in our own culture, or if our culture is very narrow, we often... maybe we feel... we don't even think of the possibility of doing things in a different way, but there's, you know... We don't have to follow the specific path that our culture is saying.

*Inv: Yes, true. And do you think there is any specific tool that you... I mean, you live with a lot of people with cultural backgrounds different from you. Do you think that you have, or you use any specific tool? I mean, a tool, I said, that can be a behavior or something that helps you facilitate the articulation of the cultural difference between you and others, or between you and the local culture.*

**M.K:** Well, I think, on one hand, I'm not sure if it's the cultural differences that I want articulated. I think it's more like cultural specificity. I'm not so interested in how you are different to me. I'm more interested in what we have in common, in a way, but I'm also more interested maybe in how you do your life rather than what's the difference between how you do your life and I do my life. You know what I mean? I'm not sure differences specifically, but in terms of the tool of articulating culture, I definitely think that storytelling really works. Because storytelling, I think, humans are made to tell

stories, and we're made to listen to them. We do it from, like, you know, the Stone Age. Also from when we were kids, we love stories. So, I really think that storytelling evokes empathy and as soon as you have empathy, you can reach knowledge. And otherwise, I really think that practical stuff, like, cooking because it's a communal activity. And it's... even when you cook on your own, even though you can cook on your own, as soon as you're with a group of people cooking together... one person has to hold something for the other person, etc... You activate that communal need. I think sports work like that too. Building things, farming... Very, like, everyday stuff. I think one of the things that I really like to do, this happens kind of rarely, but it's when I'm cleaning together with someone from a different culture because I learn a lot. Because people have completely different ways that they do things, that they organize things, where they keep them, how they, you know... I've learned stuff, like, you can use vinegar in order to clean your window, but make sure to use newspaper after. And this sounds like a super silly thing, but I really think that most of our culture is not in the big stuff. I think it's in the small things. Physical activities, but that are pertinent to, like, everyday life... going to the gym with someone from a different culture is super interesting. Yeah, that's what I would say. Really simple stuff. And the more they're kind of, in a way, the more they're connected to older cultures, the more interesting. So I think it's less interesting to play soccer, but it's more interesting to play ball, you know... there are things that I'm... that have one generational knowledge. Going through the forest with people from other cultures is amazing, because people see a lot of different plants and a lot of different things, and they perceive the world in different ways, and you can learn so much from that.

**Inv:** *Right, simple activities that you do together, you can do together with someone. It's nice. And so, I think you already basically answered this question... the question that would be that, faced with different cultural differences, if you can find a common ground between yourself and others, and if it's easy for you to do it, or you need some time and space to see and find it?*

**M.K:** Yeah, I think for me it's easy, but I think it's just because I've always had to. I don't even know anyone who's from the same background as me. And even with my family, who would ethnically kind of be from the same background, they all grew up Soviet, in the USSR. I lived in Russia for three years, and then we moved to the West.

There's huge culture clashes between us because I grew up in a completely different society. So, I think, yes. But I also think that maybe what I do find harder is after, ... it's easy to find common ground but with time, sometimes it's harder to find pathways that everyone is happy with. So, I think for me the harder part comes much later, like ten years later. Maybe also because I'm quite happy in accepting other cultures, world differences... that maybe some things don't get resolved. Or, also I'm often interpreted as maybe being more similar than I am. Also probably because I grew up like that.

**Inv:** *So, it would be like, if I understood... in the beginning, the first met, let's say, it's easy, but with living together, with the coexistence, you start to see that it's harder to find a path, common ground.*

**M.K:** Yeah, but I would almost say that it's more, it's not so much that it's hard to find a common ground. At that time, it's more that I find myself being expected to have the same opinion, a cultural perspective as the person. Which I tend to not, even though I can learn it. I mean, I still have the cultural perspective that is mine and I think because there's been so much common ground built up in the first, you know, five years you know someone, that it maybe comes as a shock to people that somewhere it still differs. I feel like it's more that than the...

**Inv:** *Okay, yeah.*

**M.K:** So, it's not like even finding... the common ground is easy to find. What's hard is to find acceptance for the differences.

**Inv:** *Yes. And you said that you have experienced the cultural shock already in your life. So how did you handle the situation, how it was for you?*

**M.K:** I mean, my biggest cultural shock was maybe when I moved to London, but I think it's also like I was 18, I'd just moved out of my home, and everything was different, and I went inside a pub because I was going to this free cinema festival, something like this... And it was in a pub, and I went to the bar, and I've also like kind of not been drinking in places I just had turned 18 a few months before, and I asked for a beer, and they asked me which one, and then I look, and I realize that there are 20 different beers, and I'm like... I have no idea of a single one of them. I don't even know... what the different kinds of beers are, because they're completely different in

Sweden and in the UK. So, I said, “well, like a good one, which one do you prefer?” And they're like, oh, “it depends. Which one do you want?” And they just didn't want to help me on this, and I was so flabbergasted. Of course I could have just picked one. For me, it was such a completely different... I don't know... experience. And the first month there, I cried a lot. I was really like, it was loud, and it was dusty, and everything was different, and I started uni, and I didn't understand 50% of what the lecturers were saying... But for me, I just handled it with time. I had a friend who had also just moved. She'd moved from the States, and we would have long conversations about how fucked up it is where we are, because I think we were also excited. It wasn't I didn't want to be there. I think it was just - specifically cultural shock. And she had read somewhere because she was... I guess she was further away, she was maybe struggling more, and she had been listening to a lot of podcasts about what happens when you move to a country, and said so you have, the first month, which is the honeymoon period and then you have the three months, which is another period, and then things start to go better... but then by month six, you get really stressed about the people that you know not behaving the way you expect them to behave, and I think that knowledge really helped, and having company from that speaking with someone who was going through something similar... But also knowing that these kinds of cycles are shared. There is a psychology behind it, and it works in very specific ways, and we can expect specific things to happen. It's like, just before you're 30, you probably have a crisis, you know... there are some things we have that are kind of regular... And they're not exactly, sometimes we skip a lot, whatever... but they're more shared than they are different. So that really helped. I also experienced a lot of culture shocks when I was a kid, but I don't feel like I had so much agency to handle them. We moved to the States when I was four. I was also twice moved to a country where I didn't speak the language and I just had to kind of pick it up... I guess the same thing happened in Portugal. But then here, **I also think the habit of culture shocks helps**. I think I had one when I moved to Portugal, too. Actually, more than my partner, who is from UK. He'd lived abroad in Hong Kong once before for six months. Otherwise, this was his first time moving abroad. So, he traveled a lot, but not moved... I don't feel like he had the culture shock. I also don't feel like he may be into it as much. He was doing his own thing, and he's still doing his own thing. I already knew when the thing would happen, and they were already happening like that. **So, I think the knowledge of that process really works.**

**Inv:** *It's not that it's not gonna happen again but you already know how it works.*

**M.K:** Yeah and then the emotions that you go through love, hate, frustration, amazement and I'm very aware of them. So... It's like when you have your period, and you know... This week, I'm gonna feel like this and the fact of knowing... Makes it much easier than when... I was going, at least for me, when I was going through it as a teenager. It's just crazy. You just don't understand. I'm not even sure if the difference is so much... it was worse than... Of course maybe we're more hormonal when we're teenagers... but also, I think t we're just more prepared for it and I really think that with culture shocks, it's the same.

**Inv.:** *And regarding your imagination and creativity: Do you think that expose yourself to other cultures, other people from other culture... How do you think this impact those attributes?*

**M.K:** I think... Not to be circular again but I think it mainly impacts the small things. It impacts more the small choices I make which build up to big choices. I think it affects my everyday life more than... which is also a question of imagination and creativity. I wouldn't probably not be doing the things that I'm doing now If it wasn't for that. I don't think it affects my artistic practice, per se. I'm sure it probably does because... other things, too... it builds up to it but I don't feel like it does it in the big. I feel it affects in the small, I feel it affects the way... like how I... with my hair and all these other, you know... the small things in my life like how I cook... but also and again, like... How I can imagine my life to be. That's what I would say... it affects how I can imagine my life to be, my everyday life, but then... I also think that... the bigger things... I'm quite stubborn. The big decisions I make... I just tell... I'm doing the things I wish that I would do five years ago and then I was doing the things I wish that I would do five years before that. I don't feel like the big things change.

**Inv:** *You mean the things like your wishes? What do you want for your life? goals?*

**M.K:** What I want for my life, what I do with my day. If I'm working, what are the things I'm doing with work, where I'm living... Now I've moved to the countryside, and that's... Temporary, at least, but that's something that I wanted to do when I was 15. And I feel the big decisions are very much the same, but the way in which those big decisions pan out in the everyday setting are completely different.

**Inv:** *Sometimes the changes are very... Small, let's say, and it takes a while for us to notice them.*

**M.K:** Yeah. I also think that because I always grew up like that... It's harder for me to distinguish. I was never in a setting where the culture I experienced were the same. I think... 1, 2, 3, 4, 5...I lived in 5 different places before I was 18. Always had that... I always became friends with people who were foreign. In whatever country I was in. People who were from that country, and people who were from the countryside, and people who were from the city, and from the north and from the south, from the diaspora, etc. I always had a very... broad cultural exchange, place, I guess... And this is also something that my family had because I come from a very mixed family. So, it's a little bit difficult to distinguish.

**Inv:** *you lived in 5 different countries? Or, like, cities?*

**M.K:** In 3 different countries and then in 3 different cities in one of them. So, basically, I lived in 3 different cities that are all very, very different from each other and they have very different cultures, I would say. And it's like here... If you were to go to Trás-os-Montes and if you would live in Algarve... they're not... Of course, it's the same country, but the way that people do things... and actually, here, maybe it's even more similar.

**Inv:** *So, we are... Moving to the end of the interview. And I would like you... If you, of course, feel comfortable... To share a story of interacting with people from another culture that you feel... Or with the people from another culture or you being in another culture, a story that you feel that has a significant impact... On your worldview... On your life.*

**M.K:** I'm just thinking, because, like... I mean... Because it's a lot. But... Thinking, like... Really specifically... Like, what do you... What are you thinking of... When you're thinking worldview?

**Inv:** *I mean... You see things in a way and then you change it, the way you see it or how you feel about it or even yourself... You see yourself in a position or the role and then...*

**M.K:** Yeah, like... So, my best friend in UK is British-Indian. Her dad is... I forget from where, but it's somewhere in East Africa, but Indian and Her mom is from Gujarate, in the north of India. And her mom is from a family that's known to be kind of... Quite... Liberal. And her dad is very much an entrepreneur. He moved with his five siblings to London when they were early 20s, maybe. And then he started a business with each of the brothers. In the beginning, they all shared a room and then they started different business with each one, and then when that one was stable... He started another one, he left... You know, it's, like, really, like... Self-made man. And then they got married and then they moved to Brighton, in UK, and when... I would go there quite often with her, with my friend. Her mom wasn't working, but she... was very... Like... I think because I came from quite... Both there is, like, the soviet background of you need to work and do things. Your worth is in... not in the money that you earn, but in the labor that you put in. My parents are professors of mathematics. So, for them, work is not, labor, physical labor. It's more, like... But it was also still important that you keep your house clean, that you clean your room, etc. Also, most important thing is what do you do with your mind, how much do you think, Are you pushing forward in your career? Etc. And then when I met her mom, she was... amazing in how she did things. Because it's... She had this problem of not wanting her daughter to... Kind of... Have sleepovers and party a lot, stuff like this, because also, it's a different culture. So, instead, she would let her have lots of parties in her house, and her friends would always come for sleepovers, come and do stuff there, etc. She had, like, a very... Whenever you come there, she's like, "Oh, are you hungry?" And then she would have this amazing way of cooking food and then cleaning everything in one second. It would be so fast, because she would put newspapers on the counter so, anything that falls down... She would just wrap it all in the newspaper and put it in the bin. So, low effort, maximum pleasure. She had this thing where... So, my friend's little brother, he would always want what they would call, western food. It would be, like, "oh mom, I want a hot dog". Her mom is really funny. So, she would be like, "oh, a hot dog, what?" But then she would make a hot dog. So, instead, she would start to make these western foods in an Indian way. This hot dog I had in their house... It's not a hot dog. When I'm thinking of a hot dog, it's just carbs and shit, you know? But this has vegetables, it's a nice sausage cut into slices, fried in a little sauce. She makes this in a second. And then she was also, you know, investing in different things and doing stuff. And she was always busy, but very, very chill and very clever in the way that she would do things, because she would have this

problem that she's facing, the western food, and she would remake it. Or she had another problem where her husband didn't want her to... didn't like long skirts and he said that to her. So, she went shopping and bought, like, five long skirts and then she was trying them on in front of him, then she was like, "well, which one do you think I should return?" "Do you like this one? Do you like this one?" And in the end, he was like, "I like them all, you can keep all of them", you know? And she had this really funny way of... seeing the world and solving the problems she had. So, instead of going against things, to embrace them. I realized from then that, she could do all these amazing things for all these people, because all of my friends' friends were always at that house. They were my guarantors when I needed a guarantor in the UK. They had so many people and the only way she could do that was because she had the time, and I would say that has an impact on my well-being. There are so many ways in which you can change the world that doesn't necessarily include, you know, making your career. Because in these small things, she was changing everything. If her brother would be eating all these hot dogs that he wanted... He would have diabetes; you can't do that. I think meeting her... If I hadn't, I probably wouldn't... Now I'm working on my own project, but I'm spending a lot of time with the dog that I've adopted, walking in the forest, cooking a lot of food, speaking to people in the village, and doing completely different things. I'm still writing, I'm still doing research, but in a completely different... What's it called? Habit? Or, like, pace... At a completely different pace. And it makes the things that I do much better, and it makes me feel better. And I think I'm having a bigger, I don't know, impact. Yeah, that's the story.

**Inv:** *Nice. Thank you for sharing. Thank you so much for your time. Is there any, I don't know, additional information that you'd like to add regarding the topics that we talked? Or any questions that you have?*

**M.K:** Really good questions.

**Inv;** *Oh, thank you. Thank you.*

**M.K:** Yeah, thank you for your interest. Thank you for your time. For putting in the work.

**Inv:** *I really, I appreciate your time. And willingness to provide and share with me all this, your life story and your experience, this information. I really, really appreciate it.*

**M.K:** Thank you so much. Pleasure is all mine. I would love to read what you write in there.

**Inv:** Exactly what I would say now, so when I finish, I will send you the work, the research, so you can also have access to the results...

CATEGORIAS DE ANÁLISE	EXCERTOS DA ENTREVISTA	ANÁLISE
<b>Habilidades e competências</b>	<p><i>“[...] I learned a lot in terms of how to speak to people, how to find new ways of being respectful, but also how to kind of... and this is something that I've been learning in general, how to allow everyone to be seen.”</i></p>	<p>Destaca-se aprendizagem não apenas de habilidades de comunicação, mas também em desenvolver uma sensibilidade para garantir que cada indivíduo seja notado, considerado e respeitado.</p>
	<p><i>“[...] Mainly I think that what we learn is understanding. Patience. And how to be social, how to speak with people. [...] Because if we cannot accept ourselves and others in various ways... We also change, and things are not always great, and we need to know how to be able to do that [...].”</i></p>	<p>Adquirir habilidades para conviver e interagir socialmente envolve também aceitar as mudanças e transformações em nós mesmos, o que, por sua vez, facilita a aceitação das diferenças nos outros. Isso ressalta a importância da capacidade de se adaptar e</p>

		<p>lidar com mudanças, tanto pessoais quanto as observadas nos outros.</p>
	<p><i>“[...] I think that sometimes it really feels we don't have options, but if we speak with more people and interact with more people, we learn that actually, people have hundreds of different ways of seeing this. Just because we see it like, “oh, I can't possibly do that”, it doesn't mean that's true [...].”</i></p>	<p>O ponto central é que nossa percepção contém limitações e muitas vezes não reflete a realidade completa das possibilidades disponíveis. Ao interagirmos com uma gama mais ampla de experiências e perspectivas, podemos expandir nossa compreensão e descobrir novas formas de abordar problemas ou desafios que inicialmente consideramos impossíveis.</p>

<p><b>Experiência de vida</b></p>	<p><i>“[...] I think it mainly impacts the small things. It impacts more the small choices I make which build up to big choices. I think it affects my everyday life [...]</i></p> <p><i>“[...] I feel it affects the way... like how I... with my hair and all these other, you know... the small things in my life like how I coo, but also and again, like... How I can imagine my life to be. That's what I would say... it affects how I can imagine my life to be, my everyday life [...].”</i></p> <p><i>“[...] I don't feel like the big things change. [...] I feel the big decisions are very much the same, but the way in which those big decisions pan out in the everyday setting are completely different [...].”</i></p>	<p>O contato com o outro apresenta novas possibilidades que são reapropriadas pela entrevistada para construção de novos/diferentes caminhos. Não há uma mudança radical dos desejos, mas o modo como se chega a eles.</p>
-----------------------------------	--	--

*“[...] I would say that has an impact on my well-being. That there's so many ways in which you can change the world that doesn't necessarily include, you know, making your career. Because in these small things, she was changing everything [...]”*

*“[...]. I think meeting her... If I hadn't, I probably wouldn't... Now I'm working on my own project, but I'm spending a lot of time with the dog that I've adopted, walking in the forest, cooking a lot of food, speaking to people in the village, and doing completely different things. I'm still writing, I'm still doing research, but in a completely different... What's it called? Habit? Or, like, pace... At a completely different pace [...]”*

Ao interagir com uma pessoa de outra cultura que adotava uma abordagem distinta na gestão de vida e tempo, faz com que ela desenvolvesse uma outra noção sobre tempo, hábitos, e formas de gestão de vida, impactando a vida a nível de construção de subjetividade, externalizando um outro ritmo que, segundo ela, lhe traz mais benefícios e benefícios no que ela “produz” ao redor dela.

<b>Auto percepção</b>	<p><i>“[...] It's not so much that it's hard to find a common ground. At that time, it's more that I find myself being expected to have the same opinion, a cultural perspective as the person, which I tend to not, even though I can learn it [...] I mean, I still have the cultural perspective that is mine [...]”</i></p>	<p>Mesmo ao absorver conhecimentos de outras culturas e construções em comum, percebe que sua perspectiva cultural, isto é, a forma de leitura do mundo, não é abandonada.</p>
	<p><i>“[...] Whenever I'm met with other ideas or opinions, I change. It doesn't mean that I adopt them fully, but it means that I understand more what are the different ways that we can solve problems that we face [...]”</i></p>	<p>Ao se deparar com outras ideias ou opiniões, ela passa por mudanças. Isso não implica necessariamente em adotar essas ideias integralmente, mas sim em compreender melhor as diversas maneiras de enfrentar os problemas que surgem.</p>

<b>Percepção da realidade</b>	<p><i>“[...] So, the different cultures definitely help that. I guess it's like running horizons [...]”</i></p>	<p>Sugere que a exposição a diferentes culturas amplia as perspectivas, proporcionando um aumento nas possibilidades e conhecimentos.</p>
	<p><i>“[...] often If we're very stuck in our own culture, or if our culture is very narrow, we often... maybe we feel... we don't even think of the possibility of doing things in a different way, but there's, you know... We don't have to follow the specific path that our culture is saying [...]”</i></p>	<p>Aponta que a cultura exerce influência sobre a maneira como percebemos e lidamos com o mundo ao nosso redor. Quando se está excessivamente imerso na própria cultura, isso pode acarretar dificuldades em descobrir novas abordagens para solucionar questões na vida.</p>
<b>Alteridade</b>	<p><i>“[...] I think it's not so much about seeing yourself in comparison to others or defining yourself in relation to others. I think it's much more about finding pathways</i></p>	<p>Nas trocas culturais, está menos preocupada em identificar especificidades culturais e mais com a composição do que o outro oferece, o que sugere</p>

	<i>and seeing possibilities [...]</i>	o reconhecimento das práticas do outro.
<b>Articulação cultural</b>	<i>"[...] I'm not sure if it's the cultural differences that I want articulated. I think it's more like cultural specificity. I'm not so interested in how you are different to me. I'm more interested in what we have in common, in a way, but I'm also more interested maybe in how you do your life rather than what's the difference between how you do your life and I do my life [...]"</i>	Na articulação cultural, não se interessa tanto pelas diferenças comparativas, mas no entendimento em como as diferentes formas de viver se apresentam e das similaridades.
	<i>"[...] But in terms of the tool of articulating culture, I definitely think that storytelling really works, because storytelling... I think, humans are made to tell stories and we're made to listen to them [...] So, I really think that storytelling evokes empathy. And as soon as you have empathy, you can reach knowledge [...]"</i>	O uso do <i>storytelling</i> como instrumento de articulação destaca-se por abordar aquilo que todos compartilhamos: histórias de vida. O compartilhamento de narrativas fomenta a empatia, facilitando a interação e a conexão entre diferentes culturas.

	<p><i>“[...] And otherwise, I really think that practical stuff, like cooking, because it's a communal activity [...] think sports works like that too. Building things, farming... Very, like, everyday stuff [...]”</i></p>	<p>A experiência de práticas cotidianas comunitárias é uma maneira eficaz de integração e articulação cultural, pois traduz-se em com-viver.</p>
	<p><i>“[...] the common ground is easy to find. What's hard is to find acceptance for the differences [...]”</i></p>	<p>É relativamente simples identificar pontos comuns entre as pessoas. No entanto, destaca que a verdadeira dificuldade está em encontrar aceitação para as diferenças, isto é, enquanto encontrar semelhanças pode ser algo acessível, é desafiador promover a aceitação e compreensão das divergências entre as pessoas.</p>

	<p><i>[...] I also think the habit of culture shock helps [...] So, I think the knowledge of that process really works [...]</i></p>	<p>Quanto mais experiência de choque cultural, menor os efeitos, pois conhece o processo e como funciona esse estranhamento inicial, possibilitando uma ação menos reativa.</p>
--	--	---

## APÊNDICE B.2

- Igor Ivanowsky, brasileiro, 34 anos, nômade digital, atualmente na França.
- Data de realização: 22 de dezembro de 2023.
- Duração da entrevista: 55 min

**Investigadora (Inv):** *Não sei se eu cheguei a falar, mas enfim, comunicar aqui que é garantido o anonimato, o seu, de pessoas que você falar aqui...*

**Igor Ivanowsky (I.I):** Não tem problema nenhum, Ju... todas essas paradas aí que talvez tem gente que está se preocupando, eu não estou nem aí para isso não... fica à vontade.

**Inv:** *é, tem gente não gosta da exposição.*

**I.I:** *É, mas eu não estou nem aí, frescura do cacete aí, não...*

**Inv:** *Principalmente que as vezes a pessoa se sente meio vulnerável, que são perguntas relativas a vida pessoal, então a pessoa fica, “ah, não sei”, mas enfim...*

**I.I:** De boa, de boa.

**Inv:** *Então, eu te mandei as perguntas, eu mudei um pouco a ordem delas, porque eu achei que ficaria mais orgânica, mas é basicamente aquilo que eu já te enviei. E aí, eu já sei mais ou menos da sua história, você viaja há oito anos, como nômade digital, e, então, em que medida o seu cotidiano envolve o contato com outras culturas?*

**I:** Cara, eu diria que... ela foi reduzindo ao longo do tempo. Vamos dizer que começou extrema e, ao longo do tempo, foi diminuindo. E foi diminuindo proporcionalmente o quanto eu fui ganhando dinheiro.

**Inv:** *Das viagens? enquanto você viajava?*

**I:** Isso, isso. Porque, assim, eu... quando eu fui viajar, vamos botar oito anos atrás, entre oito a... Vamos botar entre oito a... seis, cinco anos, era extremo. Porque, durante três anos de viagem, assim, o meu dinheiro era muito contadinho. Então, assim, o grande motivacional ou um grande motivador, acabou sendo dinheiro sem querer, porque isso

me fazia pegar carona pra cacete, eu viajava só de carona nos primeiros anos. Me fez dormir na casa das pessoas, dos locais, me fez ter tempo, porque eu não estava trabalhando, zero trabalhando.

**Inv:** *No começo?*

**I:** No começo, isso. Eu fiquei sem trabalhar por dois anos. Sem pensar em trabalho por dois anos. Então, assim, era só profundidade máxima, máxima cultural. Viajando ali, assim, cara, super... Querendo me envolver mesmo, profundamente, com a cultura localzona, zero numa pegada ali, vamos chamar de turista. O tempo foi passando, eu fui precisando, por exemplo, de wi-fi sempre, por exemplo. Então, naturalmente, a necessidade de ter wi-fi sempre, eu não podia mais ficar indo pra uma aldeia de sei lá o quê.

**Inv:** *Sim, quando você começou a trabalhar, então também, isso mudou.*

**I:** Exato, foi diminuindo. Vamos dizer assim. Junto com isso, o tempo também foi passando, e aí eu me vi também numa situação mais de quero confortinho. Quero uma caminha gostosa, entendeu? Mas é que temos que fazer uma timeline aí, numa conversa rápida de oito anos, né? Mas foram, assim, dois, três anos vivendo como um local ao redor do mundo todo.

**Inv:** *E você se sente confortável com a diversidade cultural?*

**I:** Com certeza. O meu tédio é no normal, é no todo mundo igual. A beleza do mundo, com certeza, está nas diferenças. É a coisa mais linda do mundo. Eu amo o que é diferente mesmo.

**Inv:** *E de que forma você acha que isso contribui para a sua formação? E aí, formação, mesmo enquanto ser humano, não numa ideia de trabalho, né? Porque a gente pensa formação, se adquire habilidade para uma coisa específica que é a profissão. Mas enquanto ser humano?*

**I:** Cara, eu me tornei uma pessoa muito mais empática, flexível... apesar de compreensiva estar dentro de empática, vou até adicionar um compreensiva, e que se preocupa menos com coisas que as pessoas normais se preocupam muito.

**Inv:** *Como assim?*

**I:** Cara, eu vi ao redor do mundo tanta coisa, tanta coisa boa, tanta coisa ruim, tantos problemas, mas tanta variedade que eu consigo, tipo assim... Por exemplo, as pessoas têm muito medo do amanhã, das incertezas do mundo, de não sei o quê e tal, e se tal coisa acontecer, eu não posso tomar nenhum risco na minha vida... E eu vi tanta gente sendo feliz, com tantas diferenças, pessoas que não têm nada sendo muito mais felizes do que quem tem tudo, que eu deixei de me preocupar com algumas coisas que são básicas para o ser humano como um todo, para as pessoas no geral. Eu sei que vai dar certo. De um jeito ou de outro, as coisas vão rolar... Porque as pessoas ficam presas dentro de uma bolha, no geral, né? Generalizando, estou generalizando... tem um lado generalizado e o lado, Igor, experiências minhas. Quando as pessoas vivem dentro daquela bolha, só tem referência daquilo lá. Então dá muito medo do que está fora daquela bolha, porque é o desconhecido. O desconhecido dá medo, né? Eu, como nessa bolha, não existe comigo, eu to [gestual – em todo lado] ... Eu sei que, de um jeito ou de outro, as coisas vão acontecer. Vai... vai... não vai morrer de fome, vai fluir, vai ter, vai... entendeu? Então, naturalmente, as preocupações desses... Tudo que está fora ali desse padrão.... Claro, também não estou me colocando numa posição de “Uau cara super evoluído, sem medo”. Mas não... Mas eu sei que vai fluir. Não vai... uau vai foder tudo se tal coisa acontecer. Não, está tudo bem.

**Inv:** *Há muitas maneiras, né?*

**I:** Isso.

**Inv:** *Há muitos caminhos. Mais do que a gente imagina...*

**I:** Exato, é, exato. Seja lá qual for o caminho, eu já vi pessoas em todos os tipos de caminhos sorrindo.

**Inv:** *Sim.*

**I:** É isso.

**Inv:** *E aí, essa pergunta é mais ou menos... As perguntas parecem iguais, mas elas acabam também trazendo mais reflexões. E aí, como o contato com essas outras racionalidades, essas outras formas de ver o mundo, afeta a forma como você se*

*percebe enquanto indivíduo, a sua posição no mundo, como esses contatos... se também afetam, né?*

**I:** Você consegue exemplificar para mim?

**Inv:** *Por exemplo, quando eu viajo e encontro uma mulher em uma outra posição que no meu meio eu não via, isso me faz questionar a minha própria possibilidade, a minha própria visão do meu eu enquanto mulher, enquanto o que eu posso, no meu lugar social, e aí o lugar também de privilégios, de desejos, de formas de me ver. Eu me recrio? eu tenho a possibilidade de me recriar quando eu vejo uma outra pessoa diferente?*

**I:** Hum, o quanto elas me influenciam?

**Inv:** *Isso.*

**I:** Ah, cara, eu acho que tem bastante do que eu acabei de responder na última pergunta. Uma coisa que é interessante... eu não tenho religião e eu acho que eu não tenho como ter uma religião. Não faz sentido. Até porque, quer dizer, posso escolher uma religião, claro, mas eu vi que todas as pessoas... tem várias religiões que tem... cada uma delas tem bilhões de pessoas e não tem como dizer qual que está certa. Tem pessoas maravilhosas, pessoas do bem em todas elas, então isso com certeza me influenciou a não ter uma religião. Com uma coisa básica que eu aprendi, por exemplo, na Ásia, o jeito de limpar a bunda. Não se usa papel higiênico. E eu hoje acho papel higiênico nojentíssimo. Tipo, eu não consigo... Eu não consigo.... e eu falo para os meus amigos no Ocidente, eles acham... eles me acham bizarríssimo. Mas, tipo assim, eu fico imaginando, meu Deus do céu, vou passar papel higiênico, tipo assim, eu só estou esfregando a própria merda que eu caguei em mim mesmo. Tipo, na Ásia, eu aprendi a me limpar com água.

**Inv:** *E aí você adotou isso porque fez sentido para você?*

**I:** Sim, e eu tive a coragem de testar. Primeiro momento, uau, que coisa bizarra, né? Só que aí eu testei e falei, uau, é muito melhor.

**Inv:** *Legal. Tem essa questão também de você estar aberto, né? E você acha que encontrar com outras culturas te fez mais aberto? Ou você já...*

**I:** Fez.

**Inv:** *Ou você já era antes disso?*

**I:** Eu saí fechado. Dentro de uma bolha, que tudo que estava fora daquela bolha assustava. Mas rolou uma parada que foi crucial na minha vida, antes de viajar, que eu sofri uma tentativa de homicídio. Uma pessoa tentou me matar, eu estava numa praia lá em Santa Catarina e era dia 2 de janeiro, o cara devia estar drogado do ano novo, eu estava numa praia que você tem que pegar uma trilha para ir, só tem hippie lá e eu estava pelado lá, porque tem uma parte lá que as pessoas nadam peladas. Aí, e é normal, a maioria das pessoas nadam peladas naquele lugar. Mas chegou o cara, o malucão lá e... Chegou perto de mim, o que é que você está pelado aí? Pegou o facão e... só deu tempo de eu correr com todas as minhas forças. E aí, meu primo me viu passando correndo, viu o cara correndo atrás de mim, e aí meu primo discutiu com ele ali, ficou tudo bem entre eles, mas eu continuei correndo e... Enfim, aí no final ficou tudo bem, e aí quando eu cheguei lá na outra praia, eu senti e a minha... passou adrenalina, assim, eu desabei de chorar, e aí eu percebi que eu não era fe... Me deu uma... Eu realizei que eu não era feliz e eu precisava viajar o mundo, aí eu fui viajar, entendeu? Só aí... onde eu quero chegar com isso... Eu morri, entendeu? Então eu não tinha mais nada a perder, então eu acabei indo muito corajoso, digamos assim, muito aberto para novas experiências, porque eu já estava morto, entendeu? Foi essa parada que rolou, então, tipo, pra mim foi fácil... me abrir.

**Inv:** *Você teve um estímulo anterior que, tipo, também permitiu essa abertura.*

**I:** Isso, isso, isso, isso, é. E eu converso, encontro muitos outros viajantes e tal, e é bem comum alguém ter... Assim, eles terem passado por algum trauma bravo antes de tomar essa decisão de realmente cair na estrada, bem comum, assim. Tem uma amiga que foi eletrocutada, voou 20 metros... ela trabalhava no teatro e tem muita coisa de eletricidade para som e luz, e aí ela encostou no fio errado, ela voou, sei lá, 10 metros, sei lá quantos metros ela voou, assim, tipo, era para ter morrido, não morreu, cara, foi viajar o mundo. Bem, assim, experiências de quase morte, assim.

**Inv:** *E realmente te tiram do comum, né? Botam a vida em perspectiva.*

**I:** Isso, isso, botam você para questionar se valeu a pena até ali, se está tendo mais uma chance.

**Inv:** *E existe alguma ferramenta, e aí quando eu falo ferramenta é algum comportamento ou pensamento que você utiliza, que você considera útil para facilitar a articulação das diferenças culturais?*

**I:** Sim, sim. Você diz em termos de comunicação mesmo, né?

**Inv:** *É, pode ser uma...*

**I:** ou de saber me virar, né?

**Inv:** *Isso, isso, pode ser.*

**I.I:** **Mas a base, eu acho que o item mais importante desse mundo eu vejo como a comunicação. E o que eu faço é o inglês híper simplificado. Com o inglês híper simplificado, todo mundo vai te entender.** Porque às vezes o cara fala inglês muito bem achando que... é mas tem muitas pessoas que não falam inglês. Só que se você falar *toilette*, alguém vai entender. **Ou você vai fazer uma mímica** simulando um xixi. *Help, help* [mãos balançando em pedido e ajuda]... Bus, aí o nome da cidade. Você não precisa falar *“Hi, excuse me, I'd like to know where is the next bus station? Because I'm...”*. Entendeu? Você só vai falar bus e o nome da cidade.

**Inv:** *Uma comunicação direta que encontra um comum entre você e aquela outra pessoa?*

**I:** Isso, isso. E cara, com isso eu me meti em todos os buracos do mundo sem chabu nenhum. De maneira super fácil.

**Inv:** *Mas sempre as pessoas entendiam o inglês? Ou você usava uma mímica?*

**I:** Isso, tipo, por exemplo, eu percebo que a pessoa... Por exemplo, eu tô em São Paulo e eu quero ir para o Rio de Janeiro. Mas vamos pensar que eu tô no Mianmar, mas eu tô usando São Paulo e Rio de Janeiro. Eu vou falar bus, Rio de Janeiro. [ponta para uma placa, ponta para as costas (mochila)] Rio de Janeiro. Bus [faz gesto de movimento com as mãos]. O cara na hora vai entender. Ah, é lá. Do uns tapas na minha mochila, Rio de Janeiro.

**Inv:** *Sinais? Sinais, símbolos. Que meio que todo mundo compreende.*

**I:** Isso, exatamente. Exatamente. Super e totalmente funciona. Facilmente.

**Inv:** *E quando... Mas quando, por exemplo, você encontra... E aí pode ser... Eu posso usar até o... Pular um pouco para... Se você já viveu um choque cultural. E aí, se você já viveu um choque cultural, como você lidou para... lidou tá certo, né? Como você lidou? Como você lidou com esse encontro? Para fazer, digamos assim, uma mistura, sabe? Você tem um choque. E você tem que lidar com aquele choque. Como você fez essa articulação? E se já viveu esse choque cultural?*

**I:** Cara, tem um exemplo que eu cito de vez em quando, que eu acho muito engraçado. Uma vez, eu estava na Índia. Aí eu fiz amizade com um cara, um cara bem legal, assim, tal. Aí depois ele veio me apresentar a esposa dele, eu fui dar a mão para ela. E ela fez assim, tipo [gestual - juntou as mãos uma na outra em cumprimento]. Aí eu... Opa [juntou as mãos] Namastê, namastê. E assim... De tipo, uau, choque... Bom, o limpar a bunda na Ásia. E eu testei, né? Vamos ver como que é. Ah, comidas malucas. Mas tudo eu estou muito aberto para testar, sabe?

**Inv:** *Você acha que quando você está aberto, esse choque cultural, essa... é porque eu acho que o choque cultural é aquele estranhamento, muito...*

**I:** Sim. É, vou botar um que foi choque demais. E que vou colocar dois exemplos que foram um choque cultural forte. O primeiro, quando a gente chegou na Índia, primeiro dia, primeiro, assim, eu achava que eu estava superpreparado para a Índia. A gente entrou por Calcutá, que é talvez a cidade mais pobre da Índia. E eu já estava, tipo, sei lá, três, quatro anos no Sudeste Asiático, eu já me achava o bam bam bam, que estava pronto para tudo. Cheguei lá, cara, eu fiquei chocadíssimo. A gente passou a noite toda olhando para o teto, no hotelzinho, que foi horrível para encontrar um hotel... foi assim, tipo, velho, a gente estava assim “Caraca, velho, esse é o inferno na Terra”. Aí a gente achou um muquifo para dormir lá, ficamos olhando para o teto, assim, meu, vamos embora da Índia. E aí, dia seguinte, vamos tentar, vamos ver qual é, vamos ficar mais um tempinho e tal. E aí virou amor, hoje é o nosso país favorito. A gente passou já um ano e meio na Índia. A gente cruzou... pouquíssimas pessoas no mundo conhecem a Índia como a gente conhece, porque a gente fez Leste, Oeste, Sul a Norte, algumas vezes.

**Inv:** *O que você acha que mudou? De choque para o amor?*

**I:** As pessoas. As pessoas lá são diferentes. Lá você vai ver a situação de quem não tem nada te dando tudo. A Índia é um outro planeta. Para as pessoas que são curiosas, que eu acho que é a principal característica, para um viajante, é a curiosidade. Para quem é curioso, muito curioso, a Índia é a Disneylândia. É, assim, se tem vontade de pegar um foguete e ir para Marte, vai mais fácil, vai para a Índia, velho. Porque é tudo ao contrário, é tudo diferente. Tudo. A Índia é tudo diferente.

**Inv:** *É muito, realmente. Eu me apaixonei também por lá.*

**I:** Ah, você já foi para lá, né?

**Inv:** *Fui, fui. É incrível, incrível. Eu fiquei pouquíssimo tempo, considerando principalmente o tamanho, eu fiquei um mês só lá. Então, assim, mas é um dos lugares que eu quero muito voltar, muito.*

**I:** Sim, cara, a Índia dá super para ser um rolê de seis meses, um rolê de um ano, assim, super. Tem muita coisa sensacional e completamente diferente. E aí, a segunda situação, que essa foi um choque, que aí realmente... foi quando a gente se casou num templo em Calcutá. Então, foi uma das grandes coisas que ali, na primeira semana, a gente conheceu um tipo, pagando umas brejas para um mendigo lá, para ele contar como que é tudo e tal. Aí, uma hora, ele perguntou se a gente é casado. Eu falei que não e tal. Ah, posso levar vocês amanhã no templo para se casar. E aí, ele levou a gente no templo de Kali, a deusa Kali, que é uma deusa bem famosa no hinduísmo e tal. E aquele era o templo oficial de Kali, o templo de... Kaligat, o templo de Kali mesmo. E aí, o casamento lá é bem diferente do que a gente está acostumado, porque não é aquela coisa todo colorido. Esse templo ali é para a fatia mais pobre da sociedade. E aí, rola várias coisas e tal. E no final, o guru que estava guiando a gente lá... E aí, são vários casais casando ao mesmo tempo. Aí, o guru lá chegou em mim assim, você tem certeza que você vai casar? Eu falei que tenho. Então, vamos para a sala do sacrifício. Cara, me botou numa sala darkzeira total, que tinha uma fila, tinha uns três caras na minha frente, e sangue para todo lado. Aí, eu... para entrar, tinha que pular uma poça de sangue, para entrar na sala, na porta. E aí, eu fui entender, eu já chocado, eu fui ver um cara, um cara pegou um filhote de cabra preta, botou num negócio que ela se encaixa assim, deu um facão na frente, deu um facão para o cara que estava lá na frente, ali o primeiro da fila.

Aí, eu entendi que tinha que arrancar a cabeça da cabra. Aí, eu fiquei assim, chocadíssimo. E aí, cara, tremendo, assim. Aí, eu falei para o guru lá, tipo... “eu tenho que matar uma cabra?!” Tipo, eu falei, “I need to kill a goat?!” Aí, ele falou, sim. E aí, ele viu que eu fiquei chocadíssimo, assim. Eu fiquei ali... ali foi um choque cultural master. Que eu fiquei com medo de... Primeiro, estava num lugar que era muito assustador para mim, nos primeiros dias de Calcutá, com medo, sem saber as coisas que eu posso ou não posso fazer. Se eu falasse que eu não queria fazer aquilo lá, que eu prometi para ele que eu ia casar, talvez era um insulto absurdo. E eu já estava ali numa situação de sangue para todo lado. E agora, o que eu faço? Eu não quero matar essa cabra.

**Inv:** *Você falou que não queria?*

**I:** Não, ele viu... Ele percebeu que eu fiquei, assim, desesperado, sem falar nada. Aí, ele me deu três tapinhas nas costas “não, de boa, vamos lá, vamos lá”. E eu fui descobrir ali na hora, isso. Tipo, eu não sabia nem quem era a Kali. Nunca ouvi falar. Acabei de chegar na Índia, não sabia nada da Índia. Também, a gente sempre vai viajar sem plano de nada. Nunca planejei nada nas viagens. Tipo assim, eu chego... eu chego aí que eu vou descobrir onde eu vou dormir. Não reservo hotel. Agora, só agora, eu estou reservando hotel. Passei sete anos chegando na cidade para descobrir onde eu ia dormir. Então, tipo, esse foi um choque que eu não aguentei, vamos dizer assim, né?

**Inv:** *Sim, é difícil.*

**I:** É engraçado, porque eu conto essa história, tem uma galera que fala eu teria arrancado a cabeça da cabra ali. Muita gente fala isso, aí outras putas, nem a pau, não faria isso.

**Inv:** *Mas também, na hora é diferente, né? Porque muita gente fala, ah, eu faria, mas aí chega na hora...*

**I:** Não, e assim, imagina que eu fui descobrir que eu tinha que arrancar a cabeça de uma cabra ali. Tinha dois caras que receberam um facão antes de mim. Que aí, quando eu vi aquilo ali, logo antes de entrar, eu pulei uma poça gigante de sangue. Imagina, velho, que choque cultural... Animal. Sim, animal. Então, esse foi o que eu não aguentei mesmo, assim.

**Inv:** *Literalmente animal.*

**I:** É, literalmente.

**Inv:** *Mas nesse, por exemplo, nesse... Esse realmente é um choque muito forte. Você acha que, como você lidou... isso impactou nas suas experiências futuras? Você acha?*

**I:** Esse em específico?

**Inv:** *É, esse ou o de Calcutá também, que é assim que vocês chegaram.*

**I:** Cara, eu diria que o de Calcutá. Logo depois do casamento, comecei a me apaixonar pela Índia. Por mais que essa situação tenha sido traumática, a experiência como um todo foi maravilhosa. Então, já começou o amor pela Índia. Logo em seguida, a gente foi trabalhar num orfanato para crianças deficientes. Da Madre Tereza de Calcutá. Eu não sabia que Madre Tereza de Calcutá é em Calcutá. Eu achava que era brasileira.

**Inv:** *Eu também, eu também achava. Eu descobri na Índia que não era.*

**I:** Eu achava que era tipo Madre Paulina. E aí, a gente foi trabalhar com a Madre Tereza. Então, tudo começou a ficar lindo. **Eu diria que os choques culturais que eu vivi, eu passei por eles, deu tudo certo. Só me deixaram mais forte para entender que eu posso me enfiar em qualquer lugar.** Isso com certeza, né. Essas experiências ali, eu falei, pô, agora, cara, agora eu me meto em qualquer lugar que tiver. E vou que vou. E tanto que aí, logo em seguida, a gente começou a ter experiências até mais malucas, assim. Tipo... cruzamos os Himalaias com carona de caminhão.

**Inv:** *Na Índia, né? Com aquele trânsito...*

**I:** É, na Índia. Tipo, então, ali a gente ficou mais, “ah, a gente consegue passar pelas experiências, vai dar tudo certo”. É.

**Inv:** *E no que diz respeito, a sua imaginação e criatividade... E aí criatividade, não é...porque quando a gente fala criatividade, muita conecta logo a arte, a artista... mas quando eu falo em imaginação e criatividade, é mesmo a capacidade imaginativa da vida, da sua vida, da vida dos outros... Você acredita que essa exposição a outras culturas impactou e impacta esses atributos? A sua imaginação e a sua criatividade.*

**I:** Eu acho que sim. **Eu acho que eu tenho menos limites do que as pessoas normais.**

**Inv:** *Limites na imaginação e criatividade?*

**I:** Isso. Eu sei que... é que assim... eu não tenho tantos devaneios. É... eu tenho mais... minha imaginação tá mais voltada a planos, ao que eu vou fazer. Talvez hoje... eu tô pedindo uma resposta do Igor de hoje, e as experiências que eu vivi, eu sei que dá pra ir muito longe.

**Inv:** *Sim.*

**I:** É. É isso. Eu tenho menos *boundaries*.

**Inv:** *Sim, e é isso mesmo, na verdade, quando eu quero dizer imaginação e criatividade, realmente na recriação da vida, dos planos de vida, dos desejos...*

**I:** Ótimo, isso. Então, assim, eu tenho menos limites. **Eu tenho muito mais flexibilidade. Eu tenho um... acho que não existe uma pessoa zero preconceito, mas eu tenho certeza que eu tenho menos preconceito do que a maioria das pessoas. Eu tô muito aberto a provar tudo o que tem no mundo,** por mais que pra alguns seja algo bizarro, pra mim é uma experiência. É isso.

**Inv:** *E de que maneira o convívio, nesses anos todos com diferentes culturas, influenciou os seus relacionamentos pessoais? Se é que influenciou, né? E aí, quando eu digo relacionamentos pessoais, é no todo, amigo, família, relacionamento amoroso, relacionamento com as pessoas que te cercam. Você acha que influenciou?*

**I:** Eu acho que eu me tornei uma pessoa mais empática, que eu falei no começo, mais compreensivo com todo mundo, com... **Eu acho que eu me tornei uma pessoa mais interessante,** também, porque eu tenho mais histórias pra contar. Eu acho que eu consigo interagir com todos os tipos de pessoa, com igualdade. Então, eu consigo sentar com um mendigo e trocar uma puta ideia. Eu consigo sentar com um bilionário e trocar uma puta ideia, e ser interessante com as duas pessoas, porque eu também sou muito interessado. Eu tô hoje numa posição onde eu falo mais do que eu pergunto, mas no meu dia-a-dia, eu pergunto muito mais do que eu falo. É isso. Então, assim, de novo, vai falar na parada dos limites. Eu tenho menos limites. **Eu consigo, graças a tudo de ter**

visto tantas diferenças, eu consigo... Eu sei chegar no sapatinho em todos os ambientes, com todo tipo de gente, trocar uma ideia de igual pra igual, com respeito.

**Inv:** *E nos planos, no caso, você falou... você se tornou uma pessoa mais compreensiva, mais empática. Você sente que você é assim com você, também? Porque a gente geralmente fala muito da gente... Ah, eu consigo ser compreensiva com o outro, empatia com o outro, mas com as suas questões.... Seus planos.*

**I:** Ótima pergunta. Super pergunta, muito boa, muito boa. Resposta é não. A resposta é não. Eu sou exigente com o que eu desejo, com o que eu acredito, com o que eu vou buscar. A partir do momento que eu decidi, eu vou buscar alguma coisa, eu vou conseguir. Nem que eu tenha que parar no hospital pra isso. Então, eu falei, eu vou ter uma... Porque hoje, o profissional representa muito do que é o Igor de hoje. E eu prometi pra mim mesmo que eu teria uma empresa multimilionária. E eu parei no hospital pra conseguir isso, com crises de ansiedade, *burnout*, tudo que você pode imaginar, mas eu consegui. Eu sou muito focado e eu não... Hoje, agora, eu estou numa situação mais flexível. Mas eu acho que a minha sensação está muito voltada à minha segurança, digamos assim. Tipo, o dinheiro, talvez pela minha criação, a minha mãe, eu vim de uma origem mais pobre, a minha escassez, não pobre pobre, mas de uma classe média baixa. A minha mãe teve depressão pós-parto e ficou depressão. Minha mãe tomou antidepressivo há 34 anos. Então, já vi ela chorando inúmeras vezes por assuntos de dinheiro. Então, o dinheiro, ele está muito ligado à segurança pra mim. Então, depois que eu atingi a minha liberdade financeira, que eu falei, puta, estou aposentado, isso mudou de novo. Hoje, eu sou uma pessoa mais flexível comigo, com os meus funcionários.... Então... mas... porque hoje está tudo bem.

**Inv:** *Mudou o cenário...*

**I:** Mas até... Isso, o cenário hoje está tudo bem. Consegui o que eu decidi que eu ia buscar. Mas eu não... Mas assim, até, por exemplo, ficou tudo bem, aí o meu próximo objetivo foi, agora, eu precis fazer doações em massa. Então, eu não descansei até conseguir. A gente juntou 100 mil reais, agora, para eu doar. Vamos começar hoje. Quer dizer, já começamos, já estamos fazendo doações, já faz um tempo. Hoje, a gente vai começar a postar essas doações, uma nova campanha e tal. Então, assim, eu quando

decido uma coisa que eu vou fazer, você pode ter certeza que eu vou fazer. Faça chuva, faça sol. Eu sou um animal para executar as minhas decisões.

**Inv:** *Mas você acha que esses seus desejos, esses planos que você estabelece, eles foram influenciados pela sua trajetória de troca cultural, experiência... você acha que esses anos viajando, relativamente a essa troca cultural, influencia as suas decisões? Ou você acha que não? Seriam coisas separadas?*

**I:** Ótima pergunta, sim, ótima pergunta. Eu acho que não. Eu acho que não. Eu acho que eu sempre fui esse cara... Ou melhor, vamos lá... eu acho que eu sempre fui esse cara, porém, viajando o mundo, eu sei que eu posso ir muito mais além.

**Inv:** *Uhum.*

**I:** Eu acho que antes, eu não seria capaz de dizer que eu teria uma empresa multimilionária.

**Inv:** *Os grandes objetivos não mudam, mas o caminho seria isso, para chegar é que...*

**I:** Não, eu acho que eu não conseguiria nem vislumbrar, antes de viajar o mundo, que eu poderia ter uma empresa como a gente tem hoje.

**Inv:** *Entendi.*

**I:** Tipo, eu não me acharia capaz, porque hoje, eu realmente... eu tenho a certeza de que eu sou capaz de fazer o que eu quiser. Ah, Igor, o meu sonho é... Sei lá, um negócio bizarro, um negócio bizarro, aí eu vou conseguir fazer.

**Inv:** *Mas você acha que foi pela viagem, pelas trocas da viagem, ou os dois? Ou nenhum também?*

**I:** Eu acho que pela viagem.

**Inv:** *Por viver viajando?*

**I:** É, porque eu... quando você está viajando desse jeito, você, de certa forma, você está se colocando em situações de risco, você está furando a bolha. E grandes projetos têm risco, decisões grandiosas têm risco, não tem como não ter risco, senão é normal. É o vulgarmente, é o medíocre. Mas eu me expus tanto a risco, todos os dias viajando, que

hoje eu tenho certeza absoluta, não tem questionamento, será que eu consigo, será que eu sou capaz, será que não sei o quê. Eu sei que dá, dá para fazer, tudo dá para fazer, tudo, tudo. Se eu tiver o desejo mais bizarro do mundo, que eu quero fazer aquilo, dá para fazer. Eu vou dar um jeito, eu vou me virar, vou me conectar com as pessoas, me transformar em uma pessoa muito mais... *networking*, por ter tido experiência, saber lidar com todo tipo de gente. Cara, hoje eu consigo fazer acontecer, vamos supor... eu preciso de um investidor, alguém tal... Pô, eu consigo buscar um investidor na Índia hoje, eu sei lidar muito bem com uma cultura da Índia. Sabe, tipo... Então, o acúmulo de experiências, quanto mais eu experimentei o mundo, fizeram perceber que não há limites para os meus objetivos. O que eu decido fazer, super dá para fazer. É duro, os meus desejos não são fáceis, os meus objetivos, mas dá para fazer.

**Inv:** *E a partir da sua experiência, das reflexões de como isso impactou você e a sua vida, as trocas culturais durante todos esses anos... você acha... aí eu vou pedir para você fazer essa reflexão, a partir de você, da sua experiência. Você acha que o convívio com pessoas de culturas diferentes pode influenciar a maneira como a gente aprende, como a gente cresce enquanto ser humano?*

**I:** Sim, porque a gente fechado numa bolha, a gente é muito limitado àquele mundo ali. E naturalmente, não é nem porque a pessoa é maldosa, tem muito preconceito enraizado. Mas não é porque, ah, eu cresci numa família racista, tipo, não tem nada a ver com isso. É o que está fora dali assusta. Então... repete de novo a pergunta para mim.

**Inv:** *A partir da sua experiência com as trocas culturais, refletindo a partir de como isso te impactou, você acha que o convívio com pessoas de outras culturas pode influenciar a maneira como a gente aprende e cresce enquanto ser humano?*

Igor: Isso, então, porque eu vou estar muito mais aberto. Tipo, de novo, então... todo mundo nasce dentro de uma bolha, e essa bolha, ela tem limites, que o que está fora desse limite, não é porque a pessoa é maldosa, ela vai ter, sim, preconceitos. Vai ter, inevitavelmente. Por melhor que a pessoa seja, bondosa, não tem nada a ver, tem preconceito. O que está fora dessa bolha assusta. Então, a partir do momento que você consegue furar essa bolha, você está muito mais aberto, você tem muito menos preconceitos, né? Você já sabe que tem as diferenças, principalmente quando você cria

referências. Os dois lados do mesmo assunto. Um exemplo: Nunca fui uma pessoa preconceituosa, eu acho. Assim, eu sempre fui um cara do bem. Mas eu nunca tinha... olha, olha que bizarro. Eu nunca tive experiência com pessoas muçulmanas antes de viajar. Nunca... oito anos atrás. Agora eu estou escutando que no Brasil está tendo mais. Mas dentro da minha bolha, dentro da minha bolha, eu nunca tive experiência. Nunca falei, nunca conversei com muçulmano. Quando eu fui viajar, eu passei pelo aeroporto de Doha, Catar, eu vi todo mundo muçulmano, e eu me perguntei, será que eu sou bem-vindo aqui? Olha que bizarro. E as pessoas com o melhor coração que eu já conheci, são os muçulmanos. É impressionante o quanto eles têm um coração bondoso. Impressionante. É diferenciado. É diferente, assim, a caridade, o amor ao próximo, é diferenciado com eles. Eles têm uma educação diferente. É isso. Deu para responder essa pergunta?

*Inv: Sim, com certeza. E então, para a gente finalizar, eu queria pedir para você, se você quiser, é claro, compartilhar uma história de alguma interação, de alguma troca que você teve, que você sinta que teve um impacto significativo na sua visão de mundo, na sua experiência de mundo. É... Que transformou a forma, digamos assim, de pode ser de uma coisa específica, ou de, no geral, a sua experiência, sua visão de como o mundo funciona, como deve ser.*

**I:** Eu vou dar um exemplo de uma experiência que eu vivi na Índia... que a gente estava cruzando de van e a gente parou no meio do deserto, tipo, não deserto dunas, assim... uma cidade super desértica, mas no meio do nada. E lá tinha um vilarejinho de... sei lá, 20 casinhas, e nessa vilarejinho tinha uma lojinha, que, cara, se for para pegar todos os produtos lá... Ah, eu duvido que tinha 20 reais de produto na loja. Duvido. Eu acho que tinha 5 reais. É... E era uma senhora, mas bem velhinha, que estava cuidando da loja, e aí, a gente acabou a água, “caramba, acabou a água” e tal. E aí a gente parou nessa lojinha, ver se tinha água para vender, não tinha. Ela só vendia, tipo, umas bolachinhas, uns negocinhos assim, tipo... E aí ela, cara, ela... aí a gente falou “não, tudo bem, deixa quieto”. Assim, velho, ela insistiu de todas as formas para a gente pegar a água dela. E, tipo, ela tinha um balde de água e o acesso à água lá é muito difícil, eu tenho certeza disso. E até no meio da estrada tem umas bicas, um negócio assim, que você faz assim para sair água, sabe? Só que lá estava quebrado, os últimos que a gente passou, tudo quebrado, não funcionando, tal. Cara, ela insistiu demais para gente pegar a água dela. E

não era, tipo, uma garrafa, porque a gente precisava cozinhar, tal, a gente pegou, sei lá, uns litrinhos ali. E ela insistiu de todo jeito, aí a Charlotte pegou um dinheiro para dar para ela, ela não aceitou de jeito nenhum, velho... Essa foi uma experiência que, para mim, me trouxe uma nova perspectiva de quem não tem nada e te dá tudo. É... Um exemplo de experiência, acho que é esse.

**Inv:** *E você... Acha que... Dessa perspectiva você também...Leva, digamos assim, a sua vida?*

**I:** Eu acho que sim. Não tão radical quanto ela. Gostaria de ser um ser humano tão evoluído quanto ela, mas estou no caminho, que ainda falta muito para chegar aos pés dessa mulher, mas, assim, hoje fazemos doações em grande quantidade. Eu sei que a gente ajuda... a gente... mas a gente ajuda mais o próximo do que a maioria das pessoas. Mas ainda está muito longe do nível dessa mulher, né. Mas me influenciou, com certeza. E é uma experiência que eu levo. Foi muito bizarro. Foi literalmente, assim, não tenho nada e te dou tudo.

**Inv:** *Sim... Igor, eu vou parar de gravar agora. Muito obrigada. Vou só agradecer aqui na gravação. Muito, muito obrigada pelo seu tempo, por te permitir usar o seu tempo para pesquisa, para essa conversa que a gente teve. Foi muito enriquecedora, de verdade.*

**I:** Obrigada.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	EXCERTOS DA ENTREVISTA	ANÁLISE
<b>Habilidades e Competências</b>	<p><i>“[...] eu me tornei uma pessoa muito mais empática... flexível... apesar de compreensiva estar dentro de empática, vou até adicionar um compreensiva [...]”</i></p>	<p>Desenvolvimento de empatia, flexibilidade e compreensão com o outro.</p>
	<p><i>“[...] Eu consigo, graças a tudo de ter visto tantas diferenças, eu consigo... Eu sei chegar no sapatinho em todos os ambientes, com todo tipo de gente, trocar uma ideia de igual pra igual, com respeito [...]”</i></p>	<p>Desenvolvimento de habilidades de adaptação e sociabilidade, ligada capacidade de interagir, comunicar-se e se relacionar com outras pessoas em diferentes contextos sociais.</p>

<b>Experiência de vida</b>	<i>“[...] O meu tédio é no normal, é no todo mundo igual [...]”</i>	Ele expressa que se sente entediado em situações em que todos são iguais, que é o considerado “normal”. Isso sugere uma preferência por ambientes que abracem a diversidade. Sugere que situações homogêneas, de uniformidade, não são estimulantes ou interessantes. Portanto, ele parece valorizar a variedade e as diferenças como algo mais atraente e enriquecedor.
	<i>“[...]eu vi ao redor do mundo tanta coisa, tanta coisa boa, tanta coisa ruim, tantos problemas, mas tanta variedade que eu consigo, tipo assim... Por exemplo, as pessoas têm muito medo do amanhã, das incertezas do mundo, de não sei o quê e tal, e se tal coisa acontecer, eu não posso tomar nenhum risco na minha vida... E eu vi tanta gente sendo feliz, com tantas diferenças, pessoas que não têm nada sendo muito mais felizes do que quem tem tudo, que eu</i>	A experiência de contato com diferentes formas de vida aumento o repertório e referências de possibilidades que se traduz em uma autoconfiança relacionada à autonomia no processo decisório, permitindo a construção de um projeto de desenvolvimento centrado em necessidades próprias.


	<p><i>deixei de me preocupar com algumas coisas que são básicas para o ser humano como um todo, para as pessoas no geral. Eu sei que vai dar certo [...]”</i></p> <p><i>“[...] Eu, como nessa bolha, não existe comigo, eu to [gestual – em todo lado] ... Eu sei que, de um jeito ou de outro, as coisas vão acontecer.”</i></p> <p><i>“[...] o acúmulo de experiências, quanto mais eu experimentei o mundo, fizeram perceber que não há limites para os meus objetivos [...]”</i></p>	
	<p><i>“[...] Uma coisa que é interessante... eu não tenho religião e eu acho que eu não tenho como ter uma religião. Não faz sentido. Até porque, quer dizer, posso escolher uma religião, claro, mas eu vi que todas as pessoas... tem várias religiões que tem... cada uma delas tem bilhões de pessoas e não tem</i></p>	<p>A interação com indivíduos de diversas religiões levou o entrevistado à conclusão de que não é viável afirmar qual religião está correta, reconhecendo assim a validade de todas elas e impactando na sua decisão de não</p>

	<p><i>como dizer qual que está certa. Tem pessoas maravilhosas, pessoas do bem em todas elas, então isso com certeza me influenciou a não ter uma religião [...]</i></p>	<p>ter religião.</p>
	<p><i>“[...] Com uma coisa básica que eu aprendi, por exemplo, na Ásia, o jeito de limpar a bunda [...] Tipo, na Ásia, eu aprendi a me limpar com água [...]</i></p>	<p>Aprendizagem de uma prática diferente de higiene, ilustrando como a exposição a diferentes culturas pode envolver aprendizados práticos e cotidianos.</p>
	<p><i>“[...] Eu tenho muito mais flexibilidade. Eu tenho um... acho que não existe uma pessoa zero preconceito, mas eu tenho certeza que eu tenho menos preconceito do que a maioria das pessoas [...]</i></p>	<p>Reconhece a existência dos preconceitos, entretanto, se percebe flexível, o que possibilita a reavaliação e a disposição para se desvincular desses preconceitos.</p>

<b>Auto percepção</b>	<p><i>“[...] Eu diria que os choques culturais que eu vivi, eu passei por eles, deu tudo certo. Só me deixaram mais forte para entender que eu posso me enfiar em qualquer lugar [...].”</i></p>	<p>As vivências de choque cultural contribuíram para a sua adaptabilidade e flexibilidade, refletindo-se em uma postura confiante ao lidar com as diversidades.</p>
	<p><i>“Eu acho que eu tenho menos limites do que as pessoas normais [...].”</i></p> <p><i>“[...] Eu tô muito aberto a provar tudo o que tem no mundo [...].”</i></p>	<p>Se percebe como uma pessoa mais aberta para o outro e para as diferenças.</p>
	<p><i>“[...] Eu acho que eu me tornei uma pessoa mais interessante [...].”</i></p>	<p>Percebe uma mudança positiva em si mesma, caracterizando essa transformação como tornar-se uma pessoa mais interessante, devido profundidade e à complexidade que essas interações culturais agregaram a si e à visão de mundo do sujeito.</p>

<b>Percepção da realidade</b>	<p><i>“[...] A beleza do mundo, com certeza, está nas diferenças. É a coisa mais linda do mundo [...]”</i></p>	<p>Enfatiza a diversidade como algo positivo e belo, o que contribui para uma percepção mais ampla e inclusiva da realidade e do mundo. A ideia de que a riqueza do mundo reside nas singularidades.</p>
	<p><i>“[...] Você já sabe que tem as diferenças, principalmente quando você cria referências. Os dois lados do mesmo assunto [...]”</i></p>	<p>Complexificação da realidade na medida que aceita múltiplas abordagens do mesmo assunto. Criar referências diversas como com repertório para compreensão da realidade.</p>

<b>Alteridade</b>	<p><i>“[...] Eu nunca tive experiência com pessoas muçulmanas antes de viajar [...] Quando eu fui viajar, eu passei pelo aeroporto de Doha, Catar, eu vi todo mundo muçulmano, e eu me perguntei, será que eu sou bem-vindo aqui? Olha que bizarro. E as pessoas com o melhor coração que eu já conheci, são os muçulmanos [...].”</i></p>	<p>Nesse relato, fica evidente a relevância das experiências pessoais na desconstrução de preconceitos e na apreciação do outro. A perspectiva inicial do entrevistado, originada pela falta de experiência com o grupo social mencionado (o desconhecido assusta), foi transformada, levando-o a compreender o referido grupo de maneira que não antecipava.</p>
	<p><i>“[...] Eu acho que eu consigo interagir com todos os tipos de pessoa, com igualdade [...].”</i></p>	<p>Destaca uma postura de igualdade, sugerindo uma disposição para reconhecer e respeitar todos os tipos de pessoas.</p>
<b>Articulação cultural</b>	<p><i>“[...] Mas a base, eu acho que o item mais importante desse mundo eu vejo como a comunicação. E o que eu faço é o inglês híper simplificado. Com o inglês híper simplificado, todo mundo vai te entender [...] Ou você vai fazer uma mímica [...].”</i></p>	<p>A ferramenta para articulação cultural é a uma comunicação acessível que busca superar as barreiras linguísticas, seja com um inglês simplificado ou por mímica.</p>



*“[...] todo mundo nasce dentro de uma bolha, e essa bolha, ela tem limites, que o que está fora desse limite, não é porque a pessoa é maldosa, ela vai ter, sim, preconceitos. Vai ter, inevitavelmente. Por melhor que a pessoa seja bondosa, não tem nada a ver. Tem preconceito. O que está fora dessa bolha assusta. Então, a partir do momento que você consegue furar essa bolha, você está muito mais aberto, você tem muito menos preconceitos [...]”*

Compreende que na interação cultural é normal o estranhamento ao diferente e quanto maior o contato com as múltiplas formas de existências, maior o entendimento que o estranhamento não é uma ameaça, mas algo natural e que é superado, permitindo uma abertura ao outro.

### APÊNDICE B.3

- Joana\* (o nome foi alterado para garantir o anonimato da entrevistada), portuguesa, 30 anos, mediadora intercultural, residente em Portugal.
- Data da realização: 21 de dezembro de 2023.
- Duração da entrevista: 1h 28min

**Investigadora (Inv.):** *Vou então iniciar. Eu vou iniciar por outro programa, porque eu não sei como eu faço aqui pelo Google Meet.*

**Joana (J.):** Ok.

**Inv:** *Então, eu já coloquei para gravar. Aqui está gravando.*

**J.:** Ok.

**Inv:** *Então, muito obrigada. Bom, você teve acesso às perguntas, então vou... é uma conversa. eu quero que você se sinta muito à vontade. Qualquer... se você se sentir desconforto ou, enfim, não quiser responder alguma coisa, por favor, também fala. A gente muda de tópico, não tem problema nenhum.*

**J.:** Não tem problema.

**Inv.:** *É para você se sentir o mais confortável possível mesmo.*

**J.:** Ok.

**Inv:** *Então, a primeira pergunta que eu queria fazer é... Em que medida o seu cotidiano envolve o contato com outras culturas?*

**J.:** Bom, eu diria que... Eu diria pelo facto de trabalhar na área em que trabalho, não é? No território em que trabalho. E por viver num outro território adjacente a este, que acarreta ser um território marcado pela diversidade, acho que, portanto, este contacto com culturas, para além daquela que, pronto, considerada a cultura local ou de acolhimento, de facto é muito forte, é muito visível, é muito sentida no meu dia-a-dia em particular.

**Inv:** *Você mora num bairro também multicultural aqui em Lisboa?*

**J.:** Sim, sim, sim. Moro no bairro da G\*, portanto, que é um bairro diferente do bairro da Mouraria, não é? Tem uma... tem dinâmicas muito diferentes, seja do ponto de vista da interculturalidade, seja do ponto de vista daquilo que é a dinâmica social e econômica do lugar. Mas pode-se dizer também que é um território com uma população diversa.

**Inv:** *Legal. Eu morei em Arroios e ali é muito, muito multicultural.*

**J.:** Sim, sim, sim.

**Inv:** *Sair na rua é sempre um encontro de muitas culturas.*

**J.:** Exatamente.

**Inv:** *E diante desse contato intenso que você tem com essa diversidade cultural, você se sente confortável diante da diversidade cultural? e você acha... de que maneira essa diversidade contribui para a sua formação?*

**J.:** Ou seja, de forma que essas interações contribuem para o meu desenvolvimento ou para a forma como eu sou, digamos assim.

**Inv:** *Isso. É isso, exatamente.*

**J.:** Sim, eu acho que... Ou seja, eu acho que sem dúvida que esta forma de viver... Ou seja, viver num centro urbano, num bairro multicultural, exercer este tipo de trabalho e, quer dizer, estar em constante contato com pessoas que vêm de ambientes, de contextos e que têm vivências diferentes das minhas e referências até culturais, referências religiosas, crenças, formas diversas de ver o mundo, toda esta diversidade mesmo em termos de contexto, a não ser que eu estivesse absolutamente cega, não é? Cega, ou seja, não querer ver e não querer absorver toda esta riqueza, é que isso não me impactava de alguma maneira. Eu acho que para mim, pessoalmente, eu sinto-me mais confortável muitas vezes com pessoas com quem eu não partilho exatamente a mesma cultura ou a mesma formação, o mesmo percurso de vida, digamos assim, ou pessoas portuguesas, se calhar traduzindo mais. Eu, muitas vezes, sinto-me mais confortável com pessoas que não são portuguesas do que com pessoas portuguesas. E isso acho que também vem

muito deste constante contato e desta forma de estar, que não é uma forma de estar, ou seja, isso não é pensado, não é? Isto não é uma coisa pensada, isto não é uma coisa que eu acordo de manhã e digo agora vou a este sítio, ou vou... Não, **é como a cidade e a minha vida está estruturada de forma que efetivamente, constantemente, nos deparamos aqui com diversidade, seja em termos de nacionalidade, seja diversidade cultural, e que isto tem um poder muito forte na forma como eu vejo o mundo.** E desde há muito tempo, não posso dizer que foi quando eu comecei a fazer este trabalho ou quando eu vim e me mudei para esta parte da cidade, que isto se abriu na minha mente. Eu acho que já vinha de um contexto familiar cuja diversidade estava muito presente. Então, esta abertura para o mundo e para a sua complexidade já estava, digamos que já florescia. Eu acho que foi com os anos, obviamente, com a formação, com o estar neste eixo da cidade, o começar a questionar-me sobre essas questões de interculturalidade e tudo mais, multiculturalidade, assimilação, aculturação, que uma pessoa consegue melhor e com mais consciência e com mais razão perceber o que é que são, de facto, os fluxos migratórios, não é? Quais é que são as suas etapas, qual é que é o seu desenvolvimento, quais é que são os seus contextos. **E eu não me imaginaria Joana\*, hoje em dia, se esta diversidade não vivesse em meu redor. Eu tenho certeza que seria uma pessoa muito, muito, muito diferente. Não digo melhor, não digo pior, mas acho que certamente me faltaria muita sabedoria,** que é a sabedoria que vem do contato com o outro, que já não me é o outro, não é? Já não nos é o outro, já são relações de proximidade, de confiança e de respeito acima de tudo.

**Inv:** *Sim, com certeza. Eu tenho... é porque, assim, eu acho que sempre o contato com o outro, sempre vai nos trazer aberturas, não é? Mas eu tenho a impressão, e é por isso que eu estou fazendo..., faço essa investigação, que o contato com o outro de outra cultura potencializa isso, porque é isso que você falou, é um percurso de vida completamente diferente. Então, aquela pessoa vai te apresentar coisas que não estão ali no seu meio, geralmente.*

**J.:** Sim, sim, claro. E começa a ver, ou seja, **começas a perceber que, ok, sim, o mundo é muito gigante, muito complexo e tem muitas... é muito, muito, muito diverso, mas nada está assim tão longe de ti.** Eu acho que isso é absolutamente... é estupendo perceber que uma coisa que se passa na outra parte do mundo pode chegar até ti e pode chegar até ti não só porque, pronto, obvio, tens acesso a informação e só não sabes das

coisas quem não quer saber ou quem não... pronto, não ouviu falar delas, mas que as pessoas que as vivem, que as estão a viver, ou que as viveram, podem estar aqui no teu bairro e experienciar algo semelhante, não é? E se calhar aquilo até te suscitava curiosidade e pensas ah, não, se calhar eu tenho que atravessar o mundo para saber só mais sobre isto. E aquilo está ali, aquela experiência está ali embutida na figura de uma pessoa, não é? Ou num trajeto de vida e eu acho que isso é muito, muito fascinante, muito interessante.

**Inv:** *Sim, com certeza. E diante dessa diversidade cultural, você acha que existe alguma ferramenta específica que você considera útil, que você utiliza também para facilitar essa articulação das diferentes culturas, diferentes formas de ver o mundo?*

**J.:** Sim, eu diria que sim. Eu acho que, pronto, isto é a minha opinião, eu não sou, não sou, não sou doutora, não sou nenhuma especialista no campo da interculturalidade, realmente tenho alguma experiência empírica e, pronto, é nela que eu me vou basear para te responder. E que eu acho que é muito à base de *soft skills*, porque eu vejo, eu vejo, eu noto que muitas pessoas estudam nesta área e, de facto, existe muita teoria também já desenvolvida, não tanto em Portugal, mas já existe muita teoria desenvolvida nesta área para fazer a análise de qual é que é a melhor forma de intervir em mediação e tudo mais. Para mim, na minha experiência pessoal, o que eu tenho sentido, efetivamente, é que as maiores ferramentas, as ferramentas mais poderosas, são duas ferramentas, assim, bem simples. E uma é seres uma pessoa curiosa, por natureza, seres um curioso nato, seres uma pessoa que quer, efetivamente, que tem uma sede de perceber para além daquilo que é a bolha da minha existência. Portanto, esta curiosidade sobre o outro, sobre outro ser humano. E pode ser outro ser humano, pode ser uma pessoa da minha idade, que andou na escola comigo, pode ser um amigo, mas pode, efetivamente, ser uma pessoa que não tem nenhuma referência em comum comigo, seja ela cultural, musical, muscular, familiar, religiosa. E eu acho que isso me fascina muito. Eu tenho muita curiosidade de perceber como é que outra pessoa que vive num universo diferente do meu, pensa e vê as coisas que eu vejo e que nós todos vemos, não é? Qual é que é a sua perceção do mundo, tendo em conta as suas próprias referências, não é? E como é que ela encara a minha perceção do mundo? Essas são trocas que podem ser muito, muito giras. E, pronto, eu diria que ser realmente uma pessoa curiosa e ter uma escuta muito ativa, ser um ouvinte. Eu digo que na minha profissão eu passo muito

tempo a ouvir, eu passo muito tempo a... ou seja, a escutar o outro, a escutar no sentido de, sim, óbvio que nós lidamos com pessoas com muitas problemáticas, não é? Porque as pessoas, quando vêm até nós, vêm aqui numa situação de vulnerabilidade e de fragilidade. E é nessa medida em que existe esta escuta ativa. Desculpa, Juliana, só um minutinho. [contato com pessoa externa] Ah, desculpa.

**Inv:** *Nada.*

**J.:** Mas, também, esta escuta, porque as pessoas, quando partilham connosco uma determinada problemática, uma determinada questão que precisa ser resolvida, as pessoas não nos veem só com esta problemática cristalizada. Elas veem-nos com uma série de informação, com uma série de bagagem que querem, de algum modo, partilhar connosco. E essa bagagem, obviamente, que implica e que inclui a sua diáspora, o seu trajeto...

**Inv:** *Sim...*

**J.:** E a sua, e o seu quase, o seu desmembramento com a sua herança, com a sua herança cultural, com a sua herança familiar, com a sua herança local... com as suas referências, mais uma vez, com os seus códigos. E quando a pessoa partilha connosco parte da sua história, nós também temos a oportunidade, se estivermos a ouvir com muita, muita atenção, de perceber quais são estes códigos, de perceber quais são estas heranças, perceber quais é que são estas referências. Claro que não são, não é uma coisa que se faz em cinco minutos de conversa, não é uma coisa que se faz em uma semana de contacto, nem duas, não é? Mas podemos ir pressionando nesta escuta aquilo que vai para além da problemática.

**Inv:** *Sim, sim.*

**J.:** Eu não sei se estou a entender muito o sentido, sabes? Porque é raro quando as pessoas me perguntam sobre o que é que eu faço, ou seja, as pessoas perguntam muito sobre o que é que eu faço, no sentido da mediação em si, mas nunca me ponho a pensar sobre o que é que é a mediação. Então, é assim a sensação que eu estou a dizer assim muitas coisas um bocado esquisitas, um bocado polar, desculpa, Juliana...

**Inv.:** *Não, eu entendo e eu concordo totalmente... Eu acho e lembro que a gente conversou antes, lá atrás, sobre essa questão da curiosidade e da escuta ativa. São, de*

*fato... é muito importante, porque você só vai conseguir se conectar a partir disso. Se você estiver fechada, é isso que você falou... se você estiver em uma bolha e não quiser realmente trocar, aí você não tem... você tem uma barreira, que é a falta de curiosidade, a falta de escuta, você não quer conviver. Então, para mim faz todo sentido, é muito bom. Muito obrigada. E aí, acho que vai talvez ficar um pouco quebrado ou não... porque também tem a ver com essa questão da curiosidade, talvez da escuta ativa. Como o contato com essas, que eu botei nas perguntas, outra racionalidade, que seria mesmo essa ideia de uma outra bagagem cultural. Como isso afeta a forma como você se percebe como indivíduo, como você se vê? Você acha que isso afeta?*

**J.:** Essa pergunta é super, super, super pertinente. Sem dúvida, porque apesar de tudo, e bom, pensando que do ponto de vista da diversidade e da interculturalidade e da questão das migrações em Portugal, uma pessoa está muito consciente, porque estou envolvida nessa área, há aqui algo que me define também, que é eu sou uma mulher portuguesa, branca, com um certo nível de privilégio, que sou europeia. Há aqui uma série de fatores que me põem aqui, digamos, num pedestal de privilégio que eu não os posso negar. E lá está, por mais que esteja consciente daquilo que se passa em meu redor, é difícil tirarem-me isso. É quase que um *stamp*. É um *stamp*... para o bom. É uma vantagem sobre outras pessoas, em termos do alcance que nós podemos ter sobre as coisas. E eu acho que este contacto permite exatamente isso, que é percebermos o nosso nível de privilégio, mas ao mesmo tempo percebermos o quão ínfimos e o quão pequenos somos nesta imensidão que é a diversidade e que é a cultura. Quando nós pensamos, vou dar aqui um exemplo, por exemplo, eu tenho sempre isto muito presente, porque ouço muitos comentários assim... “o pah, os indianos vêm para cá, o que é que estas pessoas querem fazer aqui, depois vêm aqui, não têm trabalhos como devem ser e tal, são os coitados”, pronto, este tipo de discurso. Eu fico muito impressionada... ah depois dizem assim, “eles estão em todo o lado, eles estão em todo o lado”. Bom, efetivamente os portugueses também estão em todo o lado, não é? Nós também fomos lá meter bedelho em todo o lado. Nós quando falamos... eu fico a sério com muita vergonha alheia quando ouço pessoas a falarem assim, porque nós não temos a perceção que nós somos um país de 10 milhões de pessoas e que um país como a Índia é um país de 1 bilhão e meio de pessoas. 1 bilhão e meio de pessoas. Se estas pessoas estão escudadas, é pela sua cultura, é pelas suas crenças, é pelas suas tradições, muito mais profundamente do

que nós. Então quando nós nos metemos com estes discursos muito tradicionalistas, que vamos perder a nossa Portugal, que a nossa Portugal vai ficar aqui islamizada e vai ficar marcada pela migração e tudo mais, este tipo de discurso, isto é só para mim um discurso muito... que demonstra muito a nossa pequenez de mundo e a nossa pequenez de perceber que nenhuma nação, o mundo não é estanque, nenhuma nação é estanque. Vivemos num mundo globalizado, portanto o natural é que nós nos vamos misturando uns com os outros. As próprias tribos, as tribos, para se tornarem mais fortes, muitas vezes se juntavam, não é? e nós temos esta coisa da nossa tribo, o pensamento europeu cada vez mais é isto de manter a nossa tribo e de forma cada vez mais perigosa, privar as pessoas da sua livre circulação e da sua livre liberdade de escolha. Então... desculpa, eu me perdi da pergunta... [risos]

**Inv:** *Pode ir seguindo, pode ir seguindo, não tem problema...*

**J.:** E agora já estou só a dizer disparate. [risos] Mas, pronto, para concluir que de facto acho que tem um impacto muito grande na forma como eu me percepciono a mim pessoalmente, de perceber a minha posição de privilégio, mas ao mesmo tempo também de humildade, de perceber que somos muito pequenos.... Peço desculpa Juliana, só um momento. [falando com outras pessoas] E que pronto, a ver essa humildade e esse respeito, porque este território, isto não nos pertence, isto é tudo uma construção social, isto é uma construção histórica, não é? De que o pedacinho de terra português pertence aos portugueses. Isto é uma coisa que até me dá vontade de rir, não é? Os Estados Unidos é americano, o Brasil é brasileiro, tudo é da sua tribo, mas não, não é? E o mágico é isso. Então, quando nós nos metemos com este discurso político de segregação e de separação, eu acho que é do mais pequeno que a mente humana pode ter. Pensar que pode segregar seres humanos assim, não é? E foi capaz de o fazer e temos bastantes provas disso e continua a fazê-lo, não é? E isso é muito perigoso, não é? Mas ao mesmo tempo continuamos a ver em sítios onde, pronto, as políticas são minimamente vão ao encontro daquilo que são os princípios dos direitos humanos, que as pessoas vão sempre percorrer o caminho que tiverem que percorrer, independentemente do que é que a sociedade de acolhimento pensa sobre elas, ou... E eu acho isso um ato de coragem, eu acho isso um ato de coragem, porque eu não acho que as pessoas, quando venham, lhes digam propriamente as melhores coisas, por exemplo, de Portugal. Não acredito, não acredito... que Portugal é uma maravilha! Ali é que é uma coisa incrível, ali é que se

está bem. Não acredito que as pessoas ouvem que vai ser muito difícil. As pessoas já sabem que o percurso migratório, não é? É traumatizante, é penoso. Para países como o nosso, em que há uma grande taxa de desemprego, o plano de integração de migrantes é um plano muito parco, onde há uma crise gigante de habitação, que as pessoas... que a população de acolhimento não está, efetivamente, não está disposta a acolhê-las na sua plenitude e virem na mesma. Eu acho que isso é um ato de grande coragem. Eu acho que temos muito, muito, muito a aprender com isso...

**Inv:** *sim, com certeza.*

**J.:** E não ver as pessoas como... Eu acho que também existe muito esta coisa do assistencialismo, e embora muitas pessoas com que nós lidamos com veem em situações de vulnerabilidade e veem em momentos da sua vida muito frágeis, que estão a passar, muitas vezes, por stress pós-traumático, por algum tipo de trauma, de perda, de desmembramento, não é? Mas eu detesto pensar nas pessoas como coitadinhas. Eu acho que muito do que nós fazemos aqui é mesmo elevar as pessoas... ou pelo menos tentar elevar as pessoas. E muitas vezes as pessoas vêm vitimizadas e é normal que assim o venham. E eu digo sempre, muitas vezes, olha, tu para mim és uma heroína, porque eu não era capaz de fazer aquilo que tu fizeste. De atravessar o mundo, sozinha ou sozinha, e tu estás aqui. Estás aqui e estás a lutar. E isso... tens que olhar para ti como um herói. Tu não és, porque as pessoas... Porque os serviços públicos, porque toda a gente lhes diz, tu és um pobre coitado. Tu nem direito a um documento tens, tu nem direito a um subsídio tens. A sociedade está permanentemente a pôr estas pessoas para baixo. Portanto, obvio que as pessoas, a determinada altura, vão se sentir vitimizadas e perseguidas, ou desprezadas. E pronto, a forma como eu as vejo é, muitas vezes, numa posição de uma grande coragem e um grande heroísmo. E acho que isso me faz, também, percepcionar-me de forma muito humilde...

**Inv:** *É reconhecer, também, a história do outro. Porque quando a gente vitimiza, a gente tira daquela pessoa o papel dela de sujeito... do que ela viveu, da história dela.*

**J.:** **Porque as pessoas são protagonistas da sua história. As pessoas não são números. As pessoas têm uma identidade própria. E cada passo que elas deram, contou como cada passo que nós demos.** É tão estranho como é que nós desumanizamos tão facilmente o outro. Nós sentimos tanto a nossa vida. Eu, pelo menos, sou uma pessoa muito, muito

emocional. Eu sofro muito. Eu sofro muito porque eu sinto muito. Isto é *off the record*. Eu sinto muito. E a mim custa ver como é que nós somos tão implacáveis em desumanizar as outras pessoas. Quando nós nos vemos assim como o centro do mundo. Nós somos o centro do nosso mundo. A verdade é que somos. Por mais humilde que sejamos, nós somos o centro do nosso mundo. Então, sendo o centro do nosso mundo, como é que nós, com tanta facilidade, desumanizamos o outro?

**Inv:** *Nós somos o centro do nosso mundo e eles, os outros, são o centro de cada mundo...*

**J.:** Exatamente, exatamente.

**Inv:** *E você percebe, pelo que você está falando... você percebe mudanças na sua forma de pensar e entender o mundo devido a essas interações? E se você puder dar um exemplo de uma mudança que você percebe que aconteceu em função de alguma interação com alguma pessoa de outra cultura...*

**J.:** Sim, trabalhar nesta área, **trabalhar com pessoas de tantas partes do mundo, faz te mesmo conhecer o mundo.** Não conhecer né... Agora tu não és um especialista em história, nem ciência política, nem relações internacionais, mas **você começa a efetivamente conhecer o mundo e perceber como determinadas coisas funcionam em determinadas partes do mundo,** não é? Alguns exemplos. Perceber que... isto há coisas que nunca mais acabam, não é? Mas, por exemplo, perceber que na comunidade Sikh, pronto, que está bem representada em Portugal, é uma comunidade religiosa que renunciou ao sistema de castas, não é? Há milhares de anos atrás. E que, portanto, os homens e as mulheres têm um determinado apelido e as mulheres têm outro. Mas que dentro, no seio da sua comunidade, há pessoas que ainda perguntam entre si qual é que é o “seu verdadeiro último nome”. Com o intuito de perceber... então, isto é muito interessante, não é? Porque, embora a sua religião, a sua crença, defenda que não existe um sistema de castas e que todas as pessoas são iguais, homens ou mulheres, independentemente da sua religião, dentro da comunidade as pessoas ainda querem saber, efetivamente, por vezes, qual é que é a tua “verdadeira” origem. E isto de criar alguns conflitos, nomeadamente de onde é que as pessoas vão orar, por exemplo. As pessoas vão ao sítio A ou vão ao sítio B. Ou, por exemplo, perceber que na Índia é muito mais comum fazer-se uma cesariana do que se fazer o que nós chamamos de um

parto normal. Então, uma mulher indiana que chega aqui ao Sistema Nacional de Saúde para ter um bebê, um “parto normal”, para ela não é um parto normal. Se tu vens de uma determinada comunidade na Nigéria... um grupo étnico na Nigéria, o normal é tu teres passado por mutilação genital feminina. Mas tu não sabes que existe um nome para aquilo que te fizeram quando tu eras uma menina, para essa mutilação. E tu, enquanto mediadora... isto é *overwhelming*. É tipo, como é que... ok, então esta pessoa estava a descrever que passou por isto. Que por isso tem estas questões. Mas ela nunca me passa a mim que isto foi, digamos, uma prática nefasta. Foi uma violação. Ela não sabe o que aquilo foi. Ela sabe que aquilo lhe aconteceu como aconteceu a todas as meninas da vila dela. Ela não sabe que aquilo não acontece às outras meninas... às outras meninas daqui. E é brutal. É brutal pensar no mundo nestes termos. É brutal começar a ouvir a história das pessoas e começar a apanhar estas realidades, né... Que são o dia-a-dia. E que são a normalidade... a normalização de um ato num determinado sítio para nós é o oposto. É exatamente o oposto... estou a me lembrar agora destas. Tenho com certeza muitas, muitas, muitas mais. Mas acho que tinha que ir ao meu baú das memórias... tinha que ir ao meu baú das memórias.

**Inv:** *E como você acha que estas histórias, por exemplo, que são realmente chocantes para a gente. Como... Elas mudaram a sua forma de ver alguma coisa, de entender na sua vida. Você sentiu que isso impactou na sua vida pessoal? De uma mudança de pensamento, tipo “Eu achava isso... aí eu vi essa história. Isso que eu pensava, realmente...” Não sei agora um exemplo..., mas destas histórias que você trouxe, elas mexem, mexeram comigo agora. E aí pensar, fazer pensar as condições das mulheres no mundo. E faz eu pensar na minha própria condição de mulher.*

**J.:** Sim, acho que acima de tudo é isso. **Nós percebemos que não há uma forma de viver. Há milhões de formas de viver. Há 7 mil milhões de formas de viver. Ninguém vive de maneira igual.** E isto é brutal. **E não há uma forma certa de viver.** Nós temos muito esta coisa ocidental de que... pah, vais fazer a escola, vais fazer os teus estudos. E eu ainda vivo, sabes? Eu ainda vivo... E que eu vou ter este grande amor, e depois vou ter uma família. Estes romantismos todos. De que a tua vida vai ser uma linha reta. Mas pronto, à medida que vais crescendo vais percebendo uma série de coisas que te vai acontecendo. E vais percebendo, ok, não é por aqui. Mas quando tu estás em contato, lá está... Porque eu venho de uma posição de algum tipo de privilégio, né? Normalmente

as pessoas com quem eu lido vêm de um lugar de desprivilegio, não é? Já para começar, porque não são reconhecidas como plenas cidadãs no sítio onde vivem, a começar por aí... Mas isso é a primeira camada que eu vejo, mas há uma série de outras *layers* que vêm desde... muitas vezes até desde o dia do seu nascimento, não é? Então não há só uma forma de viver. Há milhões e nenhuma é certa. A certa é aquela em que tu... é que faz sentido para ti. Para ti enquanto indivíduo. Para ti enquanto pessoa. Não para ti enquanto, sei lá, mãe de X, filha de Y, mulher de alguém... E é triste porque tu também percebes que, uau... a maior parte das pessoas no mundo não estão a viver a vida que realmente queria viver. Mas está a lutar por ela. Elas não se apercebem do quão... muitas vezes, isto é forte. E por isso é que eu acho que é um acto de heroísmo. É tão mais fácil eu ficar aqui com a minha bundinha sentada no sofá à espera de dias melhores e a lamentar-me, do que ir e atravessar o mundo e fazer o que tiver que fazer e mobilizar quem eu tiver que mobilizar, muitas vezes até as próprias famílias, para mudar a trajetória da minha história ou a trajetória até de gerações. Então isso é uma informação brutal. Quando tu compreendes que há pessoas, que há muitas pessoas que estão a viver num estado de resiliência permanente, em busca de uma coisa que é quase ainda maior que elas. Porque quando eu vou à procura de melhores condições de vida, muitas vezes eu não estou a fazê-lo só por mim, não é? Eu estou a fazê-lo por um ideal ou estou a fazê-lo pela minha família ou por quem vem aí para as próximas gerações. E acho que é brutal pensar que também a maior parte das pessoas... vem de uma miséria, vem de uma condição de miséria no seu país, para vir viver outra condição de miséria. Embora seja absolutamente corajoso, eu não sei se as pessoas, muitas vezes, quando vêm, estão... era isto que elas imaginavam. Era esta a expectativa delas. E que vão chegar aqui e vão ter que lutar, se calhar, ainda mais. Porque quando estão lá, estão em situação de vulnerabilidade, mas as pessoas têm as suas redes, têm a sua família, têm o seu núcleo, estão no seu lugar de conforto, estão no lugar onde... que lhes é confortável, onde cresceram, onde nasceram, onde aprenderam tudo o que sabem. E as pessoas que estão em movimento estão nesta, nestes constantes desmembramentos e nesta constante adaptação a um novo espaço, a um novo lugar, a uma nova língua, a uma nova cultura, a um novo rolo de pessoas, de sociedade de acolhimento. Então, tu és, tens de ser quase um camaleão. E isso é absolutamente... eu acho que isso é mesmo muito, muito, muito forte pensar nisso. E também muito forte pensar, pronto, acho que me estou a repetir já, mas acho que é mesmo muito forte pensar a miséria, as condições em que as pessoas vivem e que às vezes não é uma opção sequer, fugir ou ir embora. Não é, é literalmente

viver ou morrer. E se eu ficar aqui, eu não vou sobreviver. E isso é absolutamente admirável. Então, quando me dizem que eles estão aqui, eles estão em outro lado, eles são não sei o quê, eles são não sei o quê, eu, honestamente, eu fico muito zangada. Porque acho que é de uma, acho que é, lá está, nós vivemos só na extensão daquilo que é o nosso umbigo, no diâmetro de aquilo que é o nosso umbigo. E é um diâmetro muito, muito pequenino e muito limitado. E não temos vontade de perceber o porquê que o outro está aqui. E que o outro não é um outro. Um outro sou eu numa outra circunstância, não é? Ou num outro nível de privilégio. Então, desculpa, depois que começo a falar, eu começo a me ouvir. Aí, valha-me Deus do céu.

**Inv:** *Isso é ótimo. É muito bom te ouvir, Joana\*, de verdade. E frente a essas disparidades, você consegue identificar ainda.... É, você acabou de responder, na verdade, essa pergunta. Eu acho que vou até pular, porque eu ia perguntar se você consegue identificar aspectos comuns entre você e os outros. E você acabou de fala “o outro sou eu em outra circunstância”. Você consegue, você considera que... você falou, são 7 milhões de formas de viver a vida. Isso impacta a forma como você leva a sua vida? Porque eu acho que isso dá um pouco de perspectiva pra gente... Assim, eu tô levando a minha vida.... Aí alguém vem e me mostra uma vida totalmente diferente. E aí a gente fala, pô, pode ser que eu faça uma coisa diferente também com a minha.*

**J.:** Sem dúvida. E também perceber que, pois, no fundo, o que nós sentimos, nós vivemos vidas completamente diferentes, com referências completamente diferentes. Aquilo que nós chamamos de nossa essência é a mesma coisa, no sentido em que nós sentimos as mesmas coisas. Nós queremos todas as mesmas coisas. Desculpe, estou a ficar sem bateria, Juliana. Se calhar vou ligar aqui no telemóvel. Pode ser?

**Inv:** *Pode, claro.*

**J.:** Vou ligar agora no telemóvel, para ver se isto não se desliga. Está bem?

**Inv:** *Está. Até já.*

**J.:** Até já.... Então, que de facto nós todos sentimos o mesmo e queremos as mesmas coisas. Eu sinto que há coisas que são comuns e são transversais a todas as pessoas com quem eu trabalho. Seja a todas as pessoas que se cruzam comigo ou com quem eu me cruzo, em qualquer sítio do mundo em que eu esteja, em qualquer que seja a condição

social e económica das pessoas, todas as pessoas querem a mesma coisa. As pessoas querem ter como viver com dignidade, viver com dignidade. As pessoas querem viver com dignidade e dignidade... As pessoas querem... Opa, muitas pessoas querem ser ricas, é verdade. As pessoas, acima de tudo, querem poder viver sem contar trocos. As pessoas querem poder viver e fazer escolhas. É isso. As pessoas querem poder viver e ter a possibilidade de fazer escolhas. As pessoas querem amar e serem amadas. As pessoas querem estar perto de quem amam. E as pessoas querem se sentir bem. As pessoas querem ter saúde. E não é muito mais complexo do que isto. Não é muito mais complexo do que isto. No fundo, independente... pessoas de tantas culturas, tantas religiões, tantas... em sítios tão diferentes do mundo, seja em Portugal, seja fora de Portugal, e as pessoas querem isto. Querem poder tomar decisões de forma independente. Não querem ter que depender de ninguém. Querem sentir-se amadas, querem estar junto dos seus, querem estar com o seu núcleo. E querem sentir-se bem. E sentir-se bem é sentir que fazem parte de uma comunidade que as respeita, onde elas são valiosas, onde elas exercem uma atividade. Ninguém quer... Eu não conheço ninguém, Juliana, que queira... Depois isto também vem quebrar um bocadinho aqui o discurso. Eu não conheço ninguém. Eu nunca conheci na minha experiência ninguém que disse assim... Eu quero... Ou que dê a entender...eu quero ficar a viver do Estado. Eu não quero trabalhar. Eu nunca conheci ninguém. Eu quero depender de alguém. Não. Eu não quero depender de ninguém. As pessoas querem ser autossuficientes... as pessoas ao mesmo tempo querem ser reconhecidas. E quando digo reconhecidas é... Querem ser respeitadas no seu contexto. No seu contexto laboral, no seu contexto familiar. As pessoas não querem ser invisíveis. **Acho que nenhum de nós, nenhum ser humano quer ser invisível.** E há muito até esta expressão que se usa com as pessoas indocumentadas. Os invisíveis. Porque eles são invisíveis ao sistema. O sistema invisibilizou-os. E se o sistema os invisibiliza, muito facilmente a sociedade também o vai fazer. Eu acho que nos cabe a nós, pessoas, migrantes, não migrantes, evitarmos que isso aconteça. Sempre elevarmos uns aos outros. Acho que só com esse sentido de comunidade e com esse sentido de partilha e de proximidade. **Porque nós não temos que ser iguais para nos apoiarmos. Nós não temos que ser iguais para nos compreendermos. Nós não temos que ser iguais para nos respeitarmos uma à outra.** O meu respeito por ti é uma coisa... é uma coisa... intrínseca. Tu não tens que me provar nada, nem eu tenho que provar nada a ti para nós nos respeitarmos mutuamente. E o que eu sinto é a condição de imigrante. É como se fosse um carimbo para o desrespeito. Porque tu és imigrante, tu és menor. Tu

és inferior. Tudo tens que dar em duplo, até ao ponto da humilhação. E no final as pessoas não te respeitam na mesma. E bom... isso para mim, é muito revoltante pensar. Que é difícil combater isso. Mas que nos cabe. Cabe a todos nós...

**Inv:** ...fazer uma parte.

**J.:** Sim, sim, sem dúvida.

**Inv:** *Com certeza.... Você já enfrentou, ou no seu trabalho, ou mesmo viajando, alguma situação de choque cultural? Se sim, como foi para você lidar com essa experiência de choque cultural?*

**J.:** Sim, acho que já vivi inúmeras situações de choque cultural. Acho que o choque cultural é uma constante no meu trabalho e na minha vida. Vejo como uma coisa absolutamente saudável. Acho que é algo... acho que pode ser algo muito saudável, esse choque cultural. Porque é exatamente o entendimento de que há outra forma de estar, de viver e de ver o mundo que não é a tua. Ou de experienciar um mundo que não é a tua. Assim alguma em particular... Hoje em dia, no meu trabalho, eu já não sinto assim... Ou seja, choques que sejam como se fosse o primeiro choque, digamos assim. Claro que muitas vezes um homem muçulmano não me querer apertar a mão, não é? Uma questão de dois corpos não se tocarem sem terem alguma relação de proximidade. Hoje em dia já não me faz a impressão. Hoje em dia já não faço assim diretamente [movimento de estender a mão] Faço com pessoas com quem tenho confiança. Espero que seja a pessoa a fazer-me se assim quiser... [pensativa]

**Inv:** *A frequência do choque diminui, digamos assim... O efeito...*

**J.:** Sim, sim, sim. Já não é um choque.

**Inv:** *“Já estou vacinada” ... Como se fosse isso?*

**J.:** Exato, exato. Eu acho que cada vez mais o choque cultural para mim é... Como é que eu vou dizer isto sem parecer uma doida varrida?

**Inv:** *Pode parecer...*

**J.:** Eu tenho sentido isto muito em viagem. E o que eu sinto cada vez mais, especialmente quando vou a sítios marcados pela pobreza, é... Mais... Eu tentar ser o

mais... Ou seja, eu também não quero criar um estereotipo sobre nada, entende-se? Por isso é que eu estou a tentar ter cuidado ao dizer aquilo que eu vou dizer. Mas o que eu fico com a sensação é que quando eu vou a estes lugares [marcados pela pobreza], estas pessoas que eu conheço, estes sítios onde eu vou, as pessoas têm muito menos do que eu. Muito menos. E toda a vida tiveram menos do que eu. E toda a vida terão menos do que eu. E menos em termos de matéria. Menos em termos de acesso. E menos em termos de mundo. Mas em particular nestes lugares marcados pela pobreza, marcados pela miséria, o que eu vejo é um sentido profundo de comunidade e um sentido profundo de valor à vida. De dar valor à vida. De dar valor ao estar aqui. Eu estou aqui e estou a respirar. Tu dás valor a isso, Juliana? Eu não. Eu muitas vezes não dou valor ao facto de estar aqui e estar a respirar. E tem sido um grande banho de humildade e de aprendizagem. Porque nós, de facto, estamos aqui. A viagem é muito curta. A viagem é curtíssima. E eu fico com a sensação, muitas vezes, que nós, neste lugar de privilégio, estamos a viver uma peça de teatro. Eu digo isto muitas vezes a pessoas que me são próximas. Nós estamos aqui a viver um ensaio sobre o que é a vida. Em que as nossas casas têm tetos altos, são bonitas. Em que nós temos plantas, as nossas janelas. Onde temos a nossa família que, acontecesse alguma coisa, ela cuida de nós. Onde temos um sistema de saúde que nos acolhe. Onde, onde... Bom, com mais ou menos dificuldade, o dinheirinho está lá no banco e nós vamos mexê-lo quando precisarmos. E vamos comer e vamos beber. E vamos falar dos nossos assuntos, dos problemas do *white people*. E falar dos nossos namorados e das nossas tretas. E sempre... E muitas vezes, não é sempre, mas muitas vezes com um descontentamento. E eu falo de mim. Eu falo muito de mim. De um descontentamento para tantas coisas. De uma insatisfação para tantas coisas. E eu fico tão envergonhada comigo. Porque depois eu volto àqueles lugares. E volto àqueles pessoas. E penso. Caramba! Estas pessoas estão a viver a verdadeira vida. Elas estão na luta pela sobrevivência. Nós estamos aqui. Nós não temos sobrevivência nenhuma para fazer. A nossa sobrevivência, o nosso nível de sobrevivência, de existência é mínima. E elas é que têm, todos os dias, é um *hustle* para, ao final do dia, tem que alimentar, tem que ter o comer e tem que ter para X pessoas. Então eu hoje vou sair de casa de manhã. Vou fazer 30 quilómetros, coisas nas costas, vender na rua, não é? Ou vou para o campo, trabalhar 12 horas, colher... não sei... colher açúcar, cana-de-açúcar, ou tabaco, ou o que for, ou feijão, ou inhame. Para alimentar a minha família. E nós vamos nos meter no metro. Ou se calhar estamos uns minutos a pé do trabalho. E estas pessoas, no seu *endure*, não sei como é que se diz

isto... na sua resistência, são... são mais felizes. Elas sentem-se melhor do que eu. Pessoa privilegiada, branca, ocidental, passaporte encarnado, patatá, patatá, patatá... Que nunca me vai faltar nada na vida. Tenho certeza. Me sinto. Quando eu sei que não vai faltar nada na vida. E todos os dias eu sinto alguma coisa de mal comigo. Eu sinto-me mal comigo. Ou porque eu estou insatisfeito, ou porque eu não estou bem, ou porque eu estou triste, ou porque blá, blá, blá. Ou porque alguém me disse alguma coisa, ou porque aquela não sei o quê, ou porque aquele não sei o quê. E estas pessoas ensinam muitas vezes, sem precisarem de fazer o que eu estou a fazer aqui, que é intelectualizar, ou tentar pôr em palavras coisas que deveriam ser inerentes à nossa existência, sentir-se bem. Sentir-se bem na sua fragilidade, na sua escassez.... na sua vulnerabilidade. Não é? E ser também ao mesmo tempo o que as torna tão fortes, e tão resilientes, e tão vivas, e tão generosas. E isso tem sido assim... Por isso é que eu gosto muito, eu gosto muito, muito, muito viajar. E espero que... espero mesmo que ter oportunidades em trabalhar lá fora e tudo mais. **Porque acho que acima de tudo há muito a aprender, há muito para aprender com pessoas que vivem vidas diferentes das nossas.** E particularmente nestes cenários seja de pobreza, de marginalização, algum conflito armado, estas pessoas viram coisas, experimentaram coisas que nós nunca vamos experimentar. Temos muito, muito, muito para ouvir. Temos muita escuta ativa para fazer. Acho que nisso as pessoas são tão mais sábias. Tão mais sábias.

**Inv:** *É verdade... E no tocante... no que diz respeito a sua... Na verdade, eu vou trocar a ordem da pergunta, porque acho que combina mais com o que você falou agora. Se você acha que convívio com culturas diferentes pode influenciar... você acha que convívio com pessoas de culturas diferentes pode influenciar a maneira como aprendemos e crescemos como seres humanos? Como? E aí você também pode trazer, se quiser, mesmo a sua vida, porque, como a gente está falando, a gente é o centro do nosso mundo. A nossa perspectiva vai vir também de como isso impacta a nossa vida.*

**J.:** Sim, eu acho que acima de tudo, no que concerne àquilo que é a nossa estranheza perante aquilo que nos é diferente. O ser humano tem... acho que isso está muito... explorado na psicologia... **Nós temos um estranhamento àquilo que nos é diferente. É absolutamente normal. É absolutamente normal. Se nós não o vimos antes, nós não o conhecemos, é normal que nos calque estranheza. Mas essa estranheza, digo eu, a forma natural... O que vem a seguir essa estranheza, o natural e o saudável, seria a curiosidade.**

E muitas vezes o que vem a seguir é o preconceito. E esse é o grande veneno da nossa sociedade. Então, eu acho, eu acredito mesmo que... imagina, isto até, por exemplo, no contexto escolar, não é? Quando as crianças vivem num ambiente escolar diverso em que várias nacionalidades se cruzam, em que há vários hábitos culturais, em que cada criança é livre de expressar-se livremente, com respeito, com amor, com carinho, com validação. Acho que isto tem uma relevância na construção destes jovens enquanto futuros adultos, não é? Futuros cidadãos, não é? Acho que isto tem um poder que é muito difícil até existir essa percepção logo na altura em que estes jovens estão nas escolas e estão neste ambiente diverso. Eu acho que isto vai ser até bem mais perceptível quando eles se tornarem jovens adultos. Desculpa lá, Juliana, só um bocadinho... [fala com alguém] Portanto, sem dúvida, eu acho que quanto mais tu estás em contacto com diversidade maior é o teu... maior é o teu espectro de estranhamento seguido de curiosidade. Quando tu te tornas esse ser curioso abres a caixa de Pandora. Abres a caixa de Pandora e tu queres saber de tudo. E às vezes até vai além das pessoas. Para mim, muitas vezes vai além das pessoas... que é... lá está, personalizar, obviamente, ok, esta pessoa vem deste país, onde existe esta cultura esta pessoa é representativa de uma comunidade, não é? Então, aí, pode ser... E depois, se tu fores à vida pessoal daquela pessoa ou daquele jovem, ainda mais detalhes, mais pormenores só vais-te a perceber daquela cultura, daquela experiência sensitiva de estar no seu corpo no seu contexto. Isto é muito, muito, muito interessante. Eu acredito mesmo no facto de ter estado desde muito jovem, pronto, a minha família ser assim diversa, estar em contato com pessoas sempre de outras nacionalidades, de outras origens... acho que isso me aguçou a curiosidade pelo mundo e a curiosidade por aquilo que é diferente de mim. Ou seja, eu quando cheguei aqui eu já entrei neste campo, eu já entrei nesta área com uma curiosidade nata e com um conforto no estranhamento... porque existia muita curiosidade, porque existia muito esse estímulo de estar em contato com outras pessoas, encontrar formas de comunicar com outras pessoas, mesmo que eu não saiba falar a língua delas e que elas não saibam falar a minha língua. eu sempre fui muito estimulada a isto... e isto ajudou muito no meu percurso. eu acho que, numa forma geral, e acredito mesmo que se as pessoas estivessem em ambientes... claro que já vemos que também em alguns contextos isso não resulta, não é? Aqui no bairro da Mouraria, infelizmente, tem um bocadinho essa problemática, não é? há aqui uma separação... embora as pessoas estejam em contato, as pessoas vivam, sejam vizinhas e haja ali dinâmicas de interdependência económica ou o que for... não há relação entre as pessoas, as pessoas

não querem saber umas das outras, as pessoas não estão interessadas, a maior parte das pessoas,... porque há este estranhamento, porque há este sentido de “ ah invadiram o nosso espaço, invadiram o nosso lugar” e agora este lugar, que tinha esta imagem, já tem outra... e dantes isso era assim, agora é assim... então há sempre esta nostalgia e há sempre... o outro é o culpado das coisas mudarem... as coisas mudam, as coisas mudam só, haja o outro ou não, as coisas vão mudar sempre... e acho que nas escolas, acho que nas escolas é um ponto fundamental de começar a existir esta troca e tem que ser uma troca tem mesmo que ser uma troca não pode ser só uma coisa unilateral, tem que existir uma coisa concertada entre... pronto, os vários atores da comunidade escolar e até, quer dizer, não é só na escola que nós aprendemos, não é? Nós aprendemos no café onde a nossa mãe ou o nosso pai vão tomar o pequeno-almoço todos dias, nós aprendemos no centro de saúde onde nós vamos, nós aprendemos... nós aprendemos em uma série de instituições... pelo menos eles têm esse dever educativo, não é? E quando nós vemos numa instituição de saúde ou de ensino racismo e preconceito, nós estamos a fazer com que aquilo se reproduza com muita facilidade, porque é o Estado, são pessoas que representam o Estado, a fazerem, então, isso valida quando qualquer pessoa que vai andar no Martim Moniz e queira chamar, enfim, um nome pejorativo à uma pessoa que veio não sei de onde, seja válido. Então, eu acho que era muito importante haver na escola e em várias organizações do Estado, aqui alguma formação... e lá está, as pessoas podem ter formação mais a nível técnico com algumas especificidades nas suas áreas, mas muita coisa eu acho que tem a ver com *soft skills* tem a ver com compaixão pelo outro tem a ver com respeito. eu não conheço, mas eu respeito, não é? é uma coisa completamente absurda... é chegar aqui alguém que não fala a minha língua e eu simplesmente partir do princípio que esta pessoa não... não merece a atenção que outro mereceria, não é? ou não tem os mesmos direitos ou acessar as mesmas coisas do que outro teria. Acho que isso é muito redutor e nós temos que parar de reduzir as pessoas porque as pessoas não são... as pessoas não são medidas. Nós somos plenos. nós temos que ser plenos, temos que ser todos plenos. Não há uns que são menos plenos do que os outros e isso é algo... é um trabalho que tem de ser mesmo ao fundo ao fundo ao fundo da estrutura sistémica e começar a desconstruir coisas, começar a partir, a partir, a partir, para depois se edificar com mais dignidade porque no fundo acaba por ser mais dignidade para as pessoas migrantes, para aqueles que são considerados o outro, mas também mais dignificante para quem está ali e, desculpa, para mim é só uma pessoa que está a fazer figura de parva. Para mim não é... a sério é mais grave do que isto porque a

pessoa está a ser racista e está a ser xenófoba e não está a fazer o seu trabalho como deve ser, mas no fim do dia se alguém está a olhar de fora para aquilo, a pessoa está só a ver uma pessoa profundamente ignorante, uma pessoa profundamente... sem os sentimentos à pele, sem emoções... lá esta, uma pessoa que está desumanizada... então o Saramago dizia, não é? cada vez menos saberemos o que é um ser humano. e acho que vivemos esses tempos, acho que vivemos muitos desses tempos, vivemos muitos... e acho que a esperança talvez passe muito pelos jovens, por aproveitar esta diversidade crescente, e pôr os jovens a trabalharem juntos por uma sociedade mais justa. Mais... em que haja igualdade na diversidade. e que a diversidade seja o cerne, a diversidade é a base. as tribos misturam todas.

**Inv:** *E você acha que no tocante a imaginação e a criatividade... a sua imaginação e a sua criatividade, a exposição com outras culturas impacta esses atributos?*

**J.:** isso é uma pergunta fantástica. Eu não... Bom, eu não sou a pessoa mais... não posso dizer que sou a pessoa mais criativa do mundo. ou seja, eu não sou uma artista, obviamente...

**Inv:** *mas a criatividade vai além...*

**J.:** agora, eu diria que tudo aquilo que é... como é que eu vou dizer isto... sim, sem dúvida, há uma grande influência, ou seja, esta experiência tem uma grande influência na minha imaginação na forma como eu penso e na forma como eu crio coisas, mas também em tudo aquilo que são as minhas experiências do dia a dia... desde a música, o cinema, a comida, o que eu... o que eu leio. Portanto, estes conhecimentos trazem, por sua vez estímulos que depois do ponto de vista da imaginação são muito frutuosos se eu os canalizo depois para uma coisa concreta... infelizmente ainda não cheguei a esse momento, espero um dia chegar, quando tiver menos trabalho... acho que não, que não os canalizo, mas acho que efetivamente não posso dizer que... chegue a casa e que como e que cozinho o que uma rapariga de 30 anos portuguesa, filha de uma mãe, de uma avó portuguesa, cozinhará ou que vejo os filmes de pessoas da minha da minha idade ou que têm interesses comuns aos meus se calhar veem ou que oiço todo o estilo de músicas e mais algumas de várias partes do mundo que se calhar várias pessoas que eu conheço não conhecem e que veem pura e simplesmente destas convivências, deste contacto... o que também do ponto de vista da imaginação me leva muito de... o

imaginário de... ok eu gostava muito de viver ou ver o que esta pessoa está a descrever... isso também me leva para a viagem. eu já ouvi falar... não, eu tenho que ir ver, eu tenho que passar por aquilo...

**Inv:** *isso é uma canalização? desses estímulos...*

**J.:** sim, sim, sem dúvida, e sinto-me muito, muito privilegiada e muito grata por isso. por poder ter esta experiência tão rica... só gostava de às vezes ter essa capacidade de sair um bocadinho daqui da posição de privilégio e de ser mais simples nas minhas... nas minhas... nas minhas emoções. poder voltar à base e não... e não... complexificar demasiado as coisas...

**Inv:** *Esses estímulos te trazem essa vontade?*

**J.:** sim... muito, muito, muito...

**Inv:** *De voltar a uma coisa mais simples? a uma vida mais simples? Seria isso?*

**J.:** sim, sim, sim, uma forma de... de facto de perceber a forma como queremos viver... de uma forma mais simples... sem grandes estereótipos, sem grandes... arquétipos daquilo que nós esperamos que deve ser ou que nos disseram, ou que idealizamos... às vezes deixaram um bocado as coisas acontecerem... tenho aprendido muito isso também, neste trabalho, deste este grau de espontaneidade das coisas... a probabilidade é que nada vai ocorrer como nós esperamos... essa é a maior probabilidade... acho que aceitar isso é muito difícil, mas quando aceitamos isso e aprendemos a viver com isso, encontramos aqui um estado de paz que acho que a maior parte de nós tem muita dificuldade em viver nesse estado de paz eu acho que esse trabalho, este trabalho em particular, esta intervenção, tem muito esta... esta potencialidade de nos trazer essa sabedoria e essa capacidade de ver o quão diverso é o mundo e que de facto nós somos tão tão pequenos, nós somos tão importantes e tão irrelevantes ao mesmo tempo, essa dualidade... e essa dualidade é tremenda, portanto é fazer aquilo que estiver ao nosso alcance, mas também não termos que nos pôr aqui numa posição de... de... nos sobrevalorizarmos nem nos subvalorizarmos.

**Inv:** *sim, com certeza.... Chegando ao final, só faltam realmente duas perguntinhas... não vou mais tomar seu tempo. De que maneira essa convivência... toda essa diversidade, tudo o que a gente falou agora, influencia, e se influencia, os seus*

*relacionamentos pessoais? relacionamentos pessoais, que eu digo, é... todos né... tipo amizade, família, amoroso... os relacionamentos pessoais no geral. Você acha que influencia?*

**E.2:** sim, sim, sem dúvida eu acho que tem um tem um poder muito forte de definir e de... e de... empoderar ou não as minhas relações. Digo-te honestamente que aproximo muitas vezes ou não das pessoas conforme... conforme a forma como elas veem o outro. Isso é muito importante para mim, é muito importante eu estar em... em alinhamento total com as pessoas que... que são que eu considero nucleares, não é? ou seja, para mim lugares de lugares-comuns de preconceito, de racismo, de xenofobia, de malvadez, desculpa... a mim não me servem. E atenção, eu não sou uma pessoa isenta de preconceito. Eu não sou um alecrim dourado, não sou... agora, eu quero muito aprender. Eu sei que eu nunca vou chegar aí, provavelmente, a ser um ser só... só de puro amor, só de puro amor. eu não vou ser Buda, nem vou ser Siddhartha, mas eu quero aprender a ser melhor e para mim, eu preciso estar alinhada com as pessoas em meu redor nesse sentido. portanto, para mim, eu nunca poderia relacionar-me com uma pessoa de extrema-direita, por exemplo, uma pessoa que tem convicções de extrema-direita, uma pessoa que tem... tem um discurso racista, uma pessoa que tem um discurso homofóbico, isso para mim não é possível. e eu também sinto que muitas vezes nas minhas amizades, eu, claro que tenho pessoas portuguesas que me são grandes amigos e que são pessoas muito próximas, mas muitas vezes sinto que acabo por me aproximar mais de pessoas que são... bom, do ponto de vista da nacionalidade, são diferentes de mim, não são portuguesas... não sei dizer concretamente porquê, talvez seja por um ambiente em que eu me encontro, não é? Acabo por encontrar mais coisas em comum com pessoas que não são portuguesas... e sim, e por exemplo a minha família de facto há ali algumas personagens que têm algumas... digamos... características que eu não... que eu não vou ao encontro daquilo que é... que são os meus princípios, e, portanto, são pessoas com quem eu tenho relacionamentos muito... muito timbrados pela cordialidade, pela educação, mas não há nada assim... nada que nos una para além do que, “olha, somos da mesma família”. Pronto... Em termos de relacionamentos, eu diria que eu tenho muito mais tendência para me apaixonar ou para me aproximar de alguém que seja diferente de mim... não vou dizer que, pronto, não sei, que não vou acabar com um português, com um português branquela simpático e

com bigode, mas... de facto, pronto, esta diversidade também... o meu imaginário... também se torna muito, muito, muito mais amplo e mais... não sei, mais interessante.

**Inv:** *legal... então para a gente fechar... se você quiser compartilhar alguma história de interação que você sente que impactou significativamente na sua visão de mundo e na sua experiência de mundo. Se você tiver alguma história desse contato que você pode olhar e falar, bom, a partir dessa história realmente a minha visão, experiência de mundo, mudou... por conta do contato.*

**J.:** bom, então eu vou te contar assim uma história... vou contar de forma muito breve, porque é uma história muito longa, então eu vou ser o mais resumida possível, vou tentar contar isto em dois ou três minutos. mas sim, efetivamente houve uma história, uma história de uma pessoa, que acabou por se fundir com a minha história, portanto, hoje em dia é a minha história também, que mudou completamente... ou que... não que mudou, mas que impactou profundamente a minha vida. Então, foi uma rapariga que era “beneficiária”, começou por ser uma beneficiária, do Nepal, que... pronto, que apareceu a pedir apoio, porque queria trazer a sua família para cá, queria trazer o seu filho e o... bom, seu ex-marido, na altura eu ainda não sabia que era ex-marido. Pronto... e eu começo a fazer o procedimento, ela falava muito mal inglês, não falava nada de português... e a determinada altura, pronto, eu começo a... como ela não se conseguia comunicar, eu começo a mexer nos papéis dela e tal, e pronto, e eu começo a perceber que ela está muito doente e que ela está com cancro, com 36 anos, ela está com um cancro na mama, um triplo negativo, que ela tem pouco tempo de vida, e que ela está... e que a saúde dela se está a deteriorar muito. e a determinada altura... eu não consigo perceber, eu ainda não sei se ela efetivamente sabe o quão grave é o estado de saúde dela... pronto, e isto começa... eu começo num caminho com esta mulher, com esta menina \*\* (nome ocultado), um caminho de 5 anos... que conseguimos trazer o seu filho, o seu ex-marido, a filhinha dela cresceu... e \*\* faleceu... entretanto, e durante 5 anos, fizemos todo o caminho... todo o caminho do tratamento fizemos juntas... todo o caminho de cuidado, todo o caminho daquilo que era a preservação do bem-estar dela, do bem-estar dos miúdos. Portanto, todo esse caminho nós fizemos juntas. eu podia te contar 100 mil episódios, mas, enfim, não quero fazê-lo porque ainda é uma história que me... que me toca muito. A \*\* faleceu em outubro do ano passado, portanto, é uma coisa recente... E a \*\* deixou de ser uma beneficiária e passou a ser uma grande amiga.

e durante 5 anos, nós nunca falámos a mesma língua. \*\* fala muito mal inglês, eu falava algumas coisinhas de nepalês, mas muito pouco e nós tornámos grandes amigas. Então para dizer que... que é esta coisa de comunicação... a comunicação vai muito além daquilo que é a língua. há coisas que nós não precisamos verbalizar em palavras. há coisas que sim, que são necessárias, mas nós conseguimos mover mundos e fundos sozinhos... as duas, enquanto equipa... pelo bem-estar dela e dos miúdos dela... sem muitas vezes conseguirmos comunicar verbalmente uma com a outra e nós conseguimos fazer. Ao desconforto de muita gente, nós metemos muita gente desconfortável... criaram situações em que eu fugi muito ao meu papel de mediadora, em que eu tive que... digamos que recorrer a outras ferramentas... um bocadinho mais incisivas para lutar pelos interesses da \*\*, porque lá está... as instituições de saúde não tinham essa... não a humanizavam enquanto paciente oncológica enquanto humanizariam um paciente português ou uma pessoa que se consegue expressar, e... pronto, e a \*\* acabou por morrer no Nepal, que era o desejo dela, contra todas as indicações médicas, disseram “não, ela não pode ir, ela tem que ir para um centro de cuidados paliativos”, mas não era isso que a \*\* queria, portanto foi por isso que eu lutei.. para que ela voltasse para casa e que ela morresse em casa e junto das pessoas dela, da família dela... e isso vai me impactar sempre, sempre, sempre, porque ela ensinou muita coisa sobre... sobre... resiliência humana, sobre coragem, sobre amor... que eu nunca vou esquecer e que... acho que preciso mais tempo para inteiramente compreender o que esta pessoa me deu e o que é que nós passamos juntas, porque foram 5 anos, foi muito tempo, foi muito tempo.

**Inv:** *Muito obrigada por partilhar essa história, é muito lindo. também, acabei me emocionando, porque é muito bonito uma história de amizade, uma história de amor, então muito obrigada.*

**J.:** Obrigada eu, Juliana.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	EXCERTOS DA ENTREVISTA	ANÁLISE
<b>Habilidades e Competências</b>	<p><i>“[...] Porque nós não temos que ser iguais para nos apoiarmos. Nós não temos que ser iguais para nos compreendermos. Nós não temos que ser iguais para nos respeitarmos uma à outra [...]”</i></p>	<p>Sociabilidade. Habilidade de reconhecer a diversidade e respeitá-la, essencial para uma convivência pacífica e saudável.</p>
<b>Experiência de vida</b>	<p><i>“[...] E eu acho que este contacto permite exatamente isso, que é percebermos o nosso nível de privilégio, mas ao mesmo tempo percebermos o quão ínfimos e o quão pequenos somos nesta imensidão que é a diversidade e que é a cultura [...]”</i></p>	<p>A capacidade de pensamento crítico, especialmente em relação à posição social de privilégio, e a consciência da diversidade cultural contribuem para deslocar o etnocentrismo, isto é, a maneira que se vive é uma das formas diante das várias possibilidades, reconhecendo a pluralidade de experiências culturais.</p>

*“[...] esta experiência tem uma grande influência na minha imaginação na forma como eu penso e na forma como eu crio coisas, mas também em tudo aquilo que são as minhas experiências do dia a dia... desde a música, o cinema, a comida, o que eu... o que eu leio. Portanto, estes conhecimentos trazem, por sua vez estímulos que depois do ponto de vista da imaginação são muito frutuosos se eu os canalizo depois para uma coisa concreta [...]”*

*“[...] mas acho que efetivamente não posso dizer que chegue a casa e que como e que cozinho o que uma rapariga de 30 anos portuguesa, filha de uma mãe, de uma avó portuguesa, cozinhará ou que vejo os filmes de pessoas da minha da minha idade ou que têm interesses comuns aos meus, se calhar veem ou que oiço todo o estilo de músicas e mais algumas de várias partes do mundo que se calhar várias pessoas que eu conheço não conhecem e que veem pura e*

Influência nas práticas de construção do cotidiano. A exposição a diferentes estímulos leva a diferentes formas de criação das práticas cotidianas, que por sua vez, têm o potencial de gerar mudanças nas formulações de ideias, comportamentos e em outros aspetos da vida, visto a impossibilidade de separar ser e construção do saber.

	<p><i>simplesmente destas convivências, deste contacto... o que também do ponto de vista da imaginação me leva muito de... o imaginário de... ok eu gostava muito de viver ou ver o que esta pessoa está a descrever... isso também me leva para a viagem [...]</i></p>	
	<p><i>“[...] digo-te honestamente que aproximo muitas vezes ou não das pessoas conforme... conforme a forma como elas veem o outro [...]</i></p>	<p>Se aproximar ou se distanciar de outros parece ser guiada pela consideração de como essas pessoas enxergam a alteridade.</p>
	<p><i>“[...] eu sinto-me mais confortável muitas vezes com pessoas com quem eu não partilho exatamente a mesma cultura ou a mesma formação, o mesmo percurso de vida, digamos assim, ou pessoas portuguesas, se calhar traduzindo mais, eu, muitas vezes, sinto-me mais confortável com pessoas que</i></p>	<p>A possibilidade de encontrar mais coisas em comum com pessoas de outras nacionalidades pode indicar que suas experiências compartilhadas transcenderam fronteiras culturais, indicando uma resposta direta à influência positiva que essas experiências tiveram em sua formação pessoal, promovendo uma</p>

	<p><i>não são portuguesas do que com pessoas portuguesas [...]”</i></p> <p><i>“[...] Acabo por encontrar mais coisas em comum com pessoas que não são portuguesas [...]”</i></p>	<p>abertura e apreciação pelas diferenças culturais.</p>
	<p><i>“[...] sinto-me muito, muito privilegiada e muito grata por isso, por poder ter esta experiência tão rica... só gostava de às vezes ter essa capacidade de sair um bocadinho daqui da posição de privilégio e de ser mais simples nas minhas... nas minhas... nas minhas emoções... poder voltar à base e não... e não... complexificar demasiado as coisas...[...] uma forma de... de facto de perceber a forma como queremos viver... de uma forma mais simples... sem grandes estereótipos, sem grandes... arquétipos daquilo que nós esperamos que deve ser ou que nos disseram, ou que idealizamos... às vezes deixaram um bocado as coisas acontecerem [...] “</i></p>	<p>Inspirada pelas trocas de experiências, a pessoa foi levada a refletir profundamente sobre sua própria vida. A compreensão de que a vida pode fluir de maneira mais fácil quando se abre mão do controle sobre os acontecimentos, permitindo um envolvimento genuíno com as experiências.</p>

	<p><i>“[...] tenho aprendido muito isso também, neste trabalho, deste este grau de espontaneidade das coisas... a probabilidade é que nada vai ocorrer como nós esperamos... essa é a maior probabilidade... acho que aceitar isso é muito difícil, mas quando aceitamos isso e aprendemos a viver com isso, encontramos aqui um estado de paz [...]</i></p>	
<p><b>Auto percepção</b></p>	<p><i>“[...] E eu não me imaginaria Joana*, hoje em dia, se esta diversidade não vivesse em meu redor. Eu tenho certeza que seria uma pessoa muito, muito, muito diferente. Não digo melhor, não digo pior, mas acho que certamente me faltaria muita sabedoria [...]</i>”</p>	<p>Identifica o impacto da diversidade na construção da identidade e na construção do saber.</p>

	<p><i>“[...] há aqui algo que me define também, que é eu sou uma mulher portuguesa, branca, com um certo nível de privilégio, que sou europeia. Há aqui uma série de fatores que me põem aqui, digamos, num pedestal de privilégio que eu não os posso negar.”</i></p>	<p>Reflete sobre sua própria identidade, reconhecendo diversos elementos que a definem, bem como a influência desses fatores em sua posição social, indicando consciência sobre as vantagens que essas características podem proporcionar na sociedade.</p>
	<p><i>“[...] Mas, pronto, para concluir que de facto acho que tem um impacto muito grande na forma como eu me perceciono a mim pessoalmente, de perceber a minha posição de privilégio, mas ao mesmo tempo também de humildade, de perceber que somos muito pequenos [...]”</i></p>	<p>Essa postura desloca a ênfase no eu, reconhecendo a própria pequenez diante da complexidade da vida.</p>
	<p><i>“[...]eu não sou uma pessoa isenta de preconceito. Eu não sou um alecrim dourado, não sou... agora, eu quero muito aprender [...] mas eu quero aprender a ser melhor [...]”</i></p>	<p>Admite a existência de seus preconceitos e manifesta disposição para aprender e desconstruí-los.</p>

	<p><i>“[...] esta diversidade também... o meu imaginário... também se torna muito, muito, muito mais amplo e mais... não sei, mais interessante [...]”</i></p>	<p>A diversidade enriquece o imaginário, ampliando-o e oferecendo mais possibilidades.</p>
<p><b>Percepção da realidade</b></p>	<p><i>“[...] Nós percebemos que não há uma forma de viver. Há milhões de formas de viver. Há 7 mil milhões de formas de viver. Ninguém vive de maneira igual [...] E não há uma forma certa de viver [...] Então não há só uma forma de viver. Há milhões e nenhuma é certa. A certa é aquela em que tu... é que faz sentido para ti [...]”</i></p>	<p>Não existe uma única maneira correta de viver, pois há uma diversidade infinita de experiências de vida. Cada indivíduo tem sua própria perspectiva e significado. Rompimento do pensamento dualista.</p>

	<p><i>“[...] é como a cidade e a minha vida está estruturada de forma que efetivamente, constantemente, nos deparamos aqui com diversidade, seja em termos de nacionalidade, seja diversidade cultural, e que isto tem um poder muito forte na forma como eu vejo o mundo [...]”</i></p>	<p>Identifica que a diversidade impacta a forma como entende o mundo.</p>
	<p><i>“[...] começa a perceber que, ok, sim, o mundo é muito gigante, muito complexo e tem muitas... é muito, muito, muito diverso, mas nada está assim tão longe de ti [...]”</i></p>	<p>Sugere a percepção da vastidão e complexidade do mundo e destaca que nada está verdadeiramente distante ou desconectado, pois há uma interconexão e proximidade que transcende as aparentes distâncias.</p>
	<p><i>“[...] isto é só para mim um discurso muito... que demonstra muito a nossa pequenez de mundo e a nossa pequenez de perceber que nenhuma nação, o</i></p>	<p>Questiona a concepção de pureza e uniformidade associada à ideia de nação. Destaca que a interconexão entre as nações é inescapável em um</p>

	<p><i>mundo não é estanque, nenhuma nação é estanque. Vivemos num mundo globalizado, portanto o natural é que nós nos vamos misturando uns com os outros [...]”</i></p>	<p>mundo globalizado, instigando uma reflexão sobre a necessidade de transcender perspectivas limitadas e valorizar a miscigenação e intercâmbio entre distintas culturas e nações.</p>
	<p><i>“[...] a ver essa humildade e esse respeito, porque este território, isto não nos pertence, isto é tudo uma construção social, isto é uma construção histórica [...]”</i></p>	<p>Consciência crítica relativa a noção de que os territórios são moldados por construções sociais e narrativas históricas.</p>
	<p><i>“[...] trabalhar com pessoas de tantas partes do mundo, faz te mesmo conhecer o mundo [...] você começa a efetivamente conhecer o mundo e perceber como determinadas coisas funcionam em determinadas partes do mundo [...]”</i></p>	<p>Conhecimento do mundo através das trocas culturais: ampliação do horizonte de compreensão e uma visão mais abrangente da realidade global.</p>

	<p><i>“[...] nós vivemos só na extensão daquilo que é o nosso umbigo, no diâmetro de aquilo que é o nosso umbigo. E é um diâmetro muito, muito pequenino e muito limitado [...]”</i></p>	<p>Reconhecimento de que a nossa percepção da realidade é limitada pela nossa experiência.</p>
	<p><i>“[...] essa capacidade de ver o quão diverso é o mundo e que de facto nós somos tão tão pequenos, nós somos tão importantes e tão irrelevantes ao mesmo tempo, essa dualidade... e essa dualidade é tremenda [...]”</i></p>	<p>Rompimento da lógica dualista e aproximação de um pensamento paradoxal, que expressa a complexidade da vida, onde, ao mesmo tempo, somos seres significativos em nossas experiências individuais e, ao mesmo tempo, apenas uma pequena parte do cenário global e na vastidão da vida.</p>

<b>Reflexão cultural</b>	<p><i>“[...] o pah, os indianos vêm para cá [...] depois dizem assim, “eles estão em todo o lado, eles estão em todo o lado”. Bom, efetivamente os portugueses também estão em todo o lado, não é? Nós também fomos lá meter o bedelho em todo o lado.”</i></p>	<p>A partir da reflexão sobre a forma de ser e agir de outra cultura, reflete sobre a sua, reconhecendo que também os portugueses migram e estão (e estiveram) em vários lugares.</p>
	<p><i>“[...] o pensamento europeu cada vez mais é isto de manter a nossa tribo e de forma cada vez mais perigosa [...]”</i></p>	<p>A passagem sugere uma reflexão crítica sobre as dinâmicas culturais europeias, relativamente a mentalidade que busca preservar a própria identidade de maneira potencialmente perigosa, com atitudes fechadas, que podem levar à exclusão de outros grupos ou culturas.</p>
<b>Alteridade</b>	<p><i>“Eu tenho muita curiosidade de perceber como é que outra pessoa que vive num universo diferente do meu, pensa e vê as coisas que eu vejo e que nós todos vemos [...] Qual é que é a sua perceção do mundo,</i></p>	<p>Identifica que há outras experiências válidas e está aberta a “avaliação” do outro. Além disso, indica curiosidade em compreender como indivíduos que vivem em universos diferentes</p>

	<p><i>tendo em conta as suas próprias referências, não é? E como é que ela encara a minha perceção do mundo? Essas são trocas que podem ser muito, muito giras [...]”</i></p>	<p>percebem e interpretam as mesmas coisas. Abertura para entender a perspetiva do outro e como essa perspetiva se relaciona com a própria perceção do mundo.</p>
	<p><i>“[...] Porque as pessoas são protagonistas da sua história. As pessoas não são números. As pessoas têm uma identidade própria. E cada passo que elas deram, contou como cada passo que nós demos [...]”</i></p> <p><i>“[...] Nós somos plenos, nós temos que ser plenos, temos que ser todos plenos. Não há uns que são menos plenos do que os outros [...]”</i></p>	<p>Reconhecimento e legitimidade da história de vida do outro.</p>

	<p><i>“[...] E que o outro não é um outro. Um outro sou eu numa outra circunstância, não é? Ou num outro nível de privilégio[...].”</i></p>	<p>Essa abordagem desafia a noção de uma separação rígida entre o "eu" e o "outro", pois se reconhece no outro. Na contenção de experiências e ações da espécie humana, a situação que o outro vive também poderia ser vivenciada por ela.</p>
	<p><i>“[...] E também perceber que, pois, no fundo, o que nós sentimos, nós vivemos vidas completamente diferentes, com referências completamente diferentes. Aquilo que nós chamamos de nossa essência é a mesma coisa, no sentido em que nós sentimos as mesmas coisas [...].”</i></p> <p><i>“[...] Acho que nenhum de nós, nenhum ser humano quer ser invisível [...].”</i></p>	<p>A aproximação pelo compartilhamento de emoções e desejos humanos, independentemente das diferenças culturais ou individuais.</p>

	<p><i>“[...] Porque acho que acima de tudo há muito a aprender, há muito para aprender com pessoas que vivem vidas diferentes das nossas [...]”</i></p>	<p>Compreensão e valorização das vidas diferentes da própria, ressaltando a ideia de aprendizado e enriquecimento por meio da diversidade de experiências e perspectivas.</p>
	<p><i>“[...] E que eu acho que é muito à base de soft skills [...]”</i></p>	<p>Habilidades interpessoais ou habilidades comportamentais, referem-se a características pessoais e habilidades relacionadas à interação e comunicação com outras pessoas.</p>
<p><b>Articulação cultural</b></p>	<p><i>“[...] seres uma pessoa curiosa, por natureza, seres um curioso nato, seres uma pessoa que quer, efetivamente, que tem uma sede de perceber para além daquilo que é a bolha da minha existência [...]”</i></p>	<p>Ser uma pessoa com interesse ativo em explorar, aprender e absorver conhecimento sobre o mundo que vai além das fronteiras da sua própria bolha existência.</p>

	<p><i>“[...] ter uma escuta muito ativa, ser um ouvinte [...]”</i></p>	<p>Escuta ativa envolve prestar total atenção ao interlocutor durante uma conversa, demonstrando interesse genuíno e compreensão.</p>
	<p><i>“[...] Acho que já vivi inúmeras situações de choque cultural. Acho que o choque cultural é uma constante no meu trabalho e na minha vida. Vejo como uma coisa absolutamente saudável. Acho que é algo... acho que pode ser algo muito saudável, esse choque cultural. Porque é exatamente o entendimento de que há outra forma de estar, de viver e de ver o mundo que não é a tua. Ou de experienciar um mundo que não é a tua [...]”</i></p>	<p>Choque cultural não é visto como algo negativo, mas natural, pois é o encontro de diferentes formas de estar e ver o mundo.</p>

	<p><i>“[...] Nós temos um estranhamento àquilo que nos é diferente. É absolutamente normal. É absolutamente normal. Se nós não o vimos antes, nós não o conhecemos, é normal que nos calque estranheza. Mas essa estranheza, digo eu, a forma natural... O que vem a seguir essa estranheza, o natural e o saudável, seria a curiosidade. E muitas vezes o que vem a seguir é o preconceito [...]”</i></p>	<p>Reconhece que é comum sentirmos estranheza diante do que é diferente e desconhecido. A questão não reside na experiência inicial de estranhamento, mas sim no desdobramento subsequente. O ideal seria cultivar a curiosidade para compreender o que é distinto; entretanto, frequentemente, o que se observa é a emergência do preconceito.</p>
	<p><i>“[...] Portanto, sem dúvida, eu acho que quanto mais tu estás em contacto com diversidade maior é o teu... maior é o teu espectro de estranhamento seguido de curiosidade [...]”</i></p>	<p>Identifica a relação entre o contato com a diversidade e a ampliação do espectro de experiências de estranhamento, seguido pelo despertar da curiosidade ou simplesmente o reconhecimento do diferente.</p>

	<p><i>“[...] a comunicação vai muito além daquilo que é a língua. há coisas que nós não precisamos verbalizar em palavras [...]”</i></p>	<p>Comunicação para além fala, de modo que abrange outras formas de linguagem.</p>
--	--	--

## APÊNDICE B.4

- Mariana Gomes, brasileira, 31 anos, rececionista, residente em Portugal.
- Data da realização: 22 de dezembro de 2023.
- Duração da entrevista: 54 min.

**Investigadora (Inv.):** *Então, queria agradecer o seu tempo, a sua disponibilidade para participar dessa conversa e também informar e garantir o anonimato, o seu, dos lugares, das pessoas que você mencionar, enfim, pode ficar bastante livre para falar o que você quer, o que você sentir. E se você se sentir desconfortável com algum tópico, também a gente muda, não tem problema.*

**Mariana Gomes (M.G):** Tá bem.

**Inv:** *Então, a gente pode começar. Em que medida o seu cotidiano envolve o contato com outras culturas?*

**M.G:** OK. Desde que eu comecei a viagem, o meu cotidiano sempre envolve contato com outras pessoas, profissionalmente, pessoalmente, tudo isso. Então, falando de âmbito profissional, atualmente eu trabalho com outras culturas. Não é tão profundamente, mas há, sim, essa troca, e às vezes até há algumas coisas que são muito parecidas de algumas culturas, outras de outras, assim, isso é bem, acho bem interessante... e acaba que é uma troca mesmo, às vezes a gente faz algum comentário e aí, a pessoa tá do outro lado e reage de uma forma, e a gente já até pensa assim, ah, talvez reaja dessa forma, porque vem de uma cultura um pouco mais preservada, então, assim, mas a minha... eu tenho total, total.. envolvimento, né, com pessoas de outras culturas e sempre foi assim desde que eu comecei a viajar, como eu trabalhava nos lugares que eu viajei, então, sempre foi, sempre foi dessa forma, assim... não teve um trabalho que eu não tivesse contato com um público de culturas diferentes, porque no Brasil é mais difícil, né, ainda mais que nós não trabalhava... que a gente não trabalhava em lugares que, com público, com muito público, né, sempre foi em empresas mais fechadas, enfim, mas depois da minha viagem, sim.

**Inv:** *E você se sente confortável diante da diversidade cultural?*

**M.G:** Muito confortável, muito confortável, e engraçado é que, assim, eu sempre me senti confortável, mesmo no começo da viagem, eu me sentia confortável com... imaginando isso, imaginando o dia que isso ia acontecer, me sentia confortável, não me sentia com medo, não me sentia, tipo, ah, como eu vou me portar e tal... não, eu sempre, sempre me senti confortável com a ideia de [fazer isso], e sempre muito curiosa em acontecer, por isso que eu também sempre gostei muito de ir para lugares completamente diferentes, assim, completamente, que não estivessem em nenhum... nem um pouco na minha... no meu... na minha zona de conforto de... de... de social, sabe? Porque eu costumo dizer que, assim, por exemplo, ah, europeus são diferentes, tudo mais, ok, mas ainda estão um pouco mais próximos da gente, mas pessoas de outras nacionalidades muito mais diferentes, por terem culturas diferentes, são... são mais diferentes, são... tá fora daquilo tudo que a gente, que a gente imagina, que a gente espera, então... eu sempre me senti muito confortável e... e fiquei cada vez mais confortável, ainda mais porque eu fazia *Couchsurfing*, então eu ficava na casa dessas pessoas e eu me sentia muito confortável de estar lá, porque essas pessoas também me colocavam numa situação muito confortável, então, eu nunca tive esse... nunca tive esse desconforto, sempre foi muito... sempre foi muito fácil para mim, assim, sempre.

**Inv:** *Sempre mesmo antes de você começar a viagem, antes de você... quando você morava ainda no Brasil?*

**M.G:** Quando eu morava no Brasil, eu não tinha essa... essa... esse... como eu posso dizer? Eu não tinha esse convívio, não tive esse convívio, algumas vezes... porque antes de eu sair do Brasil, eu já viajei também, já namorei uma pessoa de outra nacionalidade, mas, fora isso, eu nunca tive um convívio com pessoas de outra nacionalidade e a pessoa que eu namorei também não era... era italiano, então, não tinha tanta diferença assim, sabe? Mas, talvez, possa até ser por isso mesmo que eu... que eu sempre me senti à vontade, assim.

**Inv:** *E de que forma você acha que o contato com pessoas de outra cultura, contato com culturas diferentes, ela contribui para a sua formação? E aí, quando eu falo formação, não é uma formação no sentido profissional, porque quando a gente faz uma formação profissional, a gente faz para ter, aprender atributos ou, enfim, características específicas para uma função, mas a formação que eu quero dizer aqui é*

*na sua formação enquanto pessoa, enquanto indivíduo. Como você acha que esses contatos contribuíram e se contribuíram para a sua formação enquanto pessoa?*

**M.G:** Contribuí tudo, né. Assim, tudo, porque tudo é... tudo é diverso, eu acredito muito nisso, tudo tem diversidade, né? Até as pessoas que, da sua nacionalidade, tem diversidade, então, **estar com pessoas de outras culturas é abrir, assim, abrir a caixa,** sabe? **É olhar para o outro de outra forma, né? De forma que a mídia não coloca para você, de forma que a sua família, seus amigos não colocam para você, você está ali vivendo aquilo, né? Então, você vê com seus próprios olhos e aí... uma coisa que aconteceu comigo foi começar a pensar como aquela outra pessoa me enxerga, né? Como, porque não é... a gente não tem o mesmo olhar, né?** O nosso olhar é um olhar de brasileiro que cresceu num lugar X, que teve uma família Y, que teve vivências Z, enfim, então, **você começa a olhar para aquilo de uma determinada forma, que nunca foi apresentada a outra forma. Então, quando você sai disso, você acaba abrindo a sua mente um pouco para outra forma de olhar o mundo.** Eu nunca me esqueço de uma vez que eu estava nos Estados Unidos, que eu estava falando com... estava conversando com o pessoal chinês. E aí, estávamos falando sobre idade, sobre isso e aquilo, enfim, e aí, ele falou, ah, “você tem o quê? Tipo, 50 anos?” Aí, eu falei, “sério? 50 anos?” Aí, ele é, porque assim, na China, a gente não tem essa ideia da idade, a gente não sabe quantificar idades. A gente olha e fala, ah, essa menina tem 30 anos, aí tem, sei lá, 32, 34, mas ele estava me explicando isso, que os chineses não têm essa ideia de idade, que para eles é muito... eles não contam dessa forma. Então, foi engraçado isso, né? **Porque a gente acha que só tem a nossa forma de fazer e de enxergar as coisas e, na verdade, não,** né? Assim, não tem... E isso, então, isso foi muito engrandecedor para mim, foi enriquecedor, muito mais do que currículo, muito mais do que isso, sabe? Foi enriquecedor pessoalmente, sabe? Como pessoa, porque, por exemplo... outro exemplo... **dos muçulmanos, por exemplo. A gente... eu comecei a pensar assim, nossa, eles devem achar a gente muito estranho, né? Que a gente não usa o hijab, que a gente não... que a gente usa short curto, que a gente usa decote,** que a gente..., enfim. Então, é legal olhar também por essa forma e eu acho que o mais legal ainda, eu acho que é aí que a gente coloca em prática isso, é repassar para o próximo, para quem está próximo de você. Porque às vezes você viveu muitas coisas legais, mas você não bota em prática, né? Você não bota em prática aquilo que você viveu, aquilo que você aprendeu. E eu acho que eu coloco muito em prática, assim, o que eu aprendi e, sei lá, e

repasso, sabe? Eu não posso escutar uma coisa que eu falo, não, espera aí, acho que você está falando alguma coisa que talvez você não tenha tido a oportunidade de estar com esse tipo de gente. Talvez aqui você esteja falando porque talvez você não saiba da cultura da outra pessoa. Então... e acontece muito isso em Portugal, porque, por exemplo, tem muitos indianos, né? Aí as pessoas falam do cheiro dos indianos, de como eles dirigem, de como eles... Então, assim, eu estou sempre, dentro daquilo que eu sei, né, dentro daquilo que faz sentido na minha cabeça, eu estou sempre falando, “ah, talvez a cultura deles seja diferente, né?” Você saber que na Índia, desodorante é um artigo de luxo, por exemplo? você sabe qual é o tipo de comida que eles comem? sabe qual é o tipo de higiene que eles têm? enfim, sabe que no Norte é de uma forma e no Sul é de outra completamente diferente? Enfim... Eu acho que é importante a gente repassar, além de ter as experiências, repassar. Então, assim, eu posso dizer que mudou tudo na minha vida, tudo, assim, tudo.

**Inv:** *E essa mudança... como você acha que afeta, como você se vê? Como a Mariana se vê? Você acha que alterou... esse contato com outras culturas, também altera a forma como você pensa sobre você?*

**MG:** Nossa, sim. Sim, eu acho que eu me tornei uma pessoa muito mais... muito mais observadora, muito mais empática, muito.... óbvio, né, que às vezes a gente... óbvio que a gente também tem os nossos pré-julgamentos, também tem o nosso lado mais obscuro, o nosso lado que julga, o nosso lado que, enfim, né, mais negativo. Mas eu consigo me olhar quando eu tô tendo um julgamento, isso é muito legal. Às vezes eu olho, aí eu tô julgando, mas eu fico, ah, mas Mariana, pelo amor de Deus, né, você já viveu isso, você sabe porquê, você... entendeu? Então, não, não é assim. Então, eu tenho muito essa forma de me olhar de fora também, sabe, de um olhar de uma pessoa que tem experiências que muita gente não tem e que engrandece. Eu me vejo uma pessoa muito mais empática mesmo com o outro E às vezes até não só da cultura, de ter vivido a cultura do próximo, mas de ter vivido momentos que não necessariamente seja da cultura do próximo, mas momentos na viagem, naquele convívio ali que me fizeram olhar pra mim e pros outros de outras formas, assim

**Inv:** *E você percebe mudança na sua forma de pensar e entender o mundo?*

**M.G:** Sim. Nossa, com certeza.

**Inv:** *Em que sentidos?*

**M.G:** No sentido, até mesmo... Até mesmo nesse sentido do tipo, por que aquela pessoa tá fazendo aquilo? Ela tá... qual é a cultura dela? E às vezes não é nem só sobre a cultura, às vezes, por exemplo, é um brasileiro, né, e ai... que tem teoricamente a mesma cultura da gente. Mas aí tem acho que também a empatia no entender do por que aquilo ali tá acontecendo. Porque tem traços de tudo, de base familiar, de cultura, da onde que viveu, da onde nasceu. Porque às vezes até dentro de um próprio país tem culturas completamente diferentes. Por exemplo, o Brasil é multicultural. Então, eu sou do Rio, e uma pessoa que tá lá no Nordeste, sei lá, lá no Acre, vamos supor, que nasceu e viveu no Acre, tem uma cultura completamente diferente da minha. Então, acho que isso me fez mudar muito. **Basicamente falando mesmo, de pensar, de empatia, num grau de empatia, de querer pensar do por que que é assim, do por que que é assim..** E eu acho que esse exemplo que eu dei, dos indianos, eu acho que é um exemplo que fala muito dessa questão da mudança de mentalidade e de empatia. Do tipo, geralmente as pessoas são muito xenófobas com os indianos, enfim.... Então, que já tem as coisas ali, que indiano é sujo, indiano não sei o que, sabe. Então, eu sempre fico pensando assim, cara, as pessoas não sabem como é que é lá. É difícil pra eles virem pra cá, migrar, e tá num país que tem minimamente leis claras de trânsito. Às vezes também eles passam por uma adaptação, muito maior do que a nossa, por exemplo. Então, isso me fez mudar muito assim, sabe, muito, essa mentalidade empática mesmo com as pessoas.

**Inv:** *E você... essa empatia, essa flexibilidade, de olhar... você acha que isso também se refere à sua vida? À sua imaginação e criatividade? No sentido de imaginar... porque criatividade não tô falando no sentido de artista. Uma imaginação e criatividade da própria vida, dos próprios desejos, dos planos. Você acha que esses encontros contribuem, têm impacto nesses atributos da sua vida? Imaginar novas possibilidades, criatividade, pra sua vida, na sua vida pessoal?*

**M.G:** Tudo, assim, tem tudo a ver. Ter passado por essa etapa de viajar, de mudanças de planos, de às vezes estar num lugar e você precisa observar mais, e você precisa ser mais empática, ou você precisa ter um plano A, B, C, D, isso muda completamente a nossa forma de visualizar o mundo e nós mesmos, das nossas próprias experiências, do tipo... As mudanças que acontecem num mochilão, por exemplo, de planos, você acaba que, você fica um pouco mais resiliente, com a vida, eu acho. Porque você tá

acostumada com isso, você tá acostumada com as mudanças, você tá acostumada com mudança de lugar, de gente, de cultura, de tudo, de visual, de... sabe, mudanças às vezes de plano do tipo, ah, você fez um plano e não saiu o plano daquela maneira. Então você acaba que parece que qualquer coisa que aconteça na sua vida, você pode superar aquilo, porque você já passou por muitas coisas, você já viveu muitas coisas. E eu acho que essa maneira mais profunda de viver... é viajando. Eu sempre pensei nisso, acho que a maneira mais profunda de você viver é viajar. Porque eu acho que o viajar, ele te desafia em tudo, assim. A não ser que você faça uma viagem pra resort, aí não vai te desafiar. Mas se você fizer uma viagem pra você realmente aprofundar ali naquela cultura, eu acho que aquilo ali te traz muito mais do que só uma viagem, é muito mais. Então, sim, essa questão de você ser um camaleão, de você se adaptar, de você poder andar em tudo. E eu sempre tive essa percepção do tipo, ah, eu posso andar em tudo, eu posso andar em qualquer tipo de país, que eu vou conseguir me adaptar ali de alguma forma. Morar? Não, não em qualquer país, mas me adaptar ali pra passar um tempo, pra emergir ali naquela cultura? Sim. Então, acho que isso muda muito, assim, de como você lida com a vida e com os desafios que a vida tem pra você.

**Inv:** *E você acha que mesmo essas imersões temporárias em outra cultura que a viagem traz... Isso incorpora? É possível que essas imersões, ainda que temporárias, incorporem no seu dia a dia ou nos seus planos, as experiências que você viveu, essas trocas?*

**M.G:** Claro. Porque eu acho, assim... óbvio que, vamos supor, se eu passar dois meses num lugar, óbvio que eu vou me aprofundar mais porque eu vou ter mais tempo para ter experiências, para criar vínculos. Então, óbvio, isso aí, sem sombra de dúvidas. Mas, assim, só de você estar ali, num país e querendo vivenciar aquilo, porque também você pode ficar dois meses num país, se você ficar dois meses num resort, você não vai ter nada daquilo ali. Porque eu acho que é isso que muda, né? O que você quer? O que você quer ali nessa sua viagem? Na minha viagem eu sempre quis isso. Me... conhecer novas culturas, me desafiar ali num novo meio, o que é aquilo ali, como é que aquelas pessoas vivem, como é que aquelas pessoas falam, como é que aquelas pessoas comem, o que eles podem agregar, sabe, pra mim. Então, mesmo se fosse, tipo, três dias, eu tava ali aqueles três dias imersiva naquilo, sabe? Então, sim, isso muda porque, por mais que até seja uma visão um pouco mais superficial, dependendo do tempo que você fica no

lugar, você ainda assim tem uma visão, né? Porque eu acho que isso é importante, você ter uma visão e, às vezes, essa diferença de lugares, às vezes com a mesma religião, com a mesma... mas de diferentes formas, assim, de diferentes formas.

**Inv:** *E existe alguma ferramenta, e aí quando eu falo ferramenta, pode ser um comportamento, um pensamento, uma forma de agir que você considera útil pra facilitar a articulação das diferentes culturas?*

**M.G:** Com certeza, **acho que a melhor ferramenta é você estar de mente aberta... mente aberta e coração aberto, sem... despida de pré-julgamentos**, é tipo, não sei o que vai acontecer, mas quero que aconteça. Tipo, eu quero ver aquilo ali, eu quero entender aquilo ali. Não ir, por exemplo, até teve uma vez no Marrocos que a gente estava vendo meninas andando de saia, eu acho, não sei se foi no Marrocos agora, mas meninas andando de saia e eu acho, assim, eu acho que isso é uma forma de você não estar com a sua mente aberta, por exemplo. Porque você tá num país que não pede aquela vestimenta, ou não pede um tipo de conduta, ou não pede um tipo de fala, enfim, e você faz aquilo ali, pra mim, você não tá ali, você tá ali pra fazer uma viagem de Instagram, você quer tirar uma foto, você quer, enfim, ver um camelo, enfim, mas você não tá ali pra aquilo, entende? Então, eu acho que, independente do tempo que você ficar, você tem que tá aberto àquelas experiências E isso não significa fazer qualquer coisa, porque, às vezes, também tem a nossa integridade física, tem tudo isso, então, claro que nós também estamos livres pra falar, ó, isso aí não vai dar pra mim, ó, dessa forma também não quero... Mas, assim, eu acho que **a melhor ferramenta é você se abrir pra isso, se abrir pro novo, se abrir pra entender**.... pra isso mesmo, pra ver o novo, sabe? Sem essa coisa de, ah, isso é feio, ah, isso não sei, mas isso no Brasil não é assim... não, você não tá no Brasil, então realmente não vai ser igual, acho que ter essa percepção.

**Inv:** *E de que maneira essas trocas culturais que você teve, esses convívios, influenciou nos seus relacionamentos pessoais? E aí, relacionamento pessoal, família, amigos, as pessoas estão em volta de você... isso influenciou? Como você acredita, se influenciou... De que maneira isso impactou os seus relacionamentos? A forma como você se relaciona.*

**M.G:** Bom, então, pra mim tem duas vertentes aí, tem as pessoas que já estavam no meu ciclo familiar ou amizade ou amoroso, então isso aí influencia no sentido de trazer

as minhas experiências para essas pessoas, aí isso influencia pra mim, que eu faço questão de trazê-las, ou seja lá quando eu vejo alguém falando mal, ou seja lá quando eu vejo alguém tendo um prejulgamento ou seja lá quando eu vejo alguém falando bem também, eu falo, ah, realmente, é isso, isso e isso, ou enfim, alguém pedindo uma opinião e eu posso dar essa opinião, isso sim... aí tem o outro lado, é pessoas que não estavam comigo antes... então pessoas que não estavam comigo antes... Eu gosto muito de fazer novas amizades, eu gosto de conversar, eu tô sempre muito aberta pro novo. Eu acho que eu tô sempre muito aberta pro novo, então eu gosto de conversar, eu gosto de saber novas histórias, eu gosto disso, então pra mim as novas pessoas são bem-vindas, talvez não pra criar um laço de amizade pra sempre, mas eu gosto dessa troca. Então pra mim, ainda assim, é uma troca positiva e acho que eu não toleraria mais pessoas, pessoas que são preconceituosas, pessoas que mesmo com a informação, elas não param pra refletir, acho que isso muda, assim, completamente pra mim.

**Inv:** *E frente às diferenças culturais, você consegue identificar aspectos comuns entre você e o outro?*

**M.G:** Entre eu e o outro?

**Inv:** *Entre aquela pessoa que é diferente culturalmente de você.*

**Inv:** Ah, Ju... tem o aspecto que nós somos humanos, sabe, que nós temos uma base, todo mundo tem uma base, todo mundo tem uma história passada, todo mundo tem amores, tem amigos, tem uma família, mesmo que seja pequena, mesmo que seja uma família que sejam amigos a família. Eu acho que todo mundo tem, assim, essa parte da história, todo mundo tem uma história, seja lá você muçulmano, cristão, indiano, paquistanês, brasileiro, todo mundo tem a sua história, que é vista e vivida de uma maneira diferente por conta da cultura, mas ainda assim é uma história. Então... eu via muito isso, assim, eu sempre pensei desse lado, assim, ah, essa pessoa tem uma história, essa pessoa, às vezes não dava pra saber qual era a história, enfim... mas essa pessoa tem uma história, eu acho que isso é que nos une, somos seres humanos, .... Então, por isso que eu também nunca gostei dessa coisa do tipo, ah, brasileiros são dessa forma, ah... eu acho que cada... eu não gosto dessa generalização, sabe, eu acho que são pessoas humanas. Eu acho que tem sim coisas culturalmente, que agregam culturalmente, e aí também vai fazer diferença das vivências daquela pessoa... por isso

que eu volto aqui à ideia da história das pessoas, que são diferentes. Eu sou brasileira, meu marido é brasileiro, mas somos completamente diferentes, porque tivemos histórias diferentes, mas tivemos histórias. Então, eu acho que é um pouco por aí, assim, acho que é um pouco por aí.

**Inv:** *E a partir dessas histórias, a partir desses encontros, você acredita que é possível criar coisas comuns entre as diferenças culturais?*

**M.G:** Com certeza. Criar coisas comuns, sim, ainda mais se for uma pessoa de outra cultura que teve contato com outras culturas. E aí fica muito interessante porque aí você realmente... claro, tem pessoas que você tem mais... se identifica mais, tem mais coisas em comum, tem coisas... tem pessoas que você se identifica menos, é normal, acho que, por isso que eu digo, somos todos seres humanos, todo mundo tem uma história. Então, isso conecta, eu gosto de histórias, eu gosto de entender aquilo ali, então, isso conecta muito, assim, e todos nós temos histórias, então, acho que sim.

**Inv:** *E isso impacta nos seus... isso impactou nos seus planos de vida?*

**M.G:** Sim, muito, porque, por exemplo, o Brasil, ali no Rio... vamos falar de Rio de Janeiro, porque o Brasil é muito grande. No Rio de Janeiro, eu não vejo que é uma cidade múltipla, culturalmente falando. Não é em qualquer lugar que você vai ter pessoas do mundo inteiro. E até essas pessoas do mundo inteiro são pessoas que não são do mundo inteiro, são pessoas X, de certo tipo de lugar, e são mais escassas assim mesmo, a gente não vê muito no Rio de Janeiro. E isso foi uma coisa que eu pensei muito, do tipo, de morar num lugar que tem essa diversidade, porque eu gosto de viver nessa diversidade, eu gosto dessa... eu gosto disso, ali na esquina tem uma pessoa do Paquistão, aí eu vou ali no mercado e eu vejo uma pessoa com hijab, vejo um outro com turbante, eu gosto disso, eu me sinto bem e me sinto pertencente a esse tipo de sociedade, até já, até... por exemplo, tiver filhos,. Eu também queria que ele ficasse num lugar multicultural, porque eu quero que ele tenha essa vivência, porque isso muda completamente a percepção das pessoas, assim, completamente. Você fica mais múltiplo. Acho que você fica mais empático, acho que você fica mais respeitoso com o próximo, você entende melhor o próximo, você vê que as pessoas têm diferença. Assim como a diferença de cor, diferença de gênero, diferença de várias coisas, são pessoas, o nosso ponto em comum é que somos pessoas, somos pessoas.

**Inv:** *E essas características, de empático, que você atribui também a esse contato cultural, você acha que... você também usa pra se ver, porque a gente geralmente fala da empatia com o outro... do respeito, compreensão com o outro, mas esses atributos, digamos assim, essas características, você também usa, vamos dizer assim, pra se olhar e olhar seus planos, a sua história, o seu futuro?*

**M.G:** Acho que quando é com a gente é um pouco mais difícil, né... Eu acho.... acho que geralmente a gente tende a ser um pouco mais julgador conosco, eu acho, de... Acho que se olhar um pouco mais, com menos positividade, e às vezes nem se olhar, assim, às vezes nem se olhar, né... mas me olhando, às vezes eu me olho, às vezes eu faço uma auto avaliação, faço um... E sim, assim, eu me vejo uma pessoa muito mais... Na verdade, Juliana... é difícil eu pensar como eu era antes, porque eu acho que isso me mudou tanto, que parece que eu já sou assim sempre, eu sempre fui assim. Essa... Porque o mochilão foi um marco na minha vida, foi muito engrandecedor, assim, foi.... Dá até saudade, na verdade..., mas foi muito engrandecedor, então eu não me lembro mais da Mariana de antes, parece que eu sempre fui assim. E por um lado, eu acho que eu sempre fui assim mesmo, do tipo, não é alecrim dourado, mas assim, eu acho que eu sempre fui muito disposta à, sabe? por isso também que eu falei naquela outra resposta, do tipo, parece que eu sempre estive muito tranquila em conhecer o próximo, em conhecer uma outra cultura. Porque eu sempre me imaginei dessa forma, sempre quis, sempre busquei isso, então é difícil um pouco me enxergar, assim, de uma outra forma.

**Inv:** *E você já enfrentou alguma situação de choque cultural, estranhamento cultural? E se você já enfrentou, como foi pra você lidar com essa experiência?*

**M.G:** Engraçado, uma coisa que eu acho é que quando você viaja muito, as coisas parecem, as diferenças parecem diminuir muito, não parece às vezes que você tá tendo uma diferença ali. Porque parece que você já tá... já tá no mood de, ah, vou mudar de país e tá tudo bem, assim, pode vir o que vier, que a gente não fica mais, uau, caramba, que choque de realidade. Eu até vejo muito isso com o D\*, que, assim, às vezes a gente tá vendo algum programa de viagem e ele fica muito chocado com alguma coisa e eu fico, tipo, ah tranquilo, assim, pra mim não... Às vezes eu até fico, cara, isso é muito parecido com o Brasil, por exemplo, isso é muito... então, assim, acho que perde um pouco essa coisa do choque. Uma pessoa que já viajou bastante, mas, assim, viajou pra lugares diferentes, pessoa que viajou pra lugares diferentes, eu acho que tem menos essa

coisa do tipo, aaah nossa, às vezes pode até ser uma coisa que realmente é nossa, mas não é uma coisa que a gente fique... Não é um nossa do tipo, ah, poxa, diferente, mas não é uma coisa que choque num sentido de... pejorativo, né. Pra mim, pelo menos... Ah, que havia uma coisa que eu até tava falando com o pessoal lá do trabalho, eu não sei se você lembra, mas lá na Jordânia, a gente foi... a Mônica foi fazer macarrão e uma cara não sabia o que que era, tipo, ele não fazia ideia do que que era... Tipo, o que que é isso, sabe, o que que é isso, macarrão? Então, acho que isso é muito chocante, por exemplo, isso é uma coisa muito chocante, tipo, ah, porra, macarrão, macarrão todo mundo sabe o que que é, mas não, não tinha macarrão...e muitas casas não tinham televisão. Eu me lembro que muitas casas não tinham televisão e lá no Brasil, no Rio de Janeiro, qualquer casa tem televisão, assim, qualquer casa, pode ser a mais pobre que vai ter uma televisão. Mas não foi também uma coisa, tipo, oh, eu acho... eu acho... eu não vejo... então acho que também é o olhar que você lança praquilo ali... Eu não vejo diferenças, assim, oh, de tipo, pejorativamente, eu vejo diferenças, ah, realmente é diferente, é diferente, assim, de tudo que eu vi, mas é diferente e eu acho ótimo, acho legal, eu acho legal. Até as diferenças que são ruins, por exemplo... por exemplo, a Índia. A Índia é um país muito sujo, muito sujo, muita gente, muito pobre, muito pobre. Foi uma experiência que não foi chocante, mas teve muita coisa, assim... de diferença, sabe, mas que eu fiquei tranquila... teve muita diferença, muito diferente, mas não foi uma coisa que me chocou, não me lembro, assim, da vez que me chocou, pejorativamente, não me lembro.

**Inv:** *E, a partir da sua experiência, refletindo a partir da sua experiência de troca cultural e de como isso te impactou, você acha que o convívio com pessoas de culturas diferentes pode influenciar a maneira como a gente aprende, cresce como ser humano?*

**M.G:** Totalmente, totalmente... e eu tenho conversas dessas com o D\*, muito, muito, porque ele mesmo fala, ele mesmo fala das nossas diferenças, minha e dele, por causa dessas minhas experiências. No sentido... nesse sentido mesmo de conseguir enxergar o outro da maneira que ele é, da maneira que... só de você chegar e falar assim... só da pessoa chegar, nossa, mas poxa, véu e tal, usado, por exemplo, até vejo minha mãe, ela vai falar, nossa, mas essas mulheres, que usam véu, que isso, aquilo, tão estranho ... Não é estranho. Pra gente, pra elas, nós somos estranhos, então, assim, já parou pra pensar nisso? Que pra eles nós somos estranhos? Não tem só sua forma, entende? Então, assim,

muda tudo, muda completamente tudo. Muda sua vida, eu acho, muda tudo, porque muda a maneira até como você... eu acho que muda até a tua... a leveza do seu ser, sabe, a leveza, de você ser leve, uma pessoa leve, eu acho que muda muito também.

**Inv:** *Como assim?*

**M.G:** Ah, eu acho que a gente fica um pouco mais... mais leve mesmo, acho que a gente fica um pouco mais aberta, sabe, pra leva a vida um pouco mais de leveza... do tipo, não, não é grosseria, é a forma que eles têm, entende? Não, isso... até mesmo aqui em Portugal, sabe, as pessoas ficam, ah, porque eles são muito grossos, eles são... mano, eles são diretos, entende? **Aí eu fico assim, já pensou que nós brasileiros também, a gente tá sempre se justificando, sempre querendo dar um jeitinho, se a gente não vai, se a gente não vai, a gente fala, ah, vamos ver... mano, eles só falam, não, não vou, por que que o modo deles tá ruim, sabe?** Eu não entendo assim, eu não acho isso, então eu acho que isso eu vejo muita diferença. Não tô falando que é o bom ou o ruim, mas por isso eu vejo muita diferença com os outros, do tipo, ah, nossa, eles são isso, eles são aquilo, eu fico, cara, eu não acho, assim, eu acho que... eles só são diferentes, porque eles têm essa cultura, culturalmente. O brasileiro, ele é muito justificativo, ele é muito de, ah, não vamos deixar aparecer que a gente tá sendo grosso e tal, mas não é, amigo, é só... é só... você só precisa falar que não, não tem muito mais que isso. Então, essa é a leveza, assim, do tipo, não, ele não tá sendo rude comigo, ele só tá sendo ele mesmo, ele só tá falando que não, gente, é não, é não.

**Inv:** *E você... o D\* não viajou, não tem essa experiência de viagem como você, mas ele mora em Portugal, que também é um lugar que tem muitas culturas. Você acha que é mais fácil essa troca, quando você tá viajando, do que quando você tá morando?*

**M.G:** Ui, só um minutinho, só um minutinho... vai, vamos voltar, desculpa, vamos voltar...

**Inv:** *Quer que refaça?*

**M.G:** Quero, quero, pode refazer, por favor.

**Inv:** *Porque você tá falando que você tem muita experiência de troca cultural em função da viagem, que o D\* não tem. Mas vocês moram em Portugal, que você também comentou, que existe essa diversidade muito grande, você vê essa diversidade...*

**M.G:** Isso

**Inv:** *Você acha que é mais fácil essa troca quando você está viajando, porque ele também mora num lugar com diversidade. O que você acha que é a diferença?*

**M.G:** A diferença, assim... eu consigo passar muito pro D\*, muitas coisas, porque eu faço muita questão mesmo de repassar isso. Mas a diferença é que eu acho que eu tenho um pouco mais de profundidade com essa diferença cultural. Eu acho que hoje, por exemplo, o D\* já não fica mais, se vir uma pessoa com hijab, por exemplo, o D\* já não fica mais “Olha, olha” sabe? Já não impacta mais. Mas talvez ele não tenha essa questão do tipo, cara, pra eles a gente é que é diferente, entende? Acho que é esse tipo de questão um pouco mais aprofundada, de tipo, de pensar nisso... acho que talvez ele já não pense, porque pra ele já tá, visualmente já tá muito inserido na vivência dele. Isso realmente já tá, com certeza. Mas, assim... às vezes fala algumas coisas mais preconceituosas... enfim... Mas eu acho que realmente é por isso, de não ter essa vivência, assim... Eu acho que quando a gente tem, a gente fica um pouco mais, cara, calma aí, sabe? Acho que tudo tem um motivo, tudo tem um porquê de acontecer.

**Inv:** *A profundidade é essa convivência de troca?*

**M.G:** sim, a profundidade é essa. A experiência da troca, de você ficar na casa de uma pessoa, entendeu? De você estar ali vendo a casa da pessoa, os amigos da pessoa, o que que ela fala, o que que ela faz, como é que é o banheiro dela, como é que, sabe? Isso é uma intimidade muito grande, é muito bizarro, né... Porque se você parar pra pensar, são pessoas que você nunca viu, você não fala a língua, você não é da mesma cultura, você... nada, você não tem nada em comum com aquela pessoa. Se você parar pra pensar, você não tem nada, assim, em comum com aquela pessoa. Não sei, só se você realmente conversar muito com ela pra ver alguma coisa em comum, mas você não tem, superficialmente falando... Por exemplo, nós temos muitas coisas, cara... nós temos muitas coisas em comum... Como se fosse uma pessoa totalmente diferente de mim, brasileira, Ah, temos uma coisa em comum, somos brasileiras. Nem isso a gente tinha, não tinha nada. Então era... só de você estar na casa dessas pessoas, já é profundo demais, eu acho. Acho que a casa é uma coisa muito profunda. E a gente fazia isso, né... Então a gente vivia aquilo ali 100%, assim, 100%. Então, sim, essa profundidade é diferente, por mais que o D\* tenha essa vivência, mas o D\* nunca teve uma vivência

na casa daquela pessoa, nunca foi naquele país e viu aquilo ali... Não cozinhou com aquela pessoa, não, sabe, não... é diferente, são experiências diferentes.

**Inv:** *E, queria que, se você pudesse, se você quiser também.... Você compartilhasse uma história de interação com uma pessoa, com outra pessoa ou com a cultura diferente da sua, que tem impactado, que você acha que impactou significativamente a sua vida, desculpa... a sua visão e sua experiência de mundo.*

**M.G:** Tá.... Acho que na Índia, foi uma experiência muito, muito assim... De impactante, foi impactante. E foi um impactante legal, das diferenças, das pessoas, da casa das pessoas, que a gente pôde ficar em várias casas na Índia. foi ótimo.... Então, por exemplo, a primeira casa não tinha aquecedor, era um aquecedor de botar dentro da bacia, tomar banho de balde... E aí não tem papel higiênico, papel higiênico também é um artigo de luxo... Então, assim, é diferente. Essas coisas são muito diferentes e impactantes porque não está na nossa cultura, não é da cultura, nem da cultura europeia, nem da nossa cultura.... Então mudou muito, a Índia mudou muito. Acho que quem é que vai pra Índia e não muda, né? Essa é a pergunta. A pergunta é quem vai pra Índia e não muda? Assim, é porque não estava na Índia. Se foi pra Índia e não mudou, você viveu a Índia errada, porque não tem como você sair daquele país sem estar diferente com o seu olhar, assim... Para mim não tem como.

**Inv:** *Em que sentido isso impactou a sua visão, a sua experiência?*

**M.G:** Acho que no sentido de tudo, assim.... desde o básico do tipo no Norte não se come carne, no Sul se come, até a questão do tipo de Varanasi que as pessoas têm um ritual de queimar corpos e aquilo ser uma coisa legal, festiva e feliz... então... por conta da religião, enfim.... Então, isso muda muito, né? Acho que muda muito a maneira até como.... Muda tudo, muda a sua maneira que você vê o mundo, muda a maneira como você vê a morte, por exemplo. Muda a maneira como você vê pequenas coisas do seu dia. desde pequenas coisas, até.... desde pequenas coisas do tipo de agradecer por você ter um papel higiênico em casa, até coisas grandes do tipo... do tipo a morte, por exemplo. Que é um tabu muito grande e ali você vê pessoas que estão mortas e é proibido chorar, porque se você chorar a alma da pessoa dali demora... Algo assim, não sei se você lembra... Mas algo assim, tipo, não pode chorar, porque a alma... é difícil para a alma sair, alguma coisa assim, não pode chorar, eu lembro que não podia

chorar... Não era uma coisa triste, era uma coisa feliz, que é totalmente diferente da nossa cultura, por exemplo, que está todo mundo de preto, de luto, triste, chorando... Lá eles estão dançando, bebendo, lá eles estão dançando, estão felizes... vai ter um show logo lá depois de Hare Krishna, hindu e tudo isso, e está todo mundo muito feliz de estar lá... E isso é muito legal, assim. Porque muda, você acaba... **você repensa por que a morte é tão triste?** Por que que, enfim... Ou então, por que as pessoas não têm papel higiênico aqui? Por que que, sabe? São coisas que a gente pensa, assim... e.... Mas acho que a Índia foi bem impactante, assim, acho que a Índia foi a mais... A mais impactante.

**Inv:** *Ai... Muito obrigada.*

**M.G:** Já foi?

**Inv:** *Ah, se você quiser acrescentar alguma coisa, fazer uma pergunta ou acrescentar alguma coisa que você disse, fica à vontade... Você quer falar mais alguma coisa?*

**M.G:** Quero. Viajar é tudo. É, assim, o melhor investimento que a gente faz na nossa vida, sabe? É, **porque você achar que só existe aquilo ali que você está vivendo, é muito egoísmo. Primeiro, é muito egoísmo... segundo, que é uma visão muito fechada do quão grande é o mundo.** Se você imagina que só aquilo ali que você vive é o que todo mundo vive ou não existe outra forma... Eu acho que é até um pouco triste, é um pouco triste mesmo, porque... é tão engrandecedor, né? Viajar e estar com outras pessoas... estar aberto para isso que eu acho que se você não se permite é porque você não quer se permitir mudar, você não quer se permitir crescer, você não quer se permitir olhar de outra forma. Você quer sempre estar vendo da mesma forma e isso é triste, assim, para mim... Isso é... é triste, assim, para mim. Então... cara, viagem, viagem, sabe? Viajem, tenham essas experiências, mas experiências mesmo. Não viajem só para viajar, para tirar fotos. Façam... tenham experiências, porque no fim, a gente às vezes esquece até do lugar bonito que a gente foi, mas a gente não esquece das experiências que a gente teve, a gente não esquece das pessoas que a gente encontrou, a gente não esquece daquele dia na casa daquela pessoa, daquele aquecedor para botar dentro do balde, daquele potinho que estava ali em cima, a gente não esquece... a gente esquece, tipo, essa ponte aqui, qual é o nome dela? Não sei, mas nesse dia, naquela ponte, eu estava com aquela pessoa que me ensinou tal coisa, entende? Então, assim... viajar não é ir para outro lugar, viajar

é ir para outra cultura, ver outra cultura, viajar é viver momentos, entende? Então, é isso.

**Inv:** *Eu tenho, então, duas perguntas do que você falou. Uma é: Por que você acha que você não esquece esses momentos? E a segunda é: Viajar é um modo de você... seria acessar outras culturas de forma mais profunda. E isso é mais difícil vivendo no dia a dia?*

**M.G:** Tá, deixa... vamos fazer a primeira. A primeira é por que eu não esqueço?

**Inv:** *Por que você acha que a gente não esquece esses momentos?*

**M.G:** Não esquece porque são momentos que fizeram a gente se sentir viva. Fizeram a gente se sentir que a gente estava ali vivendo a vida e viver a vida... Sem muito sentimentalismo, mas assim viver a vida é muito bom, né? Viver a vida não dá para se esquecer e a gente vive quando a gente tem momentos, não acumulando dinheiro, objetos ou *checkzinhos* em lugares que a gente foi. A gente se sente viva tendo momentos, a gente se sente viva quando a gente fala assim, Ah, queria uma carona com cachorro e vem a carona com cachorro. Então a gente se sente viva nesses momentos. Da gente emanar pro mundo e o mundo trazer para a gente... E isso a gente teve muito no nosso mochilão, de... de se sentir viva mesmo, de estar vivendo aquilo ali e acontecerem coisas muito boas, às vezes momentos um pouco mais complicados, momentos um pouco mais tensos, mas assim acontecer coisas boas em pelo menos 95%, sabe? Então é difícil a gente esquecer dessas coisas. A gente esquece facilmente de... talvez até nome de lugares e tal, mas a gente não esquece de experiências. A gente não esquece... E qual é a segunda pergunta?

**Inv.:** *Porque a viagem é um modo de acessar profundamente essas outras culturas. Mas você acha que isso é difícil fora de uma viagem? Essa troca.*

**M.G:** Depende o quão... o quão empenhada você está para trocar. Eu acho que sempre há maneiras de você fazer essa troca cultural. Existem, inclusive, ferramentas, ferramentas mesmo, aplicativos para você ter essas trocas culturais. Então, assim... Ah, e também depende do lugar que você vive. Se você vive no Rio de Janeiro, por exemplo, é um pouco mais difícil, porque as pessoas... que não tem muito essa multiculturalidade, mas se você está em um lugar que te permitam mais isso, aí é mais

fácil. Sempre lembrando que, ainda que você esteja em um lugar multicultural, as pessoas têm a sua tribo. Cada um tem a sua tribo. Então, eu realmente acredito que viajando é onde você consiga acessar muito mais abertamente esse tipo de experiência. Eu acredito que sim.

**Inv:** *Porque no dia a dia é difícil você sair dessas tribos?*

**M.G:** É difícil sair da tribo, é difícil também você se conectar com pessoas, mas uma conexão real. Porque, assim, eu me conecto com pessoas todos os dias de outras culturas, mas não é uma conexão real, sabe? Eu não estou na casa deles, eu não estou perguntando... Eu não sei, eu não conheço nada deles, eu não sei nada sobre eles... então, assim, você viajando, você sabe, né? Você está ali com eles, você está na casa, você sai para fazer um passeio, você... enfim, tem um tempo com essas pessoas. Então, eu acho que viajando é a maneira mais... mais assertiva, mais fácil também de ter essa troca cultural.

**Inv:** *Mais tempo pra isso?*

**M.G:** Mais tempo para isso e eu acho que mais.... tem mais a questão também do tipo, você está viajando.... Aqui você está no seu país, assim, na sua casa, no caso... então, acho que na viagem, as pessoas estão viajando para isso, as pessoas que estão ali no mesmo meio. Estão viajando com esse tipo de... de ideia, de vontade, de troca. Então, acho que tem isso também.

**Inv:** *Muito obrigada pelo seu tempo, pela sua partilha da sua vida, das suas histórias, da sua experiência.*

CATEGORIAS DE ANÁLISE	EXCERTOS DA ENTREVISTA	ANÁLISE
<b>Habilidades e competências</b>	<p><i>“[...] Basicamente falando mesmo, de pensar, de empatia, num grau de empatia, de querer pensar do por que que é assim [...]”</i></p> <p><i>“[...] porque isso muda completamente a percepção das pessoas, assim, completamente. Você fica mais múltiplo. Acho que você fica mais empático, acho que você fica mais respeitoso com o próximo, você entende melhor o próximo, você vê que as pessoas têm diferença [...]”</i></p>	<p>Aprimoramento das habilidades sociais. Ampliação da compreensão, empatia, aceitação das diferenças. Adota atitude reflexiva para questionar e explorar as razões por trás das diversas manifestações culturais.</p>
<b>Experiência de vida</b>	<p><i>“[...] Então, assim, eu posso dizer que mudou tudo na minha vida, tudo, assim, tudo [...]”</i></p>	<p>Identifica a troca cultural como influência direta na sua experiência de vida</p>

	<p><i>“[...] E isso foi uma coisa que eu pensei muito, do tipo, de morar num lugar que tem essa diversidade, porque eu gosto de viver nessa diversidade, eu gosto dessa... eu gosto disso, ali na esquina tem uma pessoa do Paquistão, aí eu vou ali no mercado e eu vejo uma pessoa com hijab, vejo um outro com turbante, eu gosto disso, eu me sinto bem e me sinto pertencente a esse tipo de sociedade, até já, até... por exemplo, tiver filhos... Eu também queria que ele ficasse num lugar multicultural, porque eu quero que ele tenha essa vivência [...]”</i></p>	<p>Reflete a apreciação da entrevistada pela diversidade em sua vida cotidiana. Destaca o prazer em residir em um local multicultural, onde encontra uma variedade de pessoas com origens diversas. Sua preferência por esse ambiente multicultural é tão significativa que ela expressa o desejo de proporcionar a mesma vivência aos seus filhos no futuro.</p>
	<p><i>“[...] acho que eu não toleraria mais pessoa..., pessoas que são preconceituosas, pessoas que mesmo com a informação, elas não param pra refletir [...]”</i></p>	<p>Mudança em sua tolerância em relação a pessoas preconceituosas em sua vida.</p>

	<p><i>“[...] Muda sua vida, eu acho, muda tudo, porque muda a maneira até como você... eu acho que muda até a tua... a leveza do seu ser, sabe, a leveza, de você ser leve, uma pessoa leve, eu acho que muda muito também [...] A gente fica um pouco mais... mais leve mesmo, acho que a gente fica um pouco mais aberta, sabe, pra leva a vida um pouco mais de leveza... do tipo, não, não é grosseria, é a forma que eles têm [...]</i></p>	<p>Torna a vida mais leve, pois as experiências de interação não são levadas para o “pessoal”, no sentido de ataques pessoais. A compreensão de que a abordagem nas interações varia conforme a bagagem cultural contribui para uma perspectiva mais ampla e tolerante em relação aos diferentes estilos de comunicação.</p>
	<p><i>“[...]Muda tudo, muda a sua maneira que você vê o mundo, muda a maneira como você vê a morte, por exemplo. Muda a maneira como você vê pequenas coisas do seu dia. desde pequenas coisas, até.... desde pequenas coisas do tipo de agradecer por você ter um papel higiênico em casa, até coisas grandes do tipo... do tipo a morte, [...] você repensa por que a morte é tão triste? [...]”</i></p>	<p>O contato com outras formas de pensar, que se manifestam em maneiras distintas de compreender a realidade, provoca reflexões tanto sobre práticas cotidianas quanto sobre temas profundos da existência.</p>

<b>Auto percepção</b>	<p><i>“[...] uma coisa que aconteceu comigo foi começar a pensar como aquela outra pessoa me enxerga, né? Como, porque não é... a gente não tem o mesmo olhar, né? [...] ”</i></p>	<p>Caráter dialógico da identidade. A imagem que alguém tem de si pode não ser a que o Outro enxerga.</p>
	<p><i>“[...] eu acho que eu me tornei uma pessoa muito mais... muito mais observadora, muito mais empática, muito... óbvio, né, que às vezes a gente... óbvio que a gente também tem os nossos pré-julgamentos, também tem o nosso lado mais obscuro, o nosso lado que julga, o nosso lado que, enfim, né, mais negativo. Mas eu consigo me olhar quando eu tô tendo um julgamento, isso é muito legal [...]”</i></p>	<p>Percebe mudanças no tocante a empatia e sobre ser mais observadora. Reconhece seus próprios preconceitos e os aceita como possibilidade de mudança. Presta atenção em si e reconhece quando está realizando julgamentos.</p>

	<p><i>“[...] E eu sempre tive essa percepção do tipo, ah, eu posso andar em tudo, eu posso andar em qualquer tipo de país, que eu vou conseguir me adaptar ali de alguma forma [...]”</i></p>	<p>Se vê como capaz (confiança) de se ajustar e assimilar experiências em diferentes ambientes e culturas, refletindo uma mentalidade flexível e adaptável, em uma atitude positiva e aberta diante de diversas realidades culturais.</p>
<p><b>Percepção da realidade</b></p>	<p><i>“[...] você começa a olhar para aquilo de uma determinada forma, que nunca foi apresentada a outra forma. Então, quando você sai disso, você acaba abrindo a sua mente um pouco para outra forma de olhar o mundo [...]”</i></p> <p><i>“[...] Porque a gente acha que só tem a nossa forma de fazer e de enxergar as coisas e, na verdade, não [...]”</i></p>	<p>Ao se habituar a uma única forma de perceber as coisas, a visão tende a ficar restrita. Não há apenas uma forma de fazer/viver. Ao romper com uma perspectiva única e explorar diversas maneiras de enxergar o mundo, a mente se expande para acolher uma ampla gama de interpretações.</p>

	<p><i>“[...] porque você achar que só existe aquilo ali que você está vivendo, é muito egoísmo [...] segundo, que é uma visão muito fechada do quão grande é o mundo [...]”</i></p>	<p>Reflete sobre a limitação da visão e a tendência ao egoísmo quando alguém acredita que a sua própria experiência é a única realidade. Além disso, enfatiza a vastidão das experiências humanas e a necessidade de uma mentalidade mais aberta para apreciar essa amplitude.</p>
	<p><i>“[...] estar com pessoas de outra cultural é [...] abrir a caixa [...]”</i></p>	<p>Contato com pessoas de outra cultural como forma de expansão da percepção.</p>
<p><b>Reflexão cultural</b></p>	<p><i>“[...] dos muçulmanos, por exemplo [...] eu comecei a pensar assim, nossa, eles devem achar a gente muito estranho, né? Que a gente não usa o hijab, que a gente não... que a gente usa short curto, que a gente usa decote [...]”</i></p> <p><i>“[...] pra elas, nós somos estranhos, então, assim, já</i></p>	<p>Capacidade de se colocar no lugar do outro, questionando como sua própria cultura é vista por aqueles com práticas diferentes. O outro é estranho, mas a entrevistada também é estranha para o outro.</p>

	<i>parou pra pensar nisso? [...]</i>	
	<i>“[...] Aí eu fico assim, já pensou que nós brasileiros também, a gente tá sempre se justificando, sempre querendo dar um jeitinho, se a gente não vai, se a gente não vai, a gente fala, ah, vamos ver... mano, eles só falam, não, não vou, por que que o modo deles tá ruim, sabe? [...]</i> ”	Habilidade de analisar criticamente a própria cultura ao reconhecer e questionar comportamentos típicos.
<b>Alteridade</b>	<i>“[...] É olhar para o outro de outra forma, né? De forma que a mídia não coloca para você, de forma que a sua família, seus amigos não colocam para você, você está ali vivendo aquilo, né? Então, você vê com seus próprios olhos [...]</i> ”	Descolonização. Reconhecer que o outro transcende os estereótipos que criamos implica em adotar um olhar diferente, uma abordagem que busca compreender o indivíduo em vez de projetar nele nossas preconceções.
	<i>“[...] e acontece muito isso em Portugal, porque, por exemplo, tem muitos indianos, né? Aí as pessoas falam</i>	As características que atribuo ao outro têm origem na minha perspectiva cultural. Ao

	<p><i>do cheiro dos indianos, de como eles dirigem, de como eles... Então, assim, eu estou sempre, dentro daquilo que eu sei, dentro daquilo que faz sentido na minha cabeça, eu estou sempre falando, “ah, talvez a cultura deles seja diferente, né?” [...]”</i></p>	<p>conhecer o outro e sua cultura, torna-se possível compreender suas práticas.</p>
	<p><i>[...] tem o aspecto que nós somos humanos, sabe, que nós temos uma base, todo mundo tem uma base, todo mundo tem uma história passada [...] Eu acho que todo mundo tem, assim, essa parte da história, todo mundo tem uma história, seja lá você muçulmano, cristão, indiano, paquistanês, brasileiro, todo mundo tem a sua história, que é vista e vivida de uma maneira diferente por conta da cultura, mas ainda assim é uma história.”</i></p> <p><i>“[...] Assim como a diferença de cor, diferença de gênero, diferença de várias coisas, são pessoas, o nosso ponto em comum é que somos pessoas, somos</i></p>	<p>Reconhecimento de que todos partilham a condição humana e que a trajetória de vida de todos tem valor, transcendendo as diferenças externas.</p>

	<i>“pessoas [...]”</i>	
	<i>“[...] nesse sentido mesmo de conseguir enxergar o outro da maneira que ele é [...]”</i>	Enxergar o outro despido dos julgamentos e estereótipos, buscando a sua compreensão. Isso implica em reconhecer a validade das experiências e perspectivas do outro, mesmo que sejam diferentes das nossas.
<b>Articulação cultural</b>	<i>“[...]eu não vejo diferenças, assim, oh, de tipo, pejorativamente, eu vejo diferenças, ah, realmente é diferente, é diferente, assim, de tudo que eu vi, mas é diferente e eu acho ótimo, acho legal [...]”</i>	Diferenças com algo naturalmente esperado.
	<i>“[...] acho que a melhor ferramenta é você estar de mente aberta... mente aberta e coração aberto, sem... despida de pré-julgamentos [...] a melhor ferramenta é</i>	O uso de expressões como "mente aberta" e "coração aberto" indica uma postura de receptividade e disposição para compreender o que é diferente. A ideia de estar "despido de pré-

	<p><i>“você se abrir pra isso, se abrir pro novo, se abrir pra entender [...]”</i></p>	<p>“julgamentos” enfatiza a necessidade de superar preconceitos e estereótipos, permitindo uma verdadeira interação e entendimento intercultural.</p>
	<p><i>“[...] uma coisa que eu acho é que quando você viaja muito, as coisas parecem, as diferenças parecem diminuir muito, não parece às vezes que você tá tendo uma diferença ali [...]”</i></p> <p><i>“[...] a gente não fica mais, uau, caramba, que choque de realidade [...] acho que perde um pouco essa coisa do choque [...] não é uma coisa que a gente fique... Não é um nossa do tipo, ah, poxa, diferente, mas não é uma coisa que choque num sentido de... pejorativo, né [...]”</i></p>	<p>Viagem como forma de contato com outras culturas: Quanto maior o contato com diferentes culturas, menor o estranhamento e percepção das diferenças. As diferenças são compreendidas como normais.</p>

